

revista

# Insolente

ANO VI - Nº 22 - 27 DE MAIO DE 2018  
ISSN 2238-1414

**Literatura: uma categoria política**



Eunice Guimarães



# Editorial

A edição de maio de 2018 da *Revista Barbante* está especialmente rica!

Atendendo à nossa chamada para uma reflexão sobre o Golpe de 2016, Gilvan Santana de Jesus nos oferece o estudo “Processos de significação do *impeachment* da Presidente Dilma Rousseff na/pela mídia brasileira”. Com viés político, Ivânia Nunes Machado Rocha nos convida à reflexão a partir de “Literatura: uma categoria política”. Ainda na seção “Artigos”, Fabio Mario da Silva nos apresenta a poesia de Airton Souza, em “A solaridade da obra *Manhã cerzida*, de Airton Souza” e Aretha Ludmilla Pacheco Lira Barros, em “*Caldeirão*: quando a memória revela a história”, um estudo filosófico sobre a obra de Cláudio Aguiar. Outra abordagem a obra literária também pode ser lida: “Senhora de engenho: resistência e fragilidade feminina em *Fogo morto* de José Lins do Rêgo”, de Augusto Petronio Pereira. Já Margarida Maria Araujo Bispo nos contempla com um estudo sobre o cinema no artigo “*Babel*, quatro histórias entrelaçadas”.

A seção “Ensaaios” também apresenta texto sobre o golpe 2016: “Refletindo o golpe de 2016”, de Lidiane Almeida Silva. Além disso, traz “As Cantigas de Santa Maria – Séc. XIII” e “Leituras Cascudianas”, ambos de João da Mata Costa; e o belo “Depoimento: do autismo ao altruísmo, uma história de amor”, de Mirtes Veiga.

Em “Crônicas”, o texto de Bruno Elias “Sigamos o nosso caminho: Lula livre, Lula presidente” e “Tarde de sol”, de Gilberlan Santos.

Já em “Contos”, este número reúne: “Dominuscídio (ou a morte de meu pai)” e de Antonio Trindade; “Entre o asfalto e o infinito”, de Maíra Estela Santos.

Em “Literatura Infantil e Juvenil”, encontramos “O robôzinho medroso”, de Rosângela Trajano.

Na seção “Poesia”, uma surpresa especial: dois poemas da poeta e professora-doutora iraniana Ulker Ucqar, traduzidos por Christina Ramalho (a partir da versão em francês), mas também apresentados no idioma original, para que vocês confirmem o “*azeri*”. E, na sequência, uma galeria diversificada de poemas assinados por Antonio Trindade, Clécia Santos, Edson Santos, Fátima Gonçalves, Gilberlan Santos, Jean Sartief, Livia Ferreira, Maria Gabriella, Paula Belmino e Renata de Castro. O último poema, “Golpe”, de Christina Ramalho, encerra a contemplação do tema principal desta edição.

Em “Literatura de Cordel”, trazemos “Branca de Neve e os sete anões” de Rosa Regis.

A seção “Resenhas” traz uma bela resenha de Rosângela Trajano sobre o romance “As meninas” de Lygia Fagundes Telles.

Fechando este número, a seção permanente, assinada por Mario Brito-Semedo, *Esquina do Tempo*. Desta vez, Brito-Semedo nos presenteia com “Sport d’cinéma. Herói de cinema”.

Boa leitura! E continuem com a *Barbante*!

As Editoras



# Artigos

# SENHORA DE ENGENHO: RESISTÊNCIA E FRAGILIDADE FEMININA EM *FOGO MORTO* DE JOSÉ LINS DO RÊGO.

Augusto Petronio Pereira<sup>1</sup>

## *Resumo*

A liderança feminina no matriarcado predominou durante muito tempo até se enfraquecer diante da centralização de poder do homem. O matriarcado e o patriarcado marcaram suas relações a partir de sua força produtiva. Posto isso, como entender o processo de empoderamento feminino em um engenho do século XIX? A obra *Fogo Morto*, de José Lins do Rego, traz uma personagem que ocupou um espaço que não lhe fora reservado. Dona Mariquinha tornou-se senhora de engenho e se revestiu de autonomia para travar um duelo contra o genro e assumir o comando da empresa açucareira mais forte e produtiva do Pilar. Um título pouco usual para uma época marcada pelo senhoril patriarcal e para um contexto de dominação falocêntrica. Empoderar-se significa assumir autonomia e liberdade mediante transformações que o indivíduo se deixa fazer.

Palavras chave: Empoderamento. Engenho. Feminino. Mariquinha. Mulher.

## **Introdução**

A transgressão da mulher nas narrativas literárias é desafiadora. O rompimento de padrões estabelecidos nos submete a uma reflexão pertinente: o empoderamento da mulher é urgente. Entretanto, não é uma tarefa fácil, principalmente quando se vive em um espaço culturalmente masculino.

A dominação masculina é tão antiga quanto à construção da civilização. A predominância de sua força e a sua centralização de poder foi ganhando “corpo e alma” a partir do enfraquecimento da liderança feminina, do chamado matriarcado, nas tribos mais antigas de que se tem notícia. Homens e mulheres nem sempre, ou quase nunca, compartilharam dos mesmos espaços de poder simultaneamente. Muitas tribos e sociedades antigas tiveram inicialmente na mulher o seu poder central, muito embora essa não seja uma ideia em comum acordo entre antropólogos e historiadores. O matriarcado “caracterizava-se como um sistema organizado e dirigido por mulheres, na qual a maternidade, considerada um dom da natureza, conferia-lhes poder” (CARDOSO, Reolina, 1994). A passagem do matriarcado ao patriarcado se deu através do trabalho. De acordo com o pensamento marxista, todas as sociedades, independentemente do período histórico, fundamentam-se no trabalho. Explica-nos Reed (1980) que “Coube às mães converterem-se na maior força de trabalho produtivo, seja como operárias, camponesas, ou dirigentes da vida científico-cultural, acreditando que conseguiram isso justamente porque eram mães, e que, de início, a maternidade fundia-se com o trabalho”.

A. c. a sociedade agrícola já desenvolvera formas de desigualdades entre mulheres e homens, num sistema denominado de patriarcal, no qual o domínio ficara com os filhos e maridos. Quando houve o

---

<sup>1</sup> Formado em Letras Vernáculas – Universidade Federal de Sergipe (UFS). Pós-graduação em Literatura infantil e juvenil – Faculdade São Luís de França. Professor da Educação básica. Mestrando em Estudos linguísticos – UFS. Contato: alemaoguto@yahoo.com.br

deslocamento da caça e coleta para a agricultura, a igualdade entre homens e mulheres, foi gradualmente chegando ao fim, sendo beneficiado o domínio masculino em detrimento do feminino. Os homens passaram a ser considerados criaturas superiores às mulheres.

O papel da mulher esteve pouco presente nos estudos históricos. Há muito que a história tende a ignorar as mulheres e a interação entre os sexos. A escritora June Hahner expõe, no seu livro *A mulher brasileira e suas lutas sociais e políticas: 1850-1937*, a trajetória de várias mulheres em especial as brasileiras para que se pudesse:

Em potencial, a história das mulheres na verdade representa o oposto do interesse estreito e sectário que lhe foi atribuído por alguns críticos. Concentrar-se na “outra metade” da humanidade fornece uma oportunidade inestimável para escapar do quadro limitado da história tradicional, e ajudar-nos-á a alcançar uma visão mais abrangente do passado (HAHNER, 1981. p. 23).

Assim pode-se pensar a mulher no universo literário. Na obra *Fogo Morto*, José Lins do Rego criou uma personagem em um espaço que não lhe fora reservado. Dona Mariquinha tornou-se senhora de engenho, em oposição aos costumes e convenções, para assumir o comando da empresa açucareira mais forte e produtiva da região, uma vez que não queria a derrocada do empreendimento nas mãos do genro, um homem incapaz para o trabalho do campo. Um título pouco usual para uma época marcada pela aristocracia patriarcal e para um contexto de dominação falocêntrica. Empoderar-se nesse cenário foi/é uma tarefa quase impossível. Como se deu esse processo?

### **1. Fogo Morto: origens e contextos.**

*Fogo Morto* fora escrito no século passado, 1943, no auge do Romance modernista, período em que a maioria dos escritores nordestinos fazia um protagonismo de engajamento social, denunciando mazelas do nordeste brasileiro. A obra não põe o dedo na ferida da fome ou da seca, mas traz o nordeste açucareiro para a Literatura, e nele o cangaço, a religiosidade, a política dos senhores aristocráticos e principalmente a decadência do engenho. No transcurso desta obra, há um recorte emblemático, o conflito estabelecido entre uma mulher viúva, matriarca da família, nascida na agricultura e o genro, homem jovem, da cidade. Após a morte do seu marido, o capitão Tomás Cabral de Melo, Dona Mariquinha e Lula de Holanda, seu genro, disputam o poder e o controle do grandioso e produtivo Engenho Santa fé. O capítulo dois da narrativa inicia-se com a descrição da chegada do capitão Tomás Cabral de Melo na Várzea do Paraíba onde comprou um sítio no qual seria instalado o engenho em 1840. A narrativa põe em destaque a escolha da mulher com quem se casou, e observa com muita ênfase as habilidades domésticas dela.

O capitão Tomás Cabral de Melo chegara do Ingá do Bacamarte para a Várzea do Paraíba [...] trazendo muito gado, escravos, família e aderentes. Alguns de seus irmãos tinham-se casado com gente de Pernambuco. Ele preferiu uma prima, mulher de muito bom pensar, que só vivia para a casa, para os filhos, para a criação, para os negros (REGO, 1976. p. 135-136).

Os dois foram morar na Várzea do Paraíba, onde se estabeleceram antes da revolução de 1848, trazendo consigo gado, escravos, família e aderentes. O capitão, com muita dificuldade, conseguiu construir o seu empreendimento e se tornar um poderoso Senhor de Engenho. Chegou nestas terras como plantador de algodão, mas lutou para fazer o Santa Fé, nome que dera ao seu Engenho.

Um senhor de engenho possuía uma grandiosa e poderosa condição de administrador influente que ultrapassava as fronteiras de suas terras e chegavam a outros espaços como vilas, cidades e a política regional. Associado a isso, o cotidiano dos engenhos era marcado por continuidades, até mesmo a sua administração. Essa continuidade não contempla diretamente a mulher. O Santa Fé garantiu toda estabilidade social ao capitão, e mais que isso, um status ao se compreender que o patriarcalismo designa padrões de cultura associado com um status particular. Nisso, entende-se o conceito de patriarcalismo atribuído por Weber, “chama-se patriarcalismo a situação na qual, dentro de uma associação, na maioria das vezes fundamentalmente econômica e familiar, a dominação é exercida (normalmente) por uma só pessoa, de acordo com determinadas regras hereditárias fixas”. (WEBER, 2000. p. 184). Portanto é na autoridade doméstica que se caracteriza o patriarcado e neste se determina uma divisão sexual.

Ao pensar os gêneros no regime patriarcal, Gilberto Freyre diz que a mulher deve desenvolver competências e habilidades que possam diferenciá-la tanto quanto dos homens. “Enquanto o homem deve ser reconhecido enquanto sexo forte e nobre, ao feminino se reserva as atribuições da beleza, das artes domésticas, do afeto, da etiqueta”. (FREYRE, 1968. p. 93). Historicamente e culturalmente, a ligação entre patriarcado e família pode ser buscada na Roma antiga, através do **pater família**, senhor absoluto de toda população residente em sua propriedade. A base para a formação dessa identidade possui segundo ANDRADE E MACÊDO :

... uma dimensão material e corpórea, mulheres prestam serviços domésticos gratuitos, elas não têm uma expressão ativa, em reuniões sociais formam-se grupos distintos de homens e mulheres. A voz do homem impõe o seu poder e sua autoridade. É, então no âmbito da cultura e da história que se definem as identidades sociais (ANDRADE; MACÊDO; 2014).

O status de senhor de engenho encontra o seu significado no conjunto de suas posses. A casa grande exprime poderio, imposição e superioridade na compreensão patriarcal. No engenho a casa grande é simbólica

e representa todo um sistema econômico (o piano de cauda que viera do Recife para a filha tocar), social, político, de produção (monocultura latifundiária), de transporte, de religião, (o catolicismo de família), e de política. Nesse cenário, em meio a todo esse contexto, dona Mariquinha nos é apresentada como se fosse mais uma escrava da casa, ou melhor, da cozinha, subordinada e pronta para servir. “A mulher, cansada, de pele encardida do sol, de mãos grossas dos trabalhos da cozinha, de debulhar milho para negro, de cortar bacalhau [...]. Cuidava dos negros, cosia o algodãozinho para vesti-los, fazia-lhes o angu, assava-lhes a carne [...]” (REGO, 1976. p. 139-140). Na família patriarcal, a casa é baseada na hierarquia, com escalonamento de pessoas conforme ordem de importância.

## **2.2 A resistência e a fragilidade.**

A história de Dona Mariquinha, a personagem analisada neste trabalho, representa resistência e luta num cenário contrário a ela. Nessa história converge toda mulher que precisa da desconstrução para renascer ou retomar sua identidade, personalidade ou centralidade. No transcurso da narrativa, no capítulo dois, cujo título é O engenho de seu Lula, dona Mariquinha é descrita como uma mulher que só vivia para a casa, uma das principais razões de o capitão tê-la escolhido para ser sua esposa. Ao pensar no futuro da filha, precisamente no matrimônio, projeto encarado como negócio nessa época, a mãe rompe com esse padrão ao pensar que o casamento deveria trazer à filha algo que ela não pode ter: um marido que lhe fosse sensível. A filha, depois dos estudos, conseguiu casar-se com um primo chamado Luís César de Holanda Chacon, homem de boa aparência e trato fino, o tipo certo para se casar com Amélia, segundo o seu pai. Casaram-se e permaneceram ali mesmo, na casa grande, espaço legitimamente patriarcal e do qual é difícil para a mulher se libertar. Saffioti afirma:

Que o território domiciliar é permeado pela hierarquia em que o homem é a figura dominante. Mesmo que esse homem não converta essa dominação em formas de agressão, sua presença e os métodos utilizados para impor sua vontade presentificam a cultura do masculino e trazem a constatação de que os direitos ainda são escritos para os homens (SAFFIOTI, 1999. pp. 82-91).

Mariquinha, na narrativa de Fogo Morto possui poucas falas. O narrador pensa por ela. O seu discurso é consigo mesma, no interior de seu corpo cansado. Essa é uma forma misógina de compreender a posição de inferioridade da mulher “ao contê-las no interior de seus corpos que são representados, até construídos, como frágeis, imperfeitos, desregrados, não confiáveis”. (Grosz, 2000. p. 67)

Depois que o capitão Tomás passou a viver como enfermo de doença grave, por conta de uma fracassada



captura de um negro, o engenho estremeceu. O capitão sentiu-se desonrado por conta desse fracasso. “Partia ele do ponto de vista de que estava derrotado, humilhado, sem honra, sem força para governar as suas coisas. Era um senhor de engenho sem respeito” (REGO, 1976. p. 156). Essa situação causou à dona Mariquinha e aos escravos certa preocupação porque não havia filho homem a quem fosse dado a sucessão do engenho, e que portanto, esse momento difícil não comportava a menor espera. O genro ensaiou assumir esse lugar, sem sucesso. Diante de todo esse quadro, dona Mariquinha do Santa Fé resolveu dar as ordens no seu engenho, isto é, ela se empoderou para tomar posse dos seus direitos e se constituir capaz para o enfrentamento de algo interno e externo a si. É assim que pensa Mattos:

O empoderamento da mulher passa por vários caminhos: na sociedade, pelo conhecimento dos direitos da mulher, pela sua inclusão social, instrução, profissionalização, consciência da cidadania. No plano individual, o empoderamento passa pela reformulação profunda da identidade da mulher, que precisa rever a si própria como merecedora do reconhecimento e valorização (MATOS, 2009. p. 23).

Não fora fácil para Mariquinha. “Custara-lhe muito [...]” (REGO, 1976. p. 157), mas o esplendor do Santa Fé só continuou porque a senhora de engenho deu as ordens, inclusive ao genro, deixando-o contrariado. “Ali em casa olhava para tudo, ordenava tudo. Os negros lhe vinham tomar a benção de manhã e de noite, o feitor chegava-se para pedir ordens” (REGO, 1976. p. 157). A narrativa vai destacando qualidades da personagem, através de expressões associativas ao sexo masculino. “A energia da mulher de expediente de homem”, “Preferira ser o homem da família”, “Senhora de engenho”. Esses termos são ambivalentes. Por um lado, evidencia a autonomia de uma mulher que se empoderou, mas por outro enquadra o noção de gênero. É o que diz LIVIA, Ana e HALL, Kira: “... elocuições de gênero não são nunca descritivas, mas prescritivas, exigindo que a endereçada aja de acordo com as normas vinculadas ao gênero [...] desde a maneira como penteia o cabelo até a maneira como caminha, fala ou sorri” (LIVIA e HALL, 1997. p. 123). Contudo, o trabalho é libertador. Para AZEREDO (2007, p. 60<sup>12</sup> apud BEAUVOIR; SIMONE, 1975, p. 449) é pelo trabalho que a mulher assegura sua liberdade, “pois foi pelo trabalho que a mulher cobriu em grande parte a distância que a separava do homem; só o trabalho pode assegurar-lhe uma liberdade concreta”.

Com Mariquinha no comando do engenho as relações intrafamiliares só pioraram. O genro e a filha esquivaram-se dela. Com a morte do Capitão Tomás, essas relações ficaram ainda piores. Houve tentativas de inventário dos bens, mas sem sucesso, o Santa Fé continuou no governo da sogra, até certo tempo. Sentindo-se inferior, o genro contra-atacou. Usou de expedientes de tortura psicológica ao excluí-la da filha, única neta da senhora de engenho. Fez disso seu instrumento de tortura e vingança. Mariquinha fragilizou-se, não aguentou

---

2 AZEREDO, Sandra. Preconceito contra a “mulher”. Diferença, poemas e corpos. São Paulo: Cortez, 2007. – (Preconceitos, v.1) p. 60.

esses “golpes” e cedeu. Adoeceu e por fim falecera. O engenho Santa Fé, a partir de então, passa a ter outros rumos, comando e voz. Os tempos eldorados entram em colapso no novo governo, entram em “fogo morto”.

## Referências

- AZERÊDO, Sandra. *Preconceito contra a “mulher”*: Diferença, poemas e corpos. São Paulo: Cortez, 2007. – (Preconceitos, v. 1).
- BEAUVOIR, Simone de. (1949). *O segundo sexo*. 3. Ed. Trad. De Sérgio Milliet. A experiência vivida. São Paulo/Rio de Janeiro: Difusão Européia do Livro, v. 2, 1975.
- BRESCIANI, Maria Stella. A casa em Gilberto Freyre: síntese do *ser brasileiro*? IN: CHIAPPINI, Ligia e BRESCIANI, Maria Stella. (orgs). *Literatura e cultura no Brasil: identidades e fronteiras*. São Paulo: Cortez, 2002, pp. 39-51.
- GROSZ, Elizabeth. (1994). *Corpos reconfigurados*. *Cadernos Pagu* (14), 2000, p. 67.
- HAHNER, June E. *A mulher brasileira e suas lutas sociais e políticas: 1850-1937*, Ed. Brasiliense, S.P., 1981.
- LIVIA, Anna e HALL, Kira. “É uma menina!”: a volta da performatividade à linguística. Tradução de Rodrigo Borba e Cristiane Maria Schnack. IN: OSTERMANN, Ana Cristina & FONTANA, Beatriz. (orgs.). *Linguagem, gênero, sexualidade*. São Paulo: Parábola editorial, 2010. pp. 109-127
- MATOS, Mayra Suzane de. *Violência contra a mulher x cultura de paz. Da vitimização ao empoderamento*, 2009. 41 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Estudos para a Paz e Resolução de Conflitos) – Universidade Federal de Sergipe: Universidade Jaume I, Espanha, 2008.
- MAX, ENGELS, LENIN. A passagem do matriarcado ao patriarcado. IN: *Sobre a mulher*. São Paulo: Global, 1979. (Coleção Bases; 17)
- REGO, José Lins do. O engenho de seu Lula. IN: *Fogo Morto*. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 1976, pp. 135-204.
- SAFFIOTI, HI. B. *Já se mete a colher em briga de marido e mulher*. São Paulo em Perspectiva, 13, 4, pp. 82-91, 1999.
- SOUZA PINTO, Werusca Marques Virote de. Mulheres entrelaçadas pela cultura militar. IN: ANDRADE, Regina Glória Nunes e MACÊDO, Cibele Mariano Vaz. (orgs). *Territórios sem fronteiras: o social no contemporâneo*. Rio de Janeiro: Companhia de Freu/FAPERJ, 2014. pp. 63-72.
- STEARNS, P. N. *Historia das relações de gênero*. Trad. De Mirna Pinsky. Sao Paulo: Contexto, 2007.
- TOCHINS GRISCI, Camem Ligia. Ser mãe: Produção dele, reprodução dela. IN: CARDOSO, Reolina S. (org.). *É uma mulher*. Petrópolis: Ed. Vozes, 1994, pp. 32-34.

# A SOLARIDADE DA OBRA *MANHÃ CERZIDA*, DE AIRTON SOUZA

FABIO MARIO DA SILVA

Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará/CLEPUL

Folha 31, quadra 07, Lote especial, s/n. Bairro Nova Marabá, Cep: 680507590, Marabá/Pará

famamario@gmail.com

**Resumo:** esse trabalho centra-se na análise da obra *Manhã Cerzida*, do poeta Airton Souza, observando como os aspectos duma certa solaridade ajudam na compreensão dos espaços e das sensações descritas pelo sujeito lírico. Nas nossas análises iremos observar os lexemas que têm ligação com a solaridade (manhã, tarde, dia, sol, calor e luz), desvendando os seus significados, citando, en passant, teóricos como Gaston Bachelard, com *A psicanálise do fogo* e *Dicionário de Mitologia Grega e Romana* de George Hacquard.

**Palavras-chave:** Solaridade. Diurno. *Manhã Cerzida*. Airton Souza.

**Abstract:** This work is centered on the analysis of the work *Darned Morning*, by the poet Airton Souza, observing how the aspects of a certain solarly help in understanding the spaces and sensations described by the lyrical subject. In our analyzes we will observe the lexemes that have a connection with solarly (morning, afternoon, day, sun, heat and light), revealing their meanings, quoting en passant theorists such as Gaston Bachelard, with *Psychoanalysis of Fire* and *Dictionary of Greek and Roman Mythology* by George Hacquard.

**Keywords:** Solarly. Fire. *Darned Morning*. Airton Souza.

*tenho na manhã  
o cheiro das magnólias*  
Airton Souza

Desde a literatura europeia até a literatura brasileira é comum encontrarmos versos que se inspiram no anoitecer, evocando a lua, o lusco-fusco, as estrelas e o soturno como elementos característicos. Dentro da nova gama de poetas brasileiros, Airton Souza se destaca por, efetivamente, ir na contramão da invocação do noturno como elemento poético. Souza produz aquilo que intitulo de uma “poesia solar”, caracterizada por elementos do fogo, da luz e do calor que dão uma outra dinamicidade à sua lírica. Alias, Flávio Castro (2015, p. 18) já aludira que nessa obra de Souza uma das imagens mais recorrentes é o Sol, comparando-o a um mesmo que aparece na poesia de João Cabral de Melo Neto, mas com um movimento, apesar de similar (ou influenciado pelo poeta pernambucano), ainda mais microscópico (diria eu mais detalhista), pois cerzir (dialoga com) o matutino, o vespertino e o noturno.

Lembremo-nos que na cultura ocidental, desde a mitologia Greco-Romana, Hélios é o astro solar, filho dos Titãs Hiperião e Teia e irmão do astro lunar, Selene, e da Aurora, Eos. Segundo George Hacquard, no *Dicionário da Mitologia Grega e Romana*, Hélios todas as manhãs percorria os céus “montado no seu carro de fogo, atrelado a cavalos alados de uma brancura estrondosa. Quando lá chegava, enquanto os seus cavalos cansados se banhavam, Hélios repousava no seu palácio de ouro para depois alcançar, de barca, o Oriente” (HACQUARD, 1996, p. 144), considerando-o “testemunha omnipresente de todas as acções dos homens” (HACQUARD, 1996, p. 144), bem como relembrando que muitas “lendas lhe atribuí uniões e grandes paixões” (HACQUARD, 1996, p. 144), o que nos faz remeter ao pensamento de Gaston Bachelard em que associa o elemento do “fogo” ao enamoramento: “o amor não é mais do que um fogo que se transmite. O fogo é um amor que se descobre” (BACHELARD, 1972, p. 52). O amor cerze (lexema título da obra de Souza), quer dizer, “une”, “Junta” e “intercala” a obra desse poeta paraense.

Assim, Airton Sousa, para aclamar a solaridade, necessita “sepultar” o noturno, evocando o seu fim, como parâmetro para tornar iluminada a sua poesia. É o que acontece logo no poema, sem título, de abertura de *Manhã Cerzida*, obra dividida em “bebas uma amanhã em goles”, “tessi(t)ura” e “último ato – anoitecido”, com poemas sem título nem numeração, no qual lemos:

Sepultamos a noite  
er(ámos) eu e mais 6 dias  
irresolutos  
a cava(r)mos a cova  
lânguidos  
& teimando o tempo  
  
a noite, viva  
implorava com um olho  
aceso e minguante  
  
não queria a aurora  
  
mas os pássaros  
sonâmbulos  
não viram que a pá  
lavrava a terra  
na faina de açoitar o chão  
  
enterramos a noite  
amanhecendo-a



para ela sentir a dor

de ser

só. (SOUZA, 2015, p. 25)

Apesar de associar a derrocada do noturno em favor da luz do amanhecer, exaltando a solaridade, o poeta, em outros versos, fala, contrariando o discurso solar, de uma despedida, creditando à noite o poder de um futuro reencontro: “é certo que a noite/ nos unirá/ pois qual seria a sua serventia?” (SOUZA, 2015, p. 35). A noite é o cenário mais adequado para o reencontro daqueles que se amam, talvez o seu único atrativo, segundo essa poesia: “a única coisa boa da noite/ é o nosso amor” (SOUZA, 2015, p. 78). Já a função do amanhecer é entre outras coisas “mostrar-se por inteira/ a enterrar pequenas coisas inúteis” (SOUZA, 2015, p. 36). Mais à frente o poeta reitera que “cresce o dia” (SOUZA, 2015, p. 40), trazendo várias problemáticas ao sujeito, inclusive “dores do mundo” (SOUZA, 2015, p. 40), por isso chega à conclusão que “essas dores tecidas” (SOUZA, 2015, p. 40) teriam a função de “consolar na noite/ os silêncios dos pássaros/ que rumam para árvores e fios invejosos/ por não terem asas” (SOUZA, 2015, p. 40).

Esse “caminho pelo dia” (SOUZA, 2015, p. 42), à luz do sol, faz o eu lírico lembrar que leva “na língua/ a tragédia dos tempos” (SOUZA, 2015, p. 42). Iluminar, ter a luz, também pode ser, num sentido metafórico, um privilégio aos menos desfavorecidos: “Cercearam-nos de escancarar nossas janelas/ é que o sol é só/ promessa para alguns” (SOUZA, 2015, p. 72). Ou seja, as mazelas e problemáticas dos indivíduos podem ser melhor reparadas durante o dia, ou como refere Hacquard sobre um dos significados do deus Hélios, o sol é testemunha de todas as ações dos homens. Por isso, em outro poema, o eu reclama a falta de solidão dos dias ensolarados e invoca a solidão, sentimento associado à noite, para contaminar o período diurno: “Vamos desmesurada solidão/ incendiar a cisma/ pictorial da manhã” (SOUZA, 2015, p. 49).

Em outro poema, Souza alude a um mês de maio sem flores, à secura e vastidão de um cenário sem plantação e que, portanto, reflete o labor diário dos camponeses, por isso o eu lírico, consternado por essa cena, se compadece dessa plantação e se alia, junto com os trabalhadores do campo, para tentar salvar esse espaço, que foi justamente devastado pelo Sol intenso e dias de estiagem:

[...]

traz suas chagas

que tentaremos curar

indo sempre ao fim das tardes

numa estrada incerta

com um candeeiro aceso

& uma desatinada esperança

nos pés insaciáveis

para com os rumos

traz tuas retinas emudecidas  
para que rentes às minhas  
reteçamos as ilusões. (SOUZA, 2015, p. 26)

A alteridade no poema dar-se-á quando o eu poemático se torna também camponês para tentar “curar” esse cenário incerto, e dessa estrada sem rumo, mas cheia de esperanças. Isso tudo porque, na região aludida nesses versos, o Sul e Sudeste do Pará, mais especificamente a cidade de Marabá e o seu entorno, deparamo-nos com um clima que pela “manhã/ cospe angústia/ retesa as horas” (SOUZA, 2015, p. 27), sempre, todavia, respirando “esperanças”, alusão às altas temperaturas que predominam quase o ano todo nessa região do país. O Sol torna-se então uma *persona* que interage com o eu lírico:

O sol na-  
cioso  
sempre me cobra  
insônia. (SOUZA, 2015, p. 28)

O grande mistério seria então a necessidade de termos uma melhor compreensão do Sol em nossas vidas, astro esse que também conhece a nossa essência:

decifras o sol  
meu amor  
ele acaba de aportar  
vem lambendo voraz o chão  
arredio  
invade as frestas  
de meu recinto  
& bebe a sensação de nós. (SOUZA, 2015, p. 33)

O que Airton Souza quer poetizar é que o Sol espreita, investiga e invade-nos a cada dia e como nos lembra Alufa-Licuta Oxorongá: o autor promove nesses seus versos “a compreensão de um juntar de

dias, de um pontear de vidas, oferecendo um contraponto, uma pausa, uma reflexão no despontar da manhã” (OXORONGA, 2015, p. 9). Por isso, o Sol, ou sua luz, desperta no sujeito poético impressões e conclusões:

nessa manhã  
em que me encontro  
cerzindo a solidão

concluo  
o sol  
é a mais mentirosa  
de todas as coisas (SOUZA, 2015, p. 29)

Todos os cenários são descritos à luz do dia, como maneira de visualizar as sensações do eu. Contudo, nesse cenário solar alude-se também à necessidade da noite como complemento da natureza, das coisas: “nessa manhã/ eu bem sei/ que o rio/ em cio/ de sua sede de noite” (SOUZA, 2015, p. 31). O Sol também é ativador de lembranças, como no poema que se dedica ao seu irmão “para o Júlio Cezar (meu irmão assassinado) – *in memoriam*”: “trazer nos olhos/ o âmbar de girassóis/ e a real(idade) do sol/ que ferve o dia” (SOUZA, 2015, p. 32). Certamente, uma das formas de dar maior vivacidade ao diurno e ao Sol é o uso que Souza faz da personificação que desencadeia uma série de ações entre o sujeito lírico e a manhã, como, por exemplo, nesse poema:

é preciso que te cales manhã

cales diante desta rudez  
que perfêz teu corpo  
neste curto espaço de tempo  
a que chamamos: vida

é justo que te cales agora  
proves um pouco da tarde (SOUZA, 2015, p. 67)

O poeta, ao usar a personificação, amplia, assim, as possibilidades de significados escondidos atrás do vocábulo “manhã” e, através do uso do imperativo, ordena que essa manhã “prove”, sinta a sensação advinda

com a tarde, cujo sentir tem algo de finitude e silêncio. Essa distinção dos períodos dos dias demonstra a intensidade do sol, que também se personifica:

ouça a luz que penetra no vão imaginário

a qual os homens chamam: janela

essa luz bendita que lambe teu corpo

na ilusória sonolência do nunca (SOUZA, 2015, p. 66)

Por fim, fica constatado que *Manhã Cerzida* faz uma apologia aos períodos em que o sol prospera tentando nos fazer crer e ter fé no dia (que não pode ser restringido), trazendo regozijo ao eu lírico, que se alegra e canta à vida: “amputar a fé no dia/ imputo a anatomia/ vocacional de celebrar embocaduras” (SOUZA, 2015, p. 73).

Em suma, a solaridade serve ao poeta para, por exemplo, falar das mazelas sociais que, melhor expostas durante o dia, acabam por agravar, no leitor, certo senso da realidade marabaense – ou de parte dela; das inspirações do eu lírico no mormaço dum dia ensolarado; do contraponto com a noite, cantada tantas vezes por outros poetas; do ritmo e mudança da paisagem; da terra a lamentar sua secura e dos sofrimentos humanos. *Manhã Cerzida* é um livro cheio de movimentos, com o ritmo mais acelerado provocado pelo dia, por isso não é à toa que Gaston Bachelard (1972, p. 37) vai referir que “o fogo sugere o desejo de mudança, de forçar o correr do tempo, de chegar imediatamente ao termo da vida.” É uma obra poética cheia de ardor, quer dizer, de vivacidade, ímpeto e veemência, uma energia calorosa que, em constante movimento, quer ser aprazível aos seus leitores.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BACHELARD, Gaston. **A psicanálise do fogo**. Trad. Maria Isabel Garcia e Manuel Correia. Lisboa: Editorial Estudios Cor, 1972.

CASTRO, Flavio. Cerzindo poemas. In: SOUZA, Airton. **Manhã Cerzida**. Pref. Alufa-Licuta Oxoronga e Flávio Castro. São Paulo: Giostri, 2015, p. 17-19.

HACQUARD, Georges. **Dicionário de Mitologia Grega e Romana**. Trad. Maria Helena Trindade Lopes. Lisboa: Edições Asa, 1996.



OXORONGA, Alufa-Licuta. O cezir do ser na amanhecença da vida. In: SOUZA, Airton. **Manhã Cerzida**. Pref. Alufa-Licuta Oxoronga e Flávio Castro. São Paulo: Giostri, 2015, p. 7-16.

SOUZA, Airton. **Manhã Cerzida**. Pref. Alufa-Licuta Oxoronga e Flávio Castro. São Paulo: Giostri, 2015.

# PROCESSOS DE SIGNIFICAÇÃO DO *IMPEACHMENT* DA PRESIDENTE DILMA ROUSSEFF NA/PELA MÍDIA BRASILEIRA<sup>1</sup>

Gilvan Santana de Jesus<sup>2</sup>

## RESUMO

A proposta deste trabalho é apresentar brevemente a pesquisa que desenvolvi no âmbito do mestrado (JESUS, 2017), que toma como objeto de estudo o *impeachment* da presidente Dilma Rousseff, compreendido como acontecimento histórico-discursivo. O trabalho está filiado teoricamente à Análise de Discurso francesa e procura traçar uma metodologia que considera os diferentes momentos pelos quais o processo passa, além de suportes, veículos e gêneros textuais também diversos. O trabalho observa a produção de efeitos de sentidos de legitimação do processo na mídia, sobretudo pela filiação dos discursos à posição jurídica. Além disso, os sentidos de maioria democrática e das desigualdades de gênero também intervêm na constituição do acontecimento pelo dispositivo midiático. Sendo inviável reproduzir a totalidade das análises aqui, esperamos despertar o interesse pela leitura da dissertação.

**Palavras-chave:** *Impeachment* de Dilma Rousseff. Análise de Discurso. Mídia. Legitimação.

## 1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Neste trabalho, proponho um retorno a minha pesquisa desenvolvida no âmbito do mestrado (JESUS, 2017), que toma como objeto de estudo os processos de significação e de construção do *impeachment* da presidente do Brasil Dilma Rousseff (2011-2016) na/pela mídia brasileira. O trabalho está filiado às abordagens teórico-metodológicas da Análise de Discurso de tradição francesa (doravante AD), sobretudo, a partir de Michel Pêcheux (1997; 1999; 2002; 2014), mas também a partir de outros teóricos que concebem o discurso retomando as investidas feitas por ele, dentre os quais destaco a produção de Eni Orlandi (2007; 2012; 2015).

A pesquisa estabelece como recorte temporal, especialmente, os anos de 2015 e 2016, quando o processo estava em tramitação, bem como estavam ocorrendo manifestações tanto favoráveis quanto contrárias à efetivação dele, porém, considera ainda outros momentos relevantes para a compreensão dos processos de significação, dada a historicidade dos sentidos (ORLANDI, 2015), que inevitavelmente afeta o modo como

1 Este texto é fruto de meu trabalho de pesquisa em nível de mestrado, intitulado “*Impeachment* da presidente Dilma Rousseff: a legitimação do processo pelo dispositivo midiático”, orientado pelo professor Dr. Wilton James Bernardo-Santos. Proponho aqui um retorno a este trabalho, para fins de divulgação, o que ganha uma relevância ainda maior ao ser veiculado em um número cujo tema é o “Golpe de 2016”. A dissertação está disponível em: <https://ri.ufs.br/handle/riufs/5742> (acesso em: 13/05/2018).

2 Doutorando em Letras, área de concentração Estudos Linguísticos, pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Sergipe (PPGL/UFS). Professor substituto do Departamento de Letras de Itabaiana da Universidade Federal de Sergipe (DLI/UFS). E-mail: [gilvan-santana@hotmail.com](mailto:gilvan-santana@hotmail.com)

o objeto do trabalho é significado pelo dispositivo midiático. A esse respeito, é preciso justificar o uso da expressão “dispositivo midiático”, assim empregada para nos remeter ao conjunto de suportes, veículos e gêneros textuais considerados em nosso *corpus* durante os trabalhos de análise – que vão desde suportes digitais até suportes impressos, considerando diferentes veículos de informação e gêneros, tais como os jornalísticos e outros mais comumente recorrentes em redes sociais digitais.

Ainda em relação aos métodos adotados, propusemos diversos recortes do *corpus*, procurando considerar diferentes aspectos, tais como os momentos pelos quais a tramitação do processo passou, os gêneros textuais analisados, mas, sobretudo, as repetições discursivas observadas. Este último ponto é extremamente decisivo para os gestos de interpretação que mobilizamos, de tal forma que dele surgem recortes que focalizam as seguintes questões: a língua estrangeira (*impeachment* – impedimento), o aspecto jurídico na política, os sentidos de maioria democrática/ as vozes das ruas, as questões de gênero (misoginia), o tratamento diferenciado dos sujeitos “cozinha” e “petralha”.

No que diz respeito aos resultados da pesquisa, observamos, assim, como o processo de *impeachment* é significado de diferentes modos, dada a afetação dos sujeitos pelos sentidos constituídos também em diferentes filiações discursivas. Contudo, há um efeito de sentido que é produzido recorrentemente, ainda de por diferentes vias. Trata-se da legitimação do processo, isto é, o *impeachment* é construído pelas mídias como legítimo, conforme será possível compreender melhor mais adiante, com uma apresentação mais detalhada.

O trabalho de dissertação está dividido em três capítulos, sendo um teórico, um metodológico e um analítico, para além da introdução e das considerações finais. No primeiro capítulo, apresentamos um percurso teórico que sustenta as análises. No capítulo seguinte, descrevemos os métodos adotados na pesquisa, bem como os critérios de construção do corpus de análise. No último capítulo, o mais extenso, trazemos as análises desenvolvidas em conformidade com as teorias e métodos apresentados anteriormente. Este capítulo está subdividido em novas seções que procuram justamente dar conta dos recortes estabelecidos dos materiais coletados, considerando os critérios já mencionados acima.

Aqui, por se tratar de um outro gênero textual, com uma limitação espacial muito maior, concentraremos nossas atenções muito mais nas análises feitas do que nas questões teórico-metodológicas. Nesse sentido, trataremos essas questões somente quando realmente indispensáveis para uma efetiva compreensão geral.

## **2. UM POUCO DE TEORIA**

Antes de adentrarmos efetivamente as questões analíticas, tentaremos apresentar brevemente alguns conceitos-chave em AD e que pautam nossos gestos de análise, a saber: discurso, sujeito, ideologia, interdiscurso, formação discursiva e memória discursiva.

O discurso, segundo a forma como é concebido pelos estudiosos que orientam nosso trabalho, é um “efeito de sentido entre locutores” (ORLANDI, 2015, p. 20), sob determinadas condições históricas de produção dos dizeres. Segundo Orlandi, ele é produzido sempre numa relação de constituição com um “outro”, com uma anterioridade. Trata-se de um “já-dito”, pois, para a autora, os sujeitos nunca são a origem do dizer.

Quanto à categoria de sujeito, ela está relacionada à instância que, afetada pela historicidade dos sentidos (ORLANDI, 2015), isto é, a memória discursiva, (se) significa de um modo específico. O sujeito é sempre afetado pela memória de outros dizeres já enunciados em outros lugares e esquecidos. E esses lugares enunciativos são o que em AD se concebe como as formações discursivas, isto é, as posições de onde os sujeitos “tiram” seus sentidos, os lugares que determinam o modo como eles (se) significam (ORLANDI, 2015).

Já a categoria de interdiscurso é definida por Orlandi como o conjunto de tudo que pode ser dito, o “dizível”, e é deste lugar maior que os sujeitos recortam formações discursivas específicas que determinarão a maneira como os sentidos serão produzidos. Todo esse processo de produção dos sentidos ocorre sem que o sujeito tenha acesso, pois a memória o afeta, ele é assujeitado, interpelado pela ideologia (ALTHUSSER, 1985).

### **3. EFEITOS DE SENTIDOS DE LEGITIMAÇÃO**

Feita essa breve exposição, pois nosso objetivo aqui não é esgotar as questões teóricas, o que é absolutamente impossível, focalizaremos o que afinal é determinante no trabalho, que são as análises. Porém, não pretendemos trazer à baila a totalidade das análises, mesmo porque, lá, as características do gênero textual possibilitam e reclamam análises mais amplas. A dissertação analisa 63 sequências discursivas, de modo que seria absolutamente inviável tentar reproduzi-las aqui. Pretendemos apenas apresentar de forma breve o que foi analisado na pesquisa de mestrado e os principais resultados obtidos.

A fim de tornar a compreensão mais efetiva, dividiremos este tópico em novas seções, tal como estabelecemos na dissertação (JESUS, 2017).

#### **3.1 A língua estrangeira**

As primeiras considerações analíticas do trabalho estão voltadas para a entrada do termo *impeachment*, pensando relativamente ao fato de, repetidas vezes, o processo ser constituído por sentidos produzidos na relação com a língua estrangeira, o inglês. Há, afinal, uma forma correspondente em português, “impedimento”,



que, inclusive, é a forma empregada pela Constituição Federal brasileira. Contudo, nota-se como a forma inglesa é retomada com bastante frequência nos veículos de comunicação em geral, e isso produz um modo de significação específica do processo.

Recorremos, então, à origem do termo e do processo para melhor compreender nosso objeto. Apesar de ser bastante controversa a data em que o processo surgiu, Marcus Faver (2005) afirma que ele teria nascido na Inglaterra e, posteriormente, teria migrado para os Estados Unidos, chegando ao Brasil com as características mais próximas do modo como é constituído nos Estados Unidos. Isso nos permitiu observar como a entrada do termo em língua inglesa está afetada pela memória desse surgimento como uma instituição democrática. O lugar do Direito, da jurisdição, está operando sobre essa retomada, de modo a construir o processo como legal, legítimo.

Além desse aspecto, observamos essa entrada sob outra perspectiva, estudada por Eduardo Guimarães (2005), ao afirmar que o inglês, no espaço de enunciação latino-americano, tem uma importância maior do que o português e o espanhol em certas relações internacionais, sendo aquele uma língua legítima. Nesse sentido, significar o processo em língua portuguesa e significá-lo em língua inglesa não são a mesma coisa. É curioso, por exemplo, o fato de que determinados veículos mais ligados à esquerda brasileira empregam a forma portuguesa (impedimento), ao invés do termo mais recorrente neste cenário político (*impeachment*).

### **3.2 O discurso jurídico**

Outro aspecto observado no trabalho diz respeito à própria entrada da posição jurídica no processo a todo instante. Notamos que inúmeras vezes a mídia recorta sentidos próprios do âmbito jurídico, o que faz o processo de cassação do mandato de Dilma Rousseff ganhar o respaldo legal necessário para poder ser efetivado.

Observemos que o processo não é apenas jurídico, ele é votado por parlamentares, na maioria das vezes motivados por questões de cunho político. Contudo, a posição política por si só não é capaz de dar a legitimidade necessária que a cassação requer. Afinal, o que supostamente estava sendo julgado era um “crime de responsabilidade fiscal”. Além disso, apesar de nossa sociedade ser constituída por mais de um poder, o jurídico parece realmente se sobrepor aos demais. Afinal, somos uma sociedade completamente afetada pela jurisdição, somos cidadãos com direitos e deveres, temos limitações de teor jurídico.

Como a jurisdição é constituída como um lugar legítimo e apto a julgar possíveis crimes que venham a ocorrer, ela significa o processo, ao ser recuperada pelo sujeito jornalístico, afetada por tais sentidos. Nessa perspectiva, os sentidos de rituais jurídicos dão o caráter democrático do processo, o significam como o rumo natural da democracia, ainda que tal aspecto possa ser contestado.

### **3.3 As vozes das ruas**

Há uma seção do trabalho destinada a analisar, especificamente, cartazes de manifestações veiculados em páginas de notícias no meio digital, pensando a interpretação a partir das interferências da oralidade no gênero escrito em questão. Nossos gestos observam como a informalidade presente em tal gênero textual aproxima os sujeitos manifestantes daqueles sujeitos que, possivelmente, assistiam às manifestações pela cassação do mandato de Dilma Rousseff.

Outro aspecto observado está relacionado à significação dessas manifestações como próprias de uma democracia, de tal maneira que o processo ganha relevos, mais uma vez, de legitimidade. Os sentidos de maioria democrática produzem tal efeito. O processo é, por conseguinte, constituído como um desejo de toda população, que, inclusive, vai às ruas protestar vestindo as cores da bandeira do país, sendo o verde e o amarelo símbolos do nacionalismo, da luta pelo melhor para a população brasileira.

Também as vozes das ruas são parte das condições de produção sob as quais as manifestações estão acentuadas. O fato de as vozes dos manifestantes serem ouvidas significa que o rito do regime democrático está sendo seguido, que as pessoas estão tendo o direito de se posicionar a respeito de tal processo. Assim sendo, novamente o *impeachment* é significado como legítimo, ele é naturalizado pelo dispositivo midiático.

### **3.4 Questões de gênero e misoginia**

Outro ponto analisado gira em torno do modo como a mídia brasileira significa um adesivo que veiculava a imagem da então presidente do país em posição obscena, misógina mesmo. Os resultados alcançados mostram como a imagem da mulher é retomada por uma memória discursiva que a constitui pelos sentidos ligados ao sexo e à permissividade sobre seu corpo. Basta observar que esse tipo de montagem com

um presidente do gênero masculino jamais circulou. Há toda uma construção social que torna possível essa construção sobre o corpo feminino e que ao mesmo tempo interdita uma construção semelhante sobre o corpo masculino, de maneira a subalternizar aquele e superestimar este.

O trabalho de análise se dá, então, em torno da presença de um discurso sexista, que determina sobremaneira o modo como a mídia significa a imagem de Dilma Rousseff quando do período em que tramitava o processo de *impeachment*. E esse discurso também produz, naquele cenário, um efeito de legitimidade do processo.

Nesse contexto, verificamos que o gênero feminino é deslegitimado para exercer quaisquer funções em uma sociedade, que não sejam as tradicionalmente desempenhadas pelas mulheres, como as que envolvem o lar, os afazeres domésticos. Imagina ocupar o cargo de presidente de um país... Nesse sentido, observamos como a imagem da mulher é inferiorizada. E essa construção social atravessa os processos de construção do *impeachment* de Dilma Rousseff, única pessoa do gênero feminino eleita para ocupar tal posto.

### **3.5 Posição jornalística e desigualdades**

Outro momento do trabalho é destinado a analisar os diversos modos como o jornal impresso da Folha de S. Paulo significa duas manifestações diferentes, uma favorável e outra contrária a efetivação do processo de *impeachment*. Observamos que a posição jornalística o faz de modo desigual. Apesar de se pretender imparcial, a mídia atende a interesses que não se restringem à mera veiculação de informações, ela tem, acima de qualquer coisa, interesses lucrativos.

Nossas análises mostram que a manifestação favorável ao processo é significada como mais legítima, pois o jornal afirma que o número de manifestantes nela é maior, por exemplo. E os dados numéricos são significativos, pois eles apontam para a democracia, na medida em que tal manifestação é apresentada como a mais numerosa, isto é, mais brasileiros preferem tal resultado, afirma a Folha.

### **3.6 O “coxinha” e o “petralha”**

Outra desigualdade apontada diz respeito à constituição dos sujeitos “coxinha” e “petralha” na mídia. Observamos que as duas posições são significadas como antagônicas a todo instante. Os sentidos do embate

político estão sempre intervindo e produzindo o efeito de confronto, duelo. Porém, uma dessas posições é constituída por sentidos relacionadas a aspectos positivos e a outra, a aspectos negativos.

Em relação ao “cozinha”, ele é significado como uma posição assumida pelos manifestantes. Tais sujeitos se reconhecem enquanto tal. Já em relação ao “petralha”, o próprio termo já surge com sentidos ligados à pejoratividade, ele é associado à figura do bandido. Nessa perspectiva, aquele é significado como o lado certo da história e, portanto, é assumido; o último, apesar de não ser colocado como uma posição negada, é significado enquanto o lado errado, dos bandidos e que, por isso, faz mal para a nação.

Como o termo “petralhas” é utilizado para fazer referência não somente aos petistas como também a todos os apoiadores de Dilma Rousseff, mais uma vez o processo de *impeachment* é constituído como legítimo, sendo, assim, necessário.

### **3.7 Efetivação do processo e confrontos**

Por fim, a última seção de nossas análises é voltada para o momento em que o processo é efetivado, em 31 de agosto de 2016, e Dilma Rousseff, destituída do cargo. Aqui, basicamente são ratificados os processos de construção observados anteriormente, sobretudo, a questão jurídica, que dá o caráter de legitimidade e de regularidade do processo, porquanto o rito legal é seguido.

Além disso, observamos que os efeitos do embate político se acentuam ainda mais, com manifestações tanto contrárias quanto favoráveis ao Governo petista. Trata-se, afinal, de uma luta de classes bastante acirrada em que os diferentes lados buscam defender os seus interesses políticos e sociais. Nesse jogo político, o “*impeachment*”, por diferentes vias, é legitimado e os discursos do “golpe” são rechaçados.

## **4. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Feita essa breve apresentação de um trabalho imensamente maior, esperamos ter demonstrado minimamente o modo como o dispositivo midiático opera na construção do processo de *impeachment* da presidente Dilma Rousseff. Contudo, esperamos também despertar o interesse pela leitura do texto da dissertação de mestrado, pois nem mesmo lá encerramos as discussões possíveis acerca do tripé política/discurso/mídia, tampouco aqui pretendemos fazê-lo.

Com o esboço reproduzido nestas páginas, pretendíamos mostrar como o processo é significado pela mídia, tendo em vista as filiações dos discursos em posições que o constituem de modos particulares e que atribuem certa legitimidade à cassação do mandato da então presidente. E isso ocorre por diferentes vias, mas, sobretudo, pela afetação dos sujeitos pelos sentidos de rituais jurídicos.

Nessa perspectiva, o trabalho de mestrado intenta apresentar um método de análise de uma conjuntura sócio-histórico-política em que a historicidade dos sentidos, a memória discursiva (ORLANDI, 2015), intervém de maneira decisiva e determinadora de um “real” (GREGOLIN, 2003), construído no/pelo dispositivo midiático. Sabemos, pois, que as mídias têm efetiva participação na construção da sociedade, de tal forma que é preciso estranhar e procurar entender os efeitos dessa interferência.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALTHUSSER, L. **Aparelhos ideológicos de Estado**: nota sobre os aparelhos ideológicos de estado. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

AUTHIER-REVUZ, J. “Heterogeneidade(s) enunciativa(s).” In: **Cadernos de estudos linguísticos**, Campinas, UNICAMP – IEL, n. 19, jul./dez., 1990.

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

BARROS, D. L. P. Efeitos de oralidade no texto escrito. In: PRETI, Dino (org.). **Oralidade em diferentes discursos**. São Paulo: Humanitas, 2006. p. 57-84.

\_\_\_\_\_. Linguagem popular e oralidade: efeitos de sentido nos discursos. In: PRETI, Dino (org.). **Oralidade em textos escritos**. São Paulo: Humanitas, 2009. p. 41-72.

BERNARDO-SANTOS, W. J. “Poética de interfaces (I): a escrita em notas práticas para uma reflexão sobre autoria no ensino” In: Bernardo-Santos, Carvalho & Lima (Org.). **Do oral ao escrito**: reflexões e práticas desenvolvidas no programa de iniciação à docência em língua portuguesa (PIBID/SERGIPE). Aracaju, SE, Criação Editora, 2014.

BRAGA, M. S. S.; PASQUARELLI, B. Significados da chegada do PT à presidência da República: reflexões iniciais. **Idéias** – Revista do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da UNICAMP, Campinas (SP), v. 2, n. 3, p. 27-41, 2011. <<http://www.ifch.unicamp.br/ojs/index.php/ideias/article/view/612/486>>

Brasil. [Constituição (1988)]. Constituição da República Federativa do Brasil: texto constitucional promulgado em 5 de outubro de 1988, com as alterações adotadas pelas Emendas Constitucionais nos 1/1992 a 68/2011, pelo Decreto Legislativo nº 186/2008 e pelas Emendas Constitucionais de Revisão nos 1 a 6/1994. – 35. ed. – Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2012. 454 p. – (Série textos básicos; n. 67).

CARVALHO, M. L. G. C. Relações entre língua falada, língua escrita e ensino. In: BEZERRA, A. P.; PEDROSA, C. E. F. **Língua, cultura e ensino**: Multidisciplinaridade em Letras. Aracaju: Editora da UFS, 2008. p. 61-82.

CHARAUDEAU, P.; MAINGUENEAU, D. **Dicionário de Análise do Discurso**. São Paulo: Contexto, 2014.

COURTINE, J-J. Os deslizamentos do espetáculo político. In: GRELOLIN, M. R. V. (Org.). **Discurso e mídia**: a cultura do espetáculo. São Carlos: Claraluz, 2003. p. 21-34.

DEBRAY, R. **Manifestos midialógicos**. Petrópolis: Vozes, 1995.

FAVER, M. **Considerações sobre a origem e natureza jurídica do ‘impeachment’**. Disponível em: [http://www.tjrj.jus.br/c/document\\_library/get\\_file?uuid=b4d02b0b-cf66-47e8-8135-5271575f09db&groupId=10136](http://www.tjrj.jus.br/c/document_library/get_file?uuid=b4d02b0b-cf66-47e8-8135-5271575f09db&groupId=10136) (Acesso em: 23/07/2016).

FERNANDES, C. A. **Análise do discurso**: reflexões introdutórias. 2. ed. São Carlos: Claraluz, 2008.

GADET, F.; HAK, T. **Por uma análise automática do discurso**: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Campinas: Editora da Unicamp, 2014.

GALLO, S. L. **Discurso da escrita e ensino**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1995.

GRELOLIN, M. R. V. (Org.). **Discurso e mídia**: a cultura do espetáculo. São Carlos: Claraluz, 2003.

GUILHAUMAU, J. “Aonde vai a Análise de Discurso? Em torno da noção de Formação discursiva”. In: **Línguas e instrumentos linguísticos**, nº 16, Pontes, Campinas, 2006.

GUIMARÃES, E. **Semântica do acontecimento**: um estudo enunciativo da designação. 2. ed. Campinas: Pontes, 2005.



JESUS, G. S. **Impeachment da presidente Dilma Rousseff**: a legitimação do processo pelo dispositivo midiático. 2017. 101 f. Dissertação (Pós-Graduação em Letras) - Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, SE, 2017.

JESUS, G. S.; BERNARDO-SANTOS, W. J. Mídia digital e efeitos de sentido de desigualdade de gênero em publicações jornalísticas sobre Dilma Rousseff. In: LIMA, G. O. S.; BERNARDO-SANTOS, W. J. (Org.). **Linguística e literatura**: confluências e desafios. Aracaju: Criação, 2016. p. 66-83.

JESUS, G. S.; BERNARDO-SANTOS, W. J. Uma análise discursiva de textos jornalísticos sobre o (pedido de) impeachment de Dilma Rousseff. **Linguagem em Foco**, vol. 7, n. 1, p. 35-44, 2015. Disponível em: <http://www.uece.br/linguagememfoco/>.

KRIEG-PLANQUE, A. **A noção de “fórmula” em análise do discurso**: quadro teórico e metodológico. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

MAINGUENEAU, D. **Gênese dos discursos**. Curitiba: Edições Criar, 2005.

MARCUSCHI, L. A. Letramento e oralidade no contexto das práticas sociais e eventos comunicativos. In: SIGNORINI, I. (org.). **Investigando a relação oral//escrito e as teorias do letramento**. Campinas: Mercado de Letras, 2001. p. 23-50.

ORLANDI, E. P. **Análise de Discurso**: princípios e procedimentos. 12. ed. Campinas: Pontes, 2015.

\_\_\_\_\_. **Discurso e texto**: formulação e circulação dos sentidos. 4. ed. Campinas: Pontes, 2012.

\_\_\_\_\_. **Interpretação**: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico. 5. ed. Campinas: Pontes, 2007.

PÊCHEUX, M. A análise de discurso: três épocas (1983). In: GADET, Françoise; HAK, Tony. **Por uma análise automática do discurso**: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Campinas: Editora da Unicamp, 2014. p. 307-315.

\_\_\_\_\_. **O discurso**: estrutura ou acontecimento. Campinas: Pontes, 2002.

\_\_\_\_\_. Papel da memória. In: ACHARD, Pierre; et al. **Papel da memória**. Campinas: Pontes, 1999.

\_\_\_\_\_. **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. Campinas: Editora da Unicamp, 1997.

PIOVEZANI FILHO, C. F. Política midiaticizada e mídia politizada: fronteiras mitigadas na pós-modernidade. In: GRELOLIN, M. R. V. (Org.). **Discurso e mídia**: a cultura do espetáculo. São Carlos: Claraluz, 2003. p. 49-64.

POSSENTI, S. Notas sobre a língua na imprensa. In: GRELOLIN, M. R. V. (Org.). **Discurso e mídia**: a cultura do espetáculo. São Carlos: Claraluz, 2003. p. 67-82.

REBOUL, Olivier. **O slogan**. São Paulo: Cultrix, 1975.

SERRANI, S. M. **A linguagem na pesquisa sociocultural**: um estudo da repetição na discursividade. Campinas: Editora da UNICAMP, 1993.

# LITERATURA: UMA CATEGORIA POLÍTICA

## LITERATURE: A POLITICAL CATEGORY

Ivânia Nunes Machado Rocha<sup>1</sup>□

**RESUMO:** Este artigo tem como objetivo discutir a literatura como categoria política, inserida em um contexto cultural, histórico, social e político que a determinam, até certo ponto. Para tanto, discute-se a literatura como construção, através de conceitos dessa categoria e de atribuição de juízos de valor a determinados gêneros literários, demonstrando a existência de mecanismos de poder subjacentes às determinações do que é e do que não é literatura, tomando como exemplo a literatura de cordel, tida como gênero menor. Em seguida, apresentamos uma breve discussão sobre a construção do gosto literário, o qual não é espontâneo, já que as experiências do leitor e as influências que ele teve ao longo da sua trajetória moldam o seu gosto ou desgosto por determinado livro. Assim, há a preconização de uma abordagem pluralista da literatura, na qual seja possível conciliar textos canônicos e marginais como possibilidades de realizações artísticas e estéticas, como forma de enriquecer a experiência do leitor.

**PALAVRAS-CHAVE:** Literatura. Recepção. Gosto literário. Construção política.

**ABSTRACT:** This issue aims to discuss literature as a political category, inserted in a cultural, historical, social and political context that determine it to some extent. For this, we discuss the literature as construction, through concepts of this category, attribution of value judgments to certain literary genres, demonstrating the existence of mechanisms of power underlying determinations of what is and is not literature, taking as example cordel literature, that some people consider as minor genre. Next, we present a brief discussion about the construction of literary taste, which is not spontaneous, since the experiences of the reader and the influences that he had throughout his trajectory shape his taste or dislike for a certain book. Thus, we recommend a pluralist approach to literature, in which it is possible to reconcile canonical and marginal texts as possibilities for artistic and aesthetic achievements, as a way of enriching the reader's experience.

**KEYWORDS:** Literature. Reception. Literary taste. Political construction.

## INTRODUÇÃO

A literatura é uma das formas de linguagem mais controversas, pelo seu caráter polimórfico; por sua natureza polissêmica e pela grande diversidade de manifestações literárias que se materializam em nosso cotidiano, através de diferentes gêneros literários (conforme Marcuschi, 2008) que se apresentam também de modos distintos, de acordo com o portador textual – que pode ser um livro, um jornal, a tela de um computador, uma parede ou até mesmo a pele.

A poesia pode ser lida, declamada, cantada; a prosa também pode ser lida, encenada, pictografada. Prosa e poesia podem se misturar, intercalar-se nos textos, invadir a oralidade; adentrar o sagrado, preenchendo as páginas do *Alcorão* ou da *Bíblia*. Não raro, as sequências discursivas aparecem imbricadas em um romance, um conto ou uma crônica; há músicas

1 \* Doutoranda em Estudos Literários pelo PPGL/UFS – (SE); Mestra em Crítica Cultural pela Uneb – (BA). Professora de Língua Portuguesa e Literatura Brasileira da Educação Básica (SEC/BA).

inteiras que narram uma história completa e complexa – com começo, meio e fim – podem ser classificadas como um poema épico. Enfim, os textos literários normalmente não são categorias puras, formatadas a partir de uma única tipologia textual, embora um tipo possa predominar sobre os demais.

É fundamental que se entenda o gênero literário como forma discursiva e, dessa forma, é necessário ver o discurso quando produzido, nas suas manifestações linguísticas, por meio de textos; sendo que o seu produto se forma na oralidade e/ou escrita, criando assim, significações para a comunicação em geral, que se traduz em um texto, estabelecendo, a partir daí elementos de coesão e de coerência. Através das interações comunicativas, nota-se que os textos literários podem ser organizados dentro de um determinado gênero, partindo das condições de produção do discurso, os quais geram, assim, usos sociais, na concepção de Marcuschi (2008).

Os gêneros literários, como os demais gêneros textuais são, portanto, determinados social, política e historicamente, de acordo com o desenvolvimento sociocultural da humanidade; e a cada dia torna-se essencial que as atividades artísticas, culturais e de ensino contemplem a diversidade de textos e gêneros, não só apenas em função de uma relevância social, mas pelo fato de que textos pertencentes a diferentes gêneros são organizados de diferentes formas, propiciando o contato dos sujeitos com um universo significativo de possibilidades textuais que poderá usar ao longo de sua vida, de acordo com as suas necessidades.

## 1. LITERATURA: UMA CATEGORIA POLÍTICA

A leitura, de modo geral, é capaz de abrir portas e ampliar os horizontes dos leitores, estimulando a imaginação, a criatividade e favorecendo o exercício da liberdade de pensamento. Existem inúmeras formas de ler e infinitas possibilidades de leitura que se materializam em nosso cotidiano através dos diversos gêneros textuais.

Muitas pessoas procuram adquirir novos conhecimentos, manter-se informadas sobre os fatos do dia-a-dia e ampliar o vocabulário através de suas leituras. Para além de um sentido meramente pragmático, a leitura também pode ser realizada por prazer, para a fruição de quem lê. Obviamente, em ambos os casos, a leitura desempenha um papel político, que tanto pode influenciar na perpetuação de preconceitos, quando reproduz os modelos sociais vigentes; como também pode romper com as estruturas dominantes, buscando alternativas viáveis, desde que se estabeleça um olhar crítico para a realidade.

Sabe-se que a literatura é um conceito culturalmente construído; ela tem sua maior ou menor aceitabilidade de acordo com a cultura corrente em determinado lugar e época. Para Perrone-Moisés (1998. p. 59) “Na história literária, a leitura é *constitutiva* do fato, já que os fatos literários (obras) só encontram sua realização plena na leitura; eles são programados para (re)acontecer na leitura, criando sentidos que renascem e variam a cada época.”

Ora, da forma como Perrone-Moisés coloca, a própria interação entre texto e leitor promove a variação nos modos como a literatura é percebida, uma vez que esta situa-se historicamente, sofrendo mudanças de acordo com o leitor, época, o lugar e com outras variáveis as quais os textos estão suscetíveis.

Normalmente, costuma-se dividir os textos de caráter mais prático como não literários; e os de caráter mais lúdico como literários. Porém, na atualidade, há uma crescente relativização entre os gêneros que podem ser considerados literários ou não. Isso depende de uma série de fatores, tais como: contexto de circulação, objetivo, público-alvo, portadores textuais etc.

Na realidade, não é fácil definir literatura, pois é um conceito que vem sendo construído ao longo dos tempos, e que não é descomprometido de juízos de valor, embora admita-se que críticos, escritores e estudiosos adotem certos critérios para estabelecer o que, de fato, pode ser considerado como literatura:

Se não é possível ver a literatura como uma categoria “objetiva”, descritiva, também não é possível dizer que a literatura é apenas aquilo que, caprichosamente, queremos chamar de literatura. Isso porque não há nada de caprichoso nesses tipos de juízos de valor: eles têm suas raízes em estruturas mais profundas de crenças, tão evidentes e inabaláveis quanto o Empire State. [...] (EAGLETON, 2006. p. 24).

É evidente que há o exercício do jogo do poder implícito ao conceito de literatura: quem pode mais, quem sabe mais, quem estudou mais – esses são autoridades para definir o que é e o que não é literatura. Consequentemente, as produções orais, os registros literários de pessoas que moram no campo, as vozes dos favelados, das mulheres, dos negros, das pessoas mais carentes quase não aparecem nas classificações literárias, pois os seus autores não detêm o poder de decisão. Nosso papel aqui não será o de defender este ou aquele ponto de vista, mas buscar outras possibilidades de discussão, que não priorizem o cânone; mas que também não busquem transformar as margens em centro; colocando, em vez disso, centro e margem no mesmo patamar, promovendo o diálogo entre ambos.

Observe-se, a seguir, dois conceitos de literatura encontrados em dicionários *on line* que são consultados diariamente por milhares de pessoas. Para o Dicionário Online de Português (2014. s. p.), a literatura é:

s.f. Arte de escrever trabalhos artísticos em prosa ou verso. Conjunto das produções literárias de um país, de uma época. Profissão de homem de letras: dedicar-se à literatura. Conjunto de obras sobre um determinado assunto; bibliografia: literatura sobre o câncer.

Literatura de cordel, literatura popular, de pouco ou nenhum valor literário, geralmente em brochuras ou folhetos pendurados em cordel de bancas de jornaleiros ou vendidos em feiras do Nordeste.

Literatura de ficção, o romance, a novela, o conto.

No Dicionário de Português Online Michaelis/Uol (2014. s. p.), a palavra literatura aparece como o verbete:

**l i t e r a t u r a**  
l i t e r a t u r a  
*sf (lat litteratura)* **1** Arte de compor escritos, em prosa ou em verso, de acordo com princípios teóricos ou práticos. **2** O exercício dessa arte ou da eloquência e poesia. **3** O conjunto das obras literárias de um agregado social, ou em dada linguagem, ou referidas a determinado assunto: *Literatura infantil, literatura científica, literatura de propaganda ou publicitária*. **4** A história das obras literárias do espírito humano. **5** O conjunto dos homens distintos nas letras. *L. amena*: literatura recreativa; beletrística. *L. de cordel*: a de pouco ou nenhum valor literário, como a das brochuras penduradas em cordel nas bancas dos jornaleiros. *L. de ficção*: o romance e o conto (também se diz simplesmente *ficção*). *L. oral*: todas as manifestações culturais (conto, lenda, mito, adivinhações, provérbios, cantos, orações etc.), de fundo literário, transmitidas por processos não gráficos; parte do folclore.

Comparando os dois conceitos, é possível perceber que ambos são semelhantes, embora o segundo seja mais completo: nota-se, por exemplo, que o último conceito abrange um maior número de publicações, trazendo algumas literaturas a mais que o anterior, inclusive fazendo alusão à literatura oral. No entanto, em ambas definições há valoração e distinção de superioridade/inferioridade de umas literaturas sobre as outras, o que pode ser comprovado através da definição de literatura de cordel como “a de pouco ou nenhum valor literário, como a das brochuras penduradas em cordel nas bancas dos jornaleiros”.

Agora, vejamos uma estrofe do romance de cordel *O romance do pavão misterioso*, do autor José Camelo de Melo Rezende (1923), que foi o folheto mais vendido de todos os tempos:

Eu vou contar uma história/ De um pavão misterioso/ Que levantou vôo na Grécia/ Com um rapaz co-rajoso/ Raptando uma condessa/ Filha de um conde orgulhoso.

A estrofe mencionada é a primeira das 141 que compõem o folheto, que, na versão impressa, contém 32 páginas. Cada estrofe é formada por 6 versos de 7 sílabas métricas ou redondilhas maiores; as rimas são cruzadas e o teor da história consiste em um romance entre Evangelista e a filha de um conde, que vivia sob o jugo do pai, que conforme o texto, era rico e orgulhoso. É interessante perceber como o romance trata de uma história de amor e, ao mesmo tempo, heroísmo, pois o protagonista (Evangelista) liberta Creuza, sua amada, de um pai cruel, que a mantinha em cativeiro. A fuga e consequente libertação é feita por um veículo voador, semelhante a um helicóptero, com formato de um pavão, por isso o título do cordel.

Apesar de no referido folheto, a mulher ser libertada de um homem e ser resgatada por outro, saindo do jugo de um e supostamente, caindo no de outro; há de se considerar que o texto original foi escrito no início da década de 1920 e, para a época, o romance pode ser considerado à frente de seu tempo, pois a filha não só desobedece ao pai quando sai de casa sem o consentimento deste; como também escolhe o parceiro com quem passará a conviver, o que era incomum naquele tempo: ponto para a literariedade do cordel.

Outro aspecto a ser observado como inerente aos textos literários é o jogo de palavras, a sonoridade e os aspectos formais, como a rima e a métrica rigorosa que, embora não sejam determinantes para definir a qualidade literária, são também importantes, uma vez que dão ritmo ao texto e proporcionam uma leitura mais prazerosa. Além disso, Rezende explora o maravilhoso no referido folheto, o que enriquece as suas páginas de mistério e beleza. Resumindo: em um texto como *O romance do pavão misterioso* há avanços e falhas, mas isso não pode desmerecê-lo como literatura menor, ou de má qualidade; o que se pode afirmar é que se trata de uma outra possibilidade literária; de uma literatura diferente, mas não inferior.

Assim, pode-se observar que o conceito de literariedade de um texto muda, de acordo com a época, o local e outras variáveis, as quais estão sujeitas os escritos ao longo do tempo. A respeito disso, a autora Márcia Abreu esclarece:

Estamos tão habituados a pensar na literariedade intrínseca de um texto que temos dificuldade em aceitar a ideia de que não é o valor interno à obra que a consagra. O modo de organizar o texto, o emprego de certa linguagem, a adesão a uma convenção contribuem para que algo seja considerado literário. Mas esses elementos não bastam. A literariedade vem também de elementos externos ao texto, como nome do autor, mercado editorial, grupo cultural, critérios críticos em vigor. (ABREU, 2006. p. 41).

A respeito da afirmação anterior, é possível endossar o que Márcia Abreu traz, observando as dificuldades pelas quais um autor iniciante passa para publicar seus textos. Ao contrário, um nome conhecido pode até publicar absurdos, como foi o caso do físico Sokal<sup>1</sup>, que teve um texto publicado em uma revista de crítica cultural, em que ele afirmava que a gravidade era uma construção cultural, de acordo com Edgard Murano (2014); embora não se tratasse, nesse caso, de um texto literário, o exemplo é pertinente para que se veja como o nome do autor pesa, quando se vai publicar algum texto, seja literário ou não.

Diante de tantos fatores que influenciam na classificação de um texto como literário ou não-literário, é importante ressaltar que as considerações a respeito da literariedade de um texto são feitas por pessoas. Pessoas que leem isto em vez daquilo; pessoas que preferem uns autores em detrimento de outros; pessoas que têm acesso a algumas obras e a outras não. Enfim: escolhas são feitas a todo momento; e elas não são isentas – estas escolhas são políticas, porque estão cultural e politicamente demarcadas por tomadas de posição, conscientes ou não, de modo que, mesmo nos silenciamentos, há a assunção de um partido.

## 2. DISCUTINDO A QUESTÃO DO GOSTO

Quem disse que gosto não se discute? Em se tratando de literatura, o gosto é essencial, já que a leitura de determinados gêneros literários é feita baseada, se não unicamente, principalmente nas preferências do leitor. Outros critérios são importantes e, obviamente, podem ser levados em consideração quando da escolha de uma obra literária para a realização de leitura: o nome do autor, indicação e popularidade do livro, por exemplo.

O gosto por determinada obra e/ou texto não é uma característica inerente ao sujeito, mas é uma construção histórica e social que pode ser determinada pela família, pela escola, pelo meio, pela crítica literária especializada, pela mídia e por outras instâncias, de modo que o gosto não é uma condição inata e, portanto, pode e deve ser discutida, levando-se em consideração o respeito à diversidade de gostos, assim como a capacidade de julgamento do sujeito, que pode, a qualquer momento, quebrar a ordem vigente, a partir do desenvolvimento do senso crítico sobre suas leituras.

Jauss (1994), na obra *A história da literatura como provocação à teoria literária* apresenta uma abordagem da teoria literária centrada na recepção, destacando o papel do leitor, como o sujeito que lê, ressignifica, rasura, realiza críticas, através de comentários e resenhas que podem influenciar a formação de novos leitores que, por sua vez, irão tecer novos comentários sobre os textos lidos, formando, assim, uma cadeia crítica a qual, obviamente, influenciará na construção do gosto ou desgosto por determinada obra, estilo, autor ou gênero literário.

No texto mencionado, Jauss (1994) apresenta o conceito que, segundo ele, não é novo nem é sua criação, de “horizonte de expectativas do leitor” que pode ser considerado como o conjunto de previsões e anseios de leitores em relação a determinada obra, e na sétima tese do livro, o autor deixa claro que essas expectativas não são aleatórias, mas que, ao contrário, há determinadas condições que propiciam o seu surgimento, regulando, assim, o gosto dos leitores, pois:

[...] a obra que surge não se apresenta como novidade absoluta num espaço vazio, mas, por intermédio de avisos, sinais visíveis e invisíveis, traços familiares ou indicações implícitas, predispõe seu público para recebê-la de uma maneira bastante definida. Ela desperta a lembrança do já lido, enseja logo de início expectativas quanto a “meio e fim”, conduz o leitor a determinada postura emocional e, com tudo isso, antecipa um horizonte geral da compreensão vinculado, ao qual se pode, então — e não antes disso —, colocar a questão acerca da subjetividade da interpretação e do gosto dos diversos leitores ou camadas de leitores. (JAUSS, 1994, p. 28).

Notadamente, a construção do gosto literário faz parte da estética da recepção, em cuja base estão os leitores comuns que, por sua vez, podem ser influenciados por leitores especializados, como professores de literatura e críticos literários, que funcionariam como leitores intermediários, agindo na construção dos processos de subjetivação dos sujeitos leitores.



Nesse sentido, é possível afirmar que os gostos podem ser “educados”, moldados e interditados, no sentido mesmo dos condicionamentos aos quais estão sujeitos a partir das experiências do leitor e dos contextos de circulação das obras literárias, embora não sejam fixos ou imutáveis, visto que o gosto pode variar de acordo com a época e o local, o público etc, fatores que dificultariam uma análise diacrônica do gosto, o que sugere uma abordagem sincrônica dessa questão, levando em consideração o presente.

### 3. LITERATURAS: POR UMA ABORDAGEM PLURAL

A literatura está em toda parte, mas há espaços privilegiados quanto aos usos dessa forma de arte: as escolas, as universidades e os centros culturais e artísticos. Nesses locais, poderia ser apresentada uma gama de textos literários em vários formatos e abordando temáticas diferentes; bem como de autorias e *status* diversos, de modo que houvesse uma maior democratização nos estudos literários. No entanto, ainda persiste uma cultura de exercício do poder, o que pode ser constatado na afirmação abaixo:

A recepção literária e, inclusive, a definição do cânone literário, tem muito a ver com a universidade e a escola em todos os níveis. No ambiente escolar, desde o ensino fundamental ao universitário, a influência do(a) professor(a) é considerável. Suas opiniões, indicações, comentários, etc., podem influir positiva ou negativamente para a escolha de determinadas obras e exclusão de outras. Esse poder de influenciar pressupõe, da parte do docente, uma proximidade e gosto pela literatura. Se os(as) professores(as) não leem, como poderão comentar, opinar, sugerir leituras aos seus alunos? Talvez isto explique a proeminência da instituição universitária, em especial os cursos de Letras, enquanto fator formador e legitimador de preferências literárias. A instituição acadêmica faz uma espécie de inventário de obras a serem lidas e, claro, isso supõe a exclusão de outras. “É indubitável a existência de uma instituição acadêmica que determina, com rigidez, quais as leituras geralmente possíveis; e a “instituição literária” inclui editores, organizadores literários e comentaristas, bem como as academias”, nota Eagleton (1997, p. 122). É preciso também considerar o contexto histórico de cada época e o poder dos editores e outros agentes que ganham com o comércio dos livros. Nós que amamos os livros não sejamos ingênuos a ponto de esquecer que este é “valor de uso”, mas principalmente “valor de troca”, isto é, mercadoria. (SILVA, 2008. s. p.).

Do modo como a literatura tem circulado na atualidade, o estudo de autores consagrados e obras canônicas são privilegiados, em detrimento de outras literaturas. Um exemplo clássico de exclusão de literaturas consideradas marginais está presente no livro didático: os livros didáticos que fazem parte do PNLB (Programa Nacional do Livro Didático) são escolhidos a cada triênio. No ano de 2014, terminou um triênio; outro se iniciou em 2015. Assim, neste ano houve a escolha de novos livros didáticos. Em uma escola da Rede Pública, foi possível avaliar cerca de dez coleções de livros didáticos de LPLB (Língua Portuguesa e Literatura Brasileira) do Ensino Médio, das três séries que o compõem e, destas, quase todas já trazem os textos na perspectiva dos gêneros textuais; mas apenas duas trazem capítulos contendo literatura afro-brasileira e literaturas africanas de língua portuguesa; nenhuma traz capítulos destinados às discussões de gênero, privilegiando a literatura de autoria feminina ou a escrita de gênero/feminista.

Quanto às universidades, nestas já há muitas discussões em torno das margens da literatura, promovidas nas aulas dos programas de componentes curriculares situados no âmbito dos estudos culturais. No entanto, percebe-se ainda uma tendência muito grande em valorizar a normatização, o beletrismo – este no sentido da escrita rebuscada, repleta de arcaísmos e expressões bonitas e vazias de significado – e o cânone, contribuindo, dessa forma, para a perpetuação de um modelo excludente de estudos literários, os quais estão centrados no paradigma ocidental, de cunho eurocêntrico, no qual predominam os arquétipos oriundos dos dominantes, que são constituídos pelos antigos colonizadores e pelo imperialismo norte-americano.

É comum também, em espaços acadêmicos, a adoção de uma postura preconceituosa em relação aos *best sellers*, à literatura de cordel, a canções populares, cujas letras não estejam de acordo com os padrões idealizados pela academia, à literatura cor-de-rosa<sup>□</sup> e a outras formas de manifestações literárias que não sejam preconizadas em seus programas como uma literatura “de conteúdo”. Sobre isso, Antônio Ozaí da Silva (2008, s. p.), em um artigo sobre literatura e sua contribuição político-pedagógica, pergunta:

Poderíamos insistir: por que não ler gibis, literatura de cordel, fotonovelas, literatura infanto-juvenil, a “literatura cor-de-rosa”, etc.? Por que não, enfim, ler Harry Potter? Se a leitura é o início do saber, vale a pena ler tudo. Não me parece que a leitura de textos e livros não

incluídos no índice canônico seja determinante para a não leitura dos clássicos. E, de qualquer forma, é preciso perguntar-se: o que é um clássico? Como se deu a sua canonização?

Diante de tais questionamentos, é importante ressaltar que há literaturas diferentes, mas não é possível afirmar que umas são melhores e outras piores. Embora existam pontos de vista divergentes sobre as obras literárias, é necessário olhar para o universo de literaturas sem preconceitos, mobilizando outros saberes, necessários para vislumbrar novas possibilidades de escrita e de recepção, uma vez que determinada leitura pode fazer sentido para uma pessoa e não dizer absolutamente nada para outra.

Poderíamos mencionar também a ausência nos programas das escolas de educação básica e nas universidades de literaturas oriundas dos BRICS<sup>□</sup>; e, então outras questões relacionadas poderiam surgir, tais como a prevalência do ensino de inglês como língua estrangeira moderna; da proliferação das cadeias alimentares estilo *fast food* e tantas outras lacunas que só encontram razão de ser nesse modelo capitalista e neoliberal que governa as relações dos sujeitos na pós-modernidade. Embora pertinente, essa discussão ficará para outro momento, mais oportuno.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto, resta nos perguntar como estamos vendo a pluralidade literária presente em nosso cotidiano: se através de um ponto de vista estático, que só vê a partir de um único ângulo; ou se através de um olhar mais acurado, mais aberto e mais humano, o qual considere outros possíveis modos de ler/escrever e que leve em consideração os processos socioculturais e históricos pelos quais o conceito de literatura vem passando, ao longo do tempo.

Sujeitos imbricados nos processos formativos, tais como professores e estudiosos da língua e da cultura, têm (ou deveriam ter) como obrigação intelectual e moral contribuir para a formação de leitores jovens de sua convivência; seja em casa, seja na escola. Como formadores de opinião, poderiam trabalhar/indicar livros e textos diversos, nunca descartando as leituras já feitas pelos estudantes e estimulando sempre o debate sobre a variedade de obras que circulam na sociedade, de modo que o sujeito possa formar sua própria opinião sobre os inúmeros materiais gráficos que surgem diante de si.

É evidente que as obras consideradas clássicas não precisam ser negligenciadas, por conta da inclusão de outras, ditas marginais: não se pretende inverter a ordem, trazendo a margem ao centro; e levando o centro às margens. O que se quer é colocar várias possibilidades literárias lado a lado, de tal forma que seu estudo possa ocorrer paralelamente, sem privilégios.

## REFERÊNCIAS

ABREU, Márcia. **Cultura letrada: literatura e cultura**. – São Paulo: Editora UNESP, 2006.

**DICIONÁRIO DE PORTUGUÊS ONLINE MICHAELIS/UOL**. - Disponível em: [http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/index.php?lingua=portugues-portugues&palavra=literatura\\_\\_](http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/index.php?lingua=portugues-portugues&palavra=literatura__) – Consulta em: 12/11/2014.

**DICIONÁRIO ONLINE DE PORTUGUÊS**. Disponível em: <http://www.dicio.com.br/literatura/> - Consulta em: 20/11/2014.

EAGLETON, Terry. **Teoria da literatura: uma introdução**. – 6 ed. – São Paulo: Martins Fontes, 2006.

JAUSS, Hans Robert. **A história da literatura como provocação à teoria literária**. São Paulo: Ática, 1994.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. – São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MURANO, Edgard. Fraude automática: textos gerados por computador enganam publicações acadê-

micas mesmo quando desprovidos de sentido. *In: Revista Língua Portuguesa*. – Ano 09 – Nº 103, maio de 2014. (pp. 16-19).

PERRONE-MOISÉS, Leyla. **Altas literaturas: escolha e valor na obra crítica de escritores modernos**. – São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

REZENDE, José Camelo de Melo. **O romance do pavão misterioso**. São Paulo: Luzeiro, s.d./ Disponível em: <http://revistaquem.globo.com/Revista/Quem/0,,EMI29849-9531,00-O+ROMANCE+DO+PAVAO+MISTERIOSO+DE+JOSE+CAMELO+DE+MELO.html> – Consulta em: 21/11/2014.

SILVA, Antônio Ozaí da. Um olhar sobre a Literatura: reflexões acerca da sua contribuição político-pedagógica. *In: Revista Espaço Acadêmico* - Nº 91 – mensal – Dez./2008 (ano VIII – ISSN 1519.6186). Disponível em: <http://www.espacoacademico.com.br/091/91ozai.htm> - Consulta em: 10/11/2014.

## RESUMO

A torre de babel bíblica tinha como principal função unir os povos e levá-los ao céu; no entanto, Deus frustra a ideia dos homens e os separa dando-lhes línguas diferentes o que faz com que a construção seja deixada para trás. O filme de Alejandro Gonzáles Iñárritu, tem como objetivo abordar o corpo e como ele pode ser utilizado pelos seres humanos não para chegar ao céu em busca de Deus, mas para chegar ao “céu” que nos dias de hoje seria acabar com a solidão que nos cerca. A análise foi feita através do texto os Corpos dóceis, retirada da obra *Vigiar e punir* de Michael Foucault: As Consequências Humanas. Tais obras ajudaram a compreender que o corpo influencia a parte física e, de maneira vertiginosa, a psicológica, uma vez que, quando o ser humano não se percebe notado pelo próximo através de seus atributos físicos muitas vezes pode tornar-se um psicótico em busca da aceitação de outrem

**Palavras- Chave:** *Babel*; Corpo; Película .

## ABSTRACT

The biblical Babel tower had as its main function to unite the people and take them to the sky; however, God frustrates the men's idea and separates them by giving them different languages which causes the building to be left behind. The movie by Alejandro Gonzáles Iñárritu, aims to approach the body and how it can be used by humans not to get to heaven searching God, but to get to the “sky” that nowadays would be to end loneliness that is around us. The analysis was made through the text the docile Bodies, from Watch and Punish by Michael Foucault: The Human Consequences. Those works have helped to understand that the body influences the physical part and, in a vertiginous way, the psychological, since the human doesn't perceive himself noticed by the neighbor through his physical attributes he can often become a psychotic in search of the others' acceptance.

**Keywords:** Babel; Body; Movie

## 1 INTRODUÇÃO

O filme *Babel*, lançado em 2006 e dirigido pelo cineasta mexicano Alejandro Gonzáles Iñárritu, aborda um acidente que reúne quatro grupos de pessoas de três continentes distintos: dois jovens marroquinos; um

---

<sup>1</sup> Graduada em Letras/Português pela Universidade Federal de Sergipe, Pós-graduada em Planejamento Educacional pela Universidade Salgado de Oliveira, Mestranda em Letras/ Estudos Literários da Universidade Federal de Sergipe.

casal americano de férias no Marrocos; uma adolescente japonesa e seu pai; e uma mulher mexicana que leva duas crianças (filhos do casal de americanos que está no Marrocos para o local mais alto da fronteira entre Estados Unidos e México), sem a permissão de seus pais.

As quatro histórias de vidas são totalmente diferentes, mas que passam a entrelaçar-se a partir de uma única ação: A doação de um rifle, pelo caçador japonês ao guia marroquino de caça. A trama que envolve estas vidas parece improvável, uma vez que as únicas pessoas que realmente se conhecem são o guia marroquino e o caçador japonês. Porém, o que nos parece confuso, a priori, torna-se algo verdadeiramente intrincado e inteligente, à medida que os seres humanos e suas necessidades são expostas: a busca pelo prazer, a fuga da dor e o reconhecimento dos demais seres humanos.

O pivô de toda a trama, o caçador japonês, tem sua história de vida revirada pelo ato de bondade que faz ao deixar o Marrocos. Sua privacidade é invadida, pela polícia que era uma velha conhecida, pois visitara sua casa na ocasião do suicídio de sua esposa anos atrás e torna a aparecer em sua vida devido ao registro da arma que ainda se encontra em seu nome. Através deste ato, sua filha, uma adolescente problemática e surda, tem sua vida destrinchada. Suas saídas com um grupo de amigos que possuíam a mesma necessidade especial a coloca em conflito com o mundo a que pertence. Ao encontrar com um grupo de adolescentes ditos “normais” começa a perceber que não atrai o desejo do sexo oposto como sua melhor amiga que tem o mesmo “defeito” congênito, isso a faz sair da danceteria em que se encontrava e ir para casa onde depara-se com o policial encarregado de fazer algumas perguntas ao seu pai sobre a arma “achada” no Marrocos. A menina, como já acontecera em cena anterior com o dentista, insinua-se para o policial que, apesar de balançado pelo apelo da jovem, consegue manter-se longe da tentação em forma de ninfeta. O pai, ao voltar para casa, depara-se com o policial e acaba confirmando que dera realmente a arma ao guia de caça marroquino, mas desmente o que a filha dissera sobre a morte da mãe; ela simplesmente diz ao policial que a mãe se jogara da sacada do apartamento. O pai, ao subir, encontra a filha nua que corre para seus braços chorando.

Já os jovens adolescentes marroquinos, possuem uma vida dura, são pastores e têm que pastorear um grande rebanho nas montanhas infestadas de chacais. O pai, homem rude e sem nenhum saber das leis, ou por costume do local em que vive, dá aos meninos um rifle que é evidentemente muito para pessoas tão jovens. O ciúme que o irmão mais velho possui do mais novo é motivo para uma acirrada competição entre eles. Em um destes acessos de ciúme, o irmão mais novo atira no ônibus e atinge uma jovem senhora americana. O ato isolado logo é visto pela imprensa e pelo governo americano como um atentado terrorista. Esta “pseudo-brincadeira” infantil custa a vida do irmão mais velho, a prisão do irmão mais novo, a agressão ao guia marroquino e sua mulher e a credibilidade do país, Marrocos, com as autoridades americanas e a imprensa mundial.

O jovem casal americano tem neste ataque a chance de acertar as coisas que “aparentemente” estão erradas em seu casamento após perderem um filho. O marido tenta através da viagem tirar a mulher da apatia após a morte do filho de ambos. O ônibus, ao ser alvejado pelos incautos jovens adolescentes marroquinos modifica totalmente os rumos da história que o marido queria criar para ser suporte da mudança almejada por ele na cura da tristeza de sua mulher. O tiro atinge uma parte do braço da mulher provavelmente, compromete algo fundamental para mantê-la viva. O guia a leva até sua cidade natal e, uma velha senhora, avó do guia, enquanto a jovem mulher é atendida por um médico veterinário- única pessoa com habilidade para o tipo de problema na pequena cidade- e avó do guia que entoa canções e dá à mulher um cigarro para entorpecer a

dor que sente. A velha senhora faz uma espécie de pajelança. Tempos depois, o helicóptero chega até a aldeia e leva a ferida para o hospital onde é operada, tem um prognóstico não muito encorajador do médico que a atende, o que deixa o marido inconsolável, no entanto, o médico o tranquiliza dizendo que fará de tudo para que ela não precise amputar o braço. O marido aguarda a cirurgia que ocorre da maneira prometida pelo médico e, alguns dias depois, em meio as provações que passaram em solo marroquino, partem para casa e, aparentemente, conseguem unir os cacos em que suas vidas se tornaram após perderem um de seus filhos.

Por último, mas não menos importante, temos a senhora mexicana que trabalha para o casal que está no Marrocos. A senhora tem que comparecer ao casamento do filho no México em uma cidade que aparentemente fica a pouca distância da fronteira com os Estados Unidos, o acidente que ocorre com os patrões no Marrocos, a faz tomar uma atitude totalmente atípica de seu comportamento: levar as crianças sem a permissão dos pais para o México! A atitude tomada pela babá das crianças a princípio é estimulante para ambas, pois elas têm contato com uma exuberância de costumes totalmente diferentes daqueles que estavam acostumadas. O casamento em si é de uma riqueza cultural maravilhosa e, o que ambos veem os tornam felizes e com uma visão diferenciada da que os pais e a sociedade americana possuem de outras culturas que não têm contato. A volta para casa com a fuga do sobrinho da babá da polícia de fronteira os faz vivenciar uma realidade que não estava prevista pela guardiã das crianças, uma vez que para ela seria apenas um bate e volta sem muitas repercussões entre as crianças, os pais e ela mesma. Perder-se no deserto com as crianças e ser obrigada a encontrar uma solução rápida para a enrascada que colocou não só a si mesma como aos filhos dos patrões americanos, dá à babá um problema que não está preparada para enfrentar: a perda do emprego, extradição, o amor que sentia pelas crianças, a confiança que adquirirá a duras penas dos patrões americanos e, finalmente, o sonho de uma vida melhor em solo americano não só para si, mas também para aqueles que dela dependiam em território mexicano.

Com efeito, longe de ser um “dado” objetivo, impessoal, físico, a “distância” é um produto social; sua extensão varia dependendo da velocidade com a qual pode ser vencida (e, numa economia monetária, do custo envolvido na produção dessa velocidade). Todos os outros fatores socialmente produzidos de constituição, separação e manutenção de identidades coletivas — como fronteiras estatais ou barreiras culturais — parecem, em retrospectiva, meros efeitos secundários dessa velocidade. Parece ser essa a razão — assinalemos — pela qual a “realidade das fronteiras” foi como regra, no geral, um fenômeno estratificado de classe: no passado como hoje, as elites dos ricos e poderosos eram sempre de inclinação mais cosmopolita que o resto da população das terras que habitavam; em todas as épocas elas tenderam a criar uma cultura própria que desprezava as mesmas fronteiras que confinavam as classes inferiores; tinham mais em comum com as elites além fronteiras do que com o resto da população do seu território. Parece ter sido essa também a razão pela qual Bill Clinton, o porta-voz da mais poderosa elite do mundo atual, pôde declarar recentemente que pela primeira vez não há diferença entre a política doméstica e a política externa. Com efeito, pouca coisa na experiência atual de vida da elite implica uma diferença entre “aqui” e “acolá”, “dentro” e “fora”, “perto” e “longe”. Com o tempo de comunicação implodindo e encolhendo para a insignificância do instante, o espaço e os delimitadores de espaço deixam de importar, pelo menos para aqueles cujas ações podem se mover na velocidade da mensagem eletrônica (Bauman, 1998 p.14,15).



*Babel* é um daqueles raros filmes em que se vê uma preocupação do diretor em mostrar a dramaticidade que envolve as personagens. Pode-se notar que há complexidade para criar as personagens e, acima de tudo, o intrincamento que todas possuem entre si dá à película uma realidade possível – pode-se ver a verossimilhança nas partes constitutivas que nos fazem querer saber o que acontecerá posteriormente. A técnica utilizada pelo diretor promove a quem assiste seu trabalho uma visão fragmentada das partes para se constituir, a posteriori, um todo que seja realmente fidedigno a suas perspectivas cinematográficas. A atuação dos atores envolvidos na trama é de uma plasticidade que envolve a quem assiste fenomenal, a dor retratada pode ser perceptível em todas as quatro histórias fragmentadas pois, os personagens que foram retratados de maneira gloriosa pelos artistas escolhidos e suas representações foram exímias quando representaram a dor, o prazer e a tensão em seus corpos. A escolha do filme *Babel* se deu a partir das aulas da disciplina Corpo e Cinema. A película exposta em sala de aula serviu de objeto de estudo partindo de uma bibliográfica, tendo como objetivo entender a forma como o corpo é utilizado na obra *Babel*.

## **2 O CORPO EM BUSCA DO PRAZER**

Os estudos do fenômeno corpo trazem para ele olhares que antes não era possível, bem como conceitos diversos. A priori, fora visto como biológico, a posteriori como cultural, desta forma é fabricado e educado para a vida em sociedade.

No filme *Babel*, a visão do corpo como fonte de prazer é mostrada no filme sob três óticas: a do adolescente marroquino, que está descobrindo a sexualidade, e que busca através de um pequeno, mas prático buraco na parede, vê sua irmã sem roupa com a aquiescência da menina. A da jovem japonesa busca através do sentir um contato mais profundo com o sexo oposto, uma vez que acha que “todos” que a cercam não a enxergam como gente e sim como um bicho, devido a sua deficiência e, finalmente, a senhora mexicana que se entrega aos prazeres do corpo de forma madura sendo sabedora do que a espera quando está diante de um homem.

A jovem Chienko, ao tentar ser aceita em uma metrópole composta de pessoas vazias, busca, através do corpo, encontrar o que não consegue verbalizar. Ao perceber que não é realmente “vista” pelos que a rodeiam, passa a ter ideias de como poderia usar seu corpo para adquirir o contato tão necessário para sentir-se aceita em um meio que a engolia. Para Michel Foucault (1978), o corpo passa a ser a apropriação do tempo e do indivíduo, de como capitalizá-lo e transformá-lo em controle, ou seja, deve ser vigiado, olhado; se faz necessário separar os corpos para torná-los visíveis para observação de quem vê. A dominação impõe obrigações e direitos fazendo com que surjam marcas nas coisas e nos corpos. Partindo desta realidade, vemos que Chienko luta para ser aceita na metrópole cheia de vida de corpos vibrantes, mas de, no entanto, as pessoas são vazias e solitárias.

Em *Babel*, a jovem Chienko, por ser surda, sente-se solitária. Mesmo que viva no meio de tanta agitação, não consegue compreender os acontecimentos que estão em torno de si, como ser notada pela beleza que possuía e, no entanto, ser deixada para trás quando descobrem a necessidade especial que possui. A dita necessidade especial a deixa em um mundo impenetrável, até mesmo pelo pai. Em um dos momentos mais marcantes da película, encontramos uma adolescente aparentemente normal que chama a atenção de outro adolescente, mas que ao descobrir que a jovem não pode ouvi-lo a deixa de lado. Este comportamento do rapaz

é o estopim para a ira de Chienko que chega a declarar para a amiga que não é um bicho, levantando-se da cadeira e indo em direção ao banheiro. Ao entrar no banheiro e retirar a calcinha para mostrar-se aos jovens da mesa em que o rapaz que a rejeitou se encontra, Chienko abre as pernas para revelar que ela é igual a outras mulheres que estão no bar. Neste momento, ela simplesmente mostra a seu pretense pretendente que pode não ouvir mas possui as mesmas características físicas que as pretensas concorrentes possam ter. A atitude da jovem demonstra que ela tem plena consciência do que o seu corpo provoca em quem a vê, mas a sua “dificuldade auditiva” faz com que os outros acabem repelindo o contato físico, a disciplina dos ditos normais pode ser observada na constatação de Foucault quando diz que nós seres humanos somos disciplinados. Essa disciplina se dá pela moral rígida que os japoneses possuem, se pressupõe que manter um relacionamento íntimo com uma garota que não pode comunicar-se consistiria numa falha de caráter tremenda, porque além de tudo tratava-se de uma jovem menor de idade que não tinha uma boa relação interpessoal com as pessoas, o que se incluíam o pai, professores e colegas. Sua rebeldia chegava a ser imoral, pois tentava, de certa forma, chocar a quem a servia quando se insinuava sexualmente para eles, um bom exemplo disso é o que ocorre na cena com o dentista. A falta de disciplina corporal da jovem é colocada como um contraponto com a disciplina corporal do dentista e, posteriormente, com a do policial que vai interrogar seu pai devido ao episódio passado no Marrocos, sobre isso vemos a seguinte fala de Michael Foucault:

A disciplina “fabrica” indivíduos; ela é a técnica específica de um poder que toma os indivíduos ao mesmo tempo como objetos e como instrumentos de seu exercício. Não é um superpoderio; é um poder modesto, desconfiado, que funciona a modo de uma economia calculada, mas permanente. Humildes modalidades, procedimentos menores, se os compararmos aos rituais majestosos da soberania ou aos grandes aparelhos do Estado. E são eles justamente que vão pouco a pouco invadir essas formas maiores, modificar-lhes os mecanismos e impor-lhes seus processos. O aparelho judiciário não escapará/ a essa invasão, mal secreta. O sucesso do poder disciplinar se deve sem dúvida ao uso de instrumentos simples: o olhar hierárquico, a sanção normalizadora e sua combinação num procedimento que lhe é específico, o exame. (FOUCAULT, 1987, p. 143)

Vemos ainda que Chienko, mesmo quando parece ter sido inserida em atividades com pessoas que têm os mesmos problemas que ela continua só; nota-se, então, que ser sozinho é uma questão de percepção. A jovem encontrou-se com outras pessoas da mesma idade que ela. Neste encontro, percebe que há uma possibilidade de ser vista como normal, de ser aceita pelas pessoas que a rodeiam, então nota um jovem que a fascina durante toda a tarde e parte da noite, porém, nota que este jovem não a ver com a mesma fascinação, além de estar interessado em sua melhor amiga. Chienko fica transtornada ao vê-los dançando e beijando-se na boate em que se encontram. A amiga possui a mesma “deficiência “ que ela, e é notada. Ela, por sua vez, parece que não faz parte do mundo que a rodeia. A amiga era aceita do jeito que era, porém, Chienko, achava-se isolada da realidade em que as pessoas se encontravam. Era uma solitária assim, com todas as outras pessoas que andavam ao esmo pelas agitadas ruas da metrópole em que vivia. Esta realidade a tinge de maneira violenta. A menina agitada, que busca através do corpo a aceitação, é quebrada de tal forma que volta para casa cabisbaixa e melancólica. Essa onda de melancolia irá desencadear uma das cenas com maior plasticidade no filme: a rejeição do policial às investidas da jovem ninfeta que se oferece em desespero seu corpo e a aceitação

de que não está sozinha, ainda tem o pai que a acolhe e a aceita da maneira que ela é. A constatação de não se encontrar sozinha provoca uma catarse que há muito se fazia necessário na vida da jovem, pois não podemos ter o controle de nosso corpo se não o conhecemos de maneira adequada. A catarse purifica nossa alma e, conseqüentemente, nos ajuda a modificar o comportamento que temos com o nosso corpo. Assim:

Ora, o estudo desta microfísica supõe que o poder nela exercido não seja concebido como uma propriedade, mas como uma estratégia, que seus efeitos de dominação não sejam atribuídos a uma 'apropriação', mas a disposições, a manobras, a táticas, a técnicas, a funcionamentos; que se desvende nele antes uma rede de relações sempre tensas, sempre em atividade, que um privilégio que se pudesse deter; que lhe seja dado como modelo antes a batalha perpétua que o contrato que faz uma cessão ou uma conquista que se apodera de um domínio. Temos, em suma, que admitir que esse poder se exerce mais do que se possui, que não é 'privilégio' adquirido ou conservado da classe dominante, mas o efeito conjunto de suas posições estratégicas - efeito manifestado e às vezes reconduzido pela posição dos que são dominados (FOUCAULT, 1977, p. 29).

A busca da aceitação e prazer é algo inerente ao ser humano, uma vez que se percebeu que há uma ligação entre ambos e o corpo, se fez a analogia de que através dele poderíamos, enquanto seres humanos, tornar a aceitação do próximo mais fácil. Chienko, em sua busca desesperada para se encaixar em um mundo totalmente adverso e voltado apenas para si mesmo fez esta mesma analogia e, percebeu que nem sempre esta atitude pode garantir que tenhamos companhia e que nossa solidão acabará. Compreender o que está ao seu redor parece algo impossível para alguém que só pode ver e tocar as coisas que estão ao seu redor. A dor latente existente em sua alma torturada pela morte precoce da mãe e a falta de comunicação com as pessoas a transforma em um ser impulsivo e sem noção do perigo que corre ao oferecer-se a quem acha um parceiro ideal. O pai da jovem está perdido no mundo adolescente e sem controle da filha os tornando estranhos no próprio ninho que dividem. *Babel* é um destes filmes que nos permite pensar em quão valiosa é a nossa vida, em como mesmo através das adversidades podemos nos encontrar e, acima de tudo, em como podemos encontrar aos outros no meio do caos que se instaura ao nosso redor.

## CONCLUSÕES

O filme *Babel* traz em seu âmago a complexidade da vida humana. Nota-se que os problemas vividos pelos personagens são verossímeis e que os tornam próximos à realidade de todos nós. O filme acaba por não dar um julgamento definitivo sobre a globalização, focando-se mais em demonstrar que ela existe e que seus efeitos podem ser mais intensos do que é comumente imaginado. A solidão da jovem Chienko, mesmo rodeada de tanta vida, a dor impronunciável do casal após a morte do filho, a vida dura das crianças marroquinas, a descoberta da sexualidade e o apego familiar, além da cultura da empregada mexicana nos mostram como o corpo pode ser responsável pelo comportamento humano em contextos sociais e culturais tão diferentes. Através deste estudo, percebe-se que a película demonstra quanto é importante a temática explorada. O corpo, assim como as diversidades entre os personagens, converge em uma só temática: O corpo é a mola mestra de todos os nossos problemas, sejam eles de ordem física ou de ordem psicológica. Desta forma, pode-se perceber que *Babel* é uma obra que pode ser utilizada tanto nos cursos de graduação como de pós-graduação,

pois instiga a busca pelo saber e como as teorias podem ser percebidas através dos discursos na obra filmica.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

BABEL. Direção: Alejandro González Iñárritu, Produção: Alejandro González Iñárritu, EUA, México e França, Paramount Picture, 2007, 1 DVD.

BAUMAN, Zygmunt. Globalização: As Consequências Humanas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 1999.

FOUCAULT, Michael. Vigiar e punir. Petrópolis, Vozes, 1987, 27ª Ed.

## Caldeirão: quando a memória revela a história

Aretha Ludmilla Pacheco Lira Barros<sup>1</sup>

Resumo; Este trabalho tem o objetivo de fazer uma leitura de cunho filosófico da obra literária *Caldeirão*, de Cláudio Aguiar. Faremos uma análise de como o passado é trazido à tona através do movimento da memória e de como a memória revela aspectos da história e da identidade individual e coletiva. Nossos referenciais teóricos se concentrarão em Walter Benjamin e em Gagnebin, filósofa que tem construído uma trajetória de fôlego sobre memória, passado e o ato de lembrar.

Palavras-chave: Caldeirão, Literatura, Filosofia.

Apesar de ter sido uma das grandes insurreições rurais de cunho messiânico no Brasil, ao lado de Canudos, na Bahia (1896-1897) e do Constestado, em Santa Catarina (1936-1937), o Caldeirão (sertão cearense, 1926-1936) é uma comunidade pouco conhecida e ainda pouco discutida no Brasil. Para verificar isso, basta uma breve busca na internet e uma comparação do montante de pesquisas e matérias jornalísticas acerca de Canudos, por exemplo, e do Caldeirão.

À diferença de Canudos, para usar a revolta mais conhecida, que alcança o ápice de sua difusão na figura de *Os Sertões* de Euclides da Cunha, não houve uma deliberação comum pelo combate, os moradores simplesmente foram atacados pelas forças militares e, sem discussões ou confrontos, renderam-se. Em momento algum o povo de Caldeirão foi incitado pelo Beato José Lourenço, seu líder, a travar guerra contra o Estado ou a Igreja, seus algozes depois da morte de Pe. Cícero Romão. Ainda assim, foram dizimados, e tiveram seu arraial comunitariamente construído, relativamente próspero e independente, destruído.

A memória de Caldeirão foi reelaborada e presentificada através de um movimento ocorrido no Ceará, no fim do século XX, cerca de 60 anos depois de a comunidade ter sido aniquilada, de retomada de histórias apagadas, jogadas embaixo do tapete da historiografia, ou simplesmente distorcidas e manipuladas por uma elite dominante. Artistas que atuam em diversas linguagens usaram a história do Caldeirão como mote para suas obras. Podemos citar com maior destaque: *Caldeirão*, romance de Cláudio Aguiar (1982), *O Caldeirão da Santa Cruz do deserto*, filme de Rosemberg Cariry (1985) e *A Irmandade da Santa Cruz do Deserto* peça teatral de Oswald Barroso (1987).

---

<sup>1</sup> Doutorando em Letras pela Universidade Federal de Sergipe, mestra pela mesma universidade e graduada em Letras pela Universidade Federal de Alagoas. Vem desenvolvendo pesquisa ligada às relações entre Literatura, História e Memória. Servidora da UFS desde 2008, trabalha atualmente como secretária- executiva no Programa de Pós-Graduação em Cinema. Sua última publicação foi feita em 2015, o livro intitulado *O Caldeirão da Santa Cruz do Deserto: Diálogos entre Literatura, História e Memória*. Endereço de e-mail: arethapacheco@gmail.com.

É nesse contexto que se insere nosso objeto de discussão neste artigo. Desde a dedicatória, o autor Cláudio Aguiar revela sua intenção de conferir à comunidade Caldeirão, dignidade, respeito e memória que lhes foram tirados pela história, além de usar aquele grupo como ensejo para falar de tantas outras comunidades esquecidas e igualmente destruídas: “À memória dos camponeses massacrados não só em terras do Caldeirão” (AGUIAR, 2005, p.5). Apesar de advertir o leitor quanto à semelhança entre personagens reais e os personagens de sua ficção, é evidente durante toda narrativa a preocupação de Aguiar com a coincidência entre fatos, personagens e situações da história real e da história ficcional, a ponto de *Caldeirão* ser um apanhado quase documental e tão mais fiel que muitos jornais da época, que se limitaram às acusações de comunistas e fanáticos.

*Caldeirão* apresenta a história do arraial homônimo sob uma perspectiva nova, a versão dos vencidos, dos sobreviventes do massacre. O relato não só exalta e dá voz àquele povo, cujas vidas foram arrasadas, como confere veracidade aos registros de memória, de modo geral, rechaçados pela historiografia. Assim é apresentado o mote do livro, logo abaixo de seu título:

Pedaço de conversa de velório dito por mestre Bernardino, curandeiro, guerreiro e decurião do povo de Caldeirão, arraial situado na chapada do Araripe nas terras do vale do Cariri cearense, no qual narra a verdadeira história dos funestos acontecimentos d’ A Santa Cruz do Deserto destruída violentamente pelas armas militares onde também são reveladas as feitorias do beato José Lourenço (AGUIAR, 2005, p.3).

De tal modo, o romance *Caldeirão* pode ser apontado como uma figura central no movimento de redemocratização da memória do Cariri cearense.

Apesar de ter existido sob a liderança do Be. José Lourenço, o ensaio do que seria o *Caldeirão* começou muito antes, com Pe. Cícero, que já há alguns anos recebia em sua casa as vítimas da seca, de diversas partes do Ceará e do Nordeste. Juazeiro do Norte se tornou popular no sertão por conta de sua relativa prosperidade financeira, até hoje uma cidade influente na economia do estado, e também pela figura de Pe. Cícero Romão, conhecido por prestar ajuda às vítimas da seca (e também por suas alianças com a política e com o cangaço). Famílias sem emprego, “trabalhadores rurais que não tinham terra para cultivar, que eram atingidos pelos resquícios da escravidão e pela lei da propriedade privada que acompanhou a proibição do tráfico de escravos” (PACHECO, 2015, p.35) viam-se sem alternativa de sobrevivência e recorriam à ajuda do “Santo cearense”.

Logo não havia espaço para todos, e o trabalho filantropo que havia começado com dois ou três, se transformou em dezenas de famílias que aumentavam a cada semana. À época, Pe. Cícero havia conhecido José Lourenço, negro, paraibano, filho de ex-escravos, que logo se tornou uma pessoa de sua confiança. José Lourenço se



tornou beato e foi incumbido de liderar as pessoas que mais tarde construiriam o caldeirão. Inicialmente, no sítio Baixa Dantas, arrendado pelo padre, José Lourenço já se tornara conhecido por sua liderança e seu trabalho árduo. O arraial foi recebendo todas as pessoas que já não cabiam mais na casa de Cícero Romão. Depois que Baixa Dantas foi vendido, a comunidade se mudou para uma propriedade do padre, o sítio Caldeirão. Caldeirão leva esse nome por conta de uma fenda geológica que formava um açude natural, o que ajudava o povo a combater a seca da região. Muitos que levavam uma vida de mão- de- obra barata, sob um regime de semiescravidão, foram atraídos ao Caldeirão, na esperança de uma vida com menos limitações financeiras e menos exploração.

Junto àquelas pessoas que eram enviadas ao Caldeirão, Zé Lourenço construiu casas e igrejas, cultivou uma diversidade de cereais e hortaliças, criou gado e outros animais. Eles produziam praticamente tudo que precisavam e consumiam. Reuniram uma força de base igualitária, todos trabalhavam. Assim, sempre tinham excedente, que era acumulado ou vendido. Logo, a prosperidade ganhou fama e se espalhou pelas redondezas fazendo aumentar o número dos que se achegavam àquelas terras (PACHECO, 2015, p.8).

Enquanto Pe. Cícero estava vivo, Caldeirão foi protegido e seguiu sua vida com a rotina de trabalho instituída pelo próprio grupo. No entanto, após sua morte em 1934, os ataques começaram. O Estado e a Igreja se sentiam ameaçados pela popularidade e pela autonomia financeira devida à economia alternativa e comunitária praticada no Caldeirão. Dizia-se que praticavam um catolicismo popular de idolatria e autoflagelo que ia de encontro a vertente ortodoxa da igreja católica. Também os acusaram de fanáticos, comunistas e invasores das terras deixadas por Cícero aos padres Salesianos. E, assim, os ataques empreendidos iam desde perseguição dos seus moradores, morte do boi mansinho (ícone da fé daquela comunidade, um boi de raça, a quem tratavam com carinho e por quem acreditavam ser protegidos, um presente de padre Cícero), até à morte de moradores do Caldeirão, culminando na completa destruição do arraial.

Aguiar, através da ficcionalização da história de Caldeirão, desvela ao leitor uma versão da história diversa da que consta nos anais da historiografia. O fanatismo religioso dá lugar a um movimento de fé que é a mola do trabalho para aquele povo e seu escape para os dias de luta contra as mazelas da seca. O comunismo dá lugar ao sucesso da economia alternativa que beneficiava a todos e colocava fim a espoliação da propriedade privada. A invasão de terra se transforma em revitalização de um espaço ermo e estéril. E no lugar da vitória do Estado sobre o comunismo, a devastação de um povo inteiro que se viu sem casa, sem trabalho, sem identidade e sem memória.

A maioria dos relatos apresentados no romance foi recolhida dos escassos e tímidos registros dos relatos de sobreviventes, e de histórias que o autor, nascido em Poranga- Ceará, em 1944, ouvia desde a infância. Dentre

este tantos relatos, mencionaremos apenas um, presente no romance e no livro *Um beato Líder: narrativas memoráveis do Caldeirão*, de Domingos Sávio de Almeida Cordeiro<sup>2</sup>.

Um desses relatos, talvez o mais marcante para os moradores de Caldeirão e o mais emocionante para o leitor, é a história da morte do boi Mansinho, presente de pe. Cícero para aquela comunidade. O objetivo do padre era reproduzir o boi, que era de raça, e melhorar a qualidade dos rebanhos. No entanto, presente do tão estimado homem santo, o povo do Caldeirão cuidava do boi com bastante zelo, acreditando que o boi também era santo. O boi se tornou um animal de estimação, a ponto de batizarem-no de “Mansinho”. A notícia de que “cultuavam” o boi se espalhou e, diante das zombarias, Floro Bartolomeu, um dos aliados de Pe. Cícero, resolveu ir até o arraial e mandar matar o boi. Piorando a situação, os moradores são coagidos a comer da carne do boi. Foi um dia de luto, tristeza e ultraje para aquele povo. O evento é mencionado no livro de Cordeiro e na ficção *Caldeirão*. O romance guarda os mesmo detalhes apresentados no relato.

[...]não é possível negar a proximidade (muitas vezes correspondência) com o massacre real de Caldeirão, com a vida que se levava ali, com relatos como o de boi Mansinho, da prisão dos beatos, da guerra contra as tropas de Rabelo, com a atuação das principais personagens que estavam direta e/ou indiretamente envolvidas naquela comunidade: o beato José Lourenço, Bernardino, Severino Tavares, Floro Bartholomeu, Pe. Cícero, etc. p. 63

[...]

No caso de Caldeirão muitos relatos encontrados em fontes históricas sobre o evento foram transformados em cena: o caso da morte de Mansinho, a prisão de Zé Lourenço, a guerras entre os romeiros do Juazeiro e as tropas de Franco Rabelo. P. 91

Fica evidente na narrativa o compromisso em dar voz a uma memória que foi apagada pela historiografia. Com esse objetivo, nada mais honesto que ouvir de um dos moradores do Caldeirão o que era, como viveu, como cresceu e que desafios enfrentou aquela comunidade. Ninguém conhecia tão bem aquele espaço quanto seus residentes, assim, a narrativa é construída numa entrevista concedida a um jornalista que visita o arraial, e quem dá seu tom é mestre Bernardino, o braço direito do beato José Lourenço no Caldeirão.

Bernardino atua assim como o narrador “trapeiro”, ou catador de lixo, de Benjamin

(1985) que transforma a matéria residual da história em algum produto, em algo que possa ser deixado à posteridade e que também conte uma versão de história que não foi priorizada ou que muitas vezes foi apagada. Esse narrador dá às gerações que virão a chance de conhecer uma história que poderia ter caído no esquecimento, mas que graças a seu trabalho, não deixou de existir.

---

2 Doutor em Sociologia pela Universidade Federal do Ceará. Professor no Departamento de Ciências Sociais na Universidade Regional do Cariri no Crato-CE.

Ainda sobre a figura do narrador, Benjamin (1985) trata especificamente de sobreviventes de grandes catástrofes e de como sua capacidade de comunicar é afetada pelo trauma.

Na tentativa de fazer uma releitura dos elementos da nossa história, o narrador é comparado por Benjamin à figura do “trapeiro”, o catador de lixo. Mesmo o que aparentemente não tem serventia é recolhido e retomado numa tentativa desesperada de não deixar que nada se perca. Como um sucateiro, este narrador recolhe os restos, o que não tem significação, o que foi colocado debaixo do tapete da História. Os grandes feitos já receberam seu espaço, mas a História não sabe o que fazer de suas memórias (PACHECO, 2015, p. 75 apud GAGNEBIN, 2006, p. 54).

Benjamin anuncia assim uma narrativa cuja transmissão se daria entre as ruínas da história, no meio da sucata, no meio do lixo. Não veríamos mais narrativas como as apresentadas nas epopeias, narrativas de exaltação, que contavam de modo pomposo os grandes feitos de um povo, mas uma narrativa que se preocuparia principalmente em não esquecer, em recolher todos os cacos, todos os detritos e depois costurá-los. Esse “lixo” onde o narrador sucateiro iria transitar e recolher seus casos seria o lixo da história, tudo que não teve espaço na história, o que sobrou, toda memória com a qual a história não soube o que fazer, o que não teve seu lugar.

Ainda sobre esse novo modelo de narrativa, Benjamin aponta mais uma particularidade ligada à “verdadeira narrativa” (1987, p. 200) que seria sua “função utilitária: valores, tradições, lições de moral, técnicas, enfim, experiências comunicáveis, transmitidas de geração em geração” (PACHECO, 2015, p 81).

Segundo o filósofo, depois do trauma provocado pela catástrofe, existe um entrave em esboçar por meio da linguagem a reconstrução do passado. Daí a importante tarefa de ficcionalizar um evento real. Através da *mimeses* da história torna-se possível narrar o inenarrável, torna-se possível trazer um passado de horrores à tona. E a necessidade de novamente abrir a ferida, tocar nela, e reiniciar o processo de cicatrização é que não se pode apagar as atrocidades da história, sob à pena de repeti-las e fazer novas vítimas e novos algozes. A única coisa que nos resta a fazer depois de herdar uma dívida de culpa de sangue, a única coisa que podemos fazer à memória dos mortos, é conferi-las o mínimo de dignidade e de garantia de que o homem e a história se retratem por não repetir as agruras de outrora.

Passo a passo a história de Caldeirão se desvela ao leitor, desde a história de José Lourenço, figura central no Caldeirão, passando pelos diversos espaços por eles ocupados, chegando ao seu crescimento e prosperidade, e posterior perseguição e destruição de seu povo. Mestre Bernardino faz no romance o que talvez não conseguisse fazer na vida real, o ato de reelaborar o passado através do ato de lembrar.

À medida que narrador conta a história de Caldeirão, ele não conta apenas sua versão história, seus relatos particulares ou elementos estritamente ligados a sua vida privada, mas sua memória individual revela também a memória coletiva da comunidade a qual pertencia. Aquele sobrevivente era um representante do povo do Caldeirão, era um representante da forma como eles exerciam sua fé, um representante das relações de trabalho que ali foram construídas, um representante da economia e da política que ali se instaurou. Ao ler a fala de mestre Bernardino lemos nas entrelinhas as falas de muitos e muitos que ali viveram. Através dele temos acesso ao passado que se remonta no nosso presente, e podemos novamente relê-lo e ressignificá-lo sob outras perspectivas.

Esse movimento de acesso ao passado de um povo através da memória de um único indivíduo faz parte da própria natureza da memória, que ao se manifestar, decodificada através da linguagem, de imagens e quadros narrativos, existe e é trazida à tona de modo homogêneo e não fragmentado.

O ato de lembrar não isola elementos que compunham o mesmo gráfico. Se lembramos de um dia das nossas férias, lembramos também quem estava conosco. Se lembramos uma situação em que participamos, lembramos também do ambiente onde aquilo aconteceu. Assim a memória é apresentada na forma de quadros narrativos completos, em um todo inteligível. A memória é armazenada como uma teia de conexões e não em cacos.

Apenas uma única personagem lembra, mas à medida que faz isso as memórias vêm entremeadas por objetos, pessoas e lugares. Ninguém constrói memórias isoladas, elas são, porém, um complexo de vários elementos constituintes. Por outro lado, mesmo lembrando não apenas de si, mas da comunidade como um todo, o que nos é apresentado é uma visão singular acerca daqueles eventos.

[...]

O caráter coletivo da memória se dá sob dois aspectos. Um deles está relacionado ao fato de que quem lembra não lembra só de si, não estávamos sozinhos no passado, deslocados no espaço, assim somos apenas um elemento em meio a nossas memórias. Um dentre tantos outros que construíram alguma lembrança do passado. O outro aspecto está ligado à fidelidade da memória à realidade. É preciso que haja referência ao outro e que ele sirva como comprovação de veracidade da lembrança (PACHECO, 2015, p. 72).

Portanto, através da narrativa das memórias de Bernardino, temos acesso à história de toda comunidade de Caldeirão e sua trajetória. Conhecemos uma outra versão da história de tudo que ali aconteceu, uma história diferente da que foi registrada pela historiografia oficial, uma história que não foi narrada pelo outro.

Justamente por não ter sido uma história veiculada pelos principais documentos jornalísticos, o papel de quem escuta e transmite a outras gerações aquela narrativa tem fundamental importância. Esse seria o papel da testemunha, segundo Gagnebin:

Testemunha também seria aquele que não vai embora, que consegue ouvir a narração insuportável do outro e que aceita que suas palavras levem adiante, como num revezamento, a história do outro: não por culpabilidade ou por compaixão, mas porque somente a transmissão simbólica, assumida apesar

e por causa do sofrimento indizível, somente essa tomada reflexiva do passado pode nos ajudar a não repeti-lo infinitamente, mas a ousar esboçar uma outra história, a reinventar o presente (GAGNEBIN, 2006, p. 57).

As vozes apagadas pelo Estado ganham vida naquela narrativa, onde o relato oral é legitimado como discurso de verdade. E o entrevistador que desencadeia toda a sequência de lembranças do Mestre Bernardino, qual testemunha, terá agora o papel de perpetuar aquela experiência e não deixa-la cair no esquecimento.

## **Referências Bibliográficas**

AGUIAR, Cláudio. Caldeirão: A guerra dos beatos. 4ª ed. Rio de Janeiro: Calibán, 2005.

AYMARD, Maurice. História e memória: construção, desconstrução e reconstrução. In: Tempo Brasileiro. Rio de Janeiro, n. 153, abril-junho de 2003.

BENJAMIN, Walter. O Narrador: Considerações sobre a obra de Nicolai Leskov. In.: Obras Escolhidas: Magia e Técnica, Arte e Política. 3ª ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.

CATROGA, Fernando. Memória e História. In: PESAVENTO, Sandra (org). Fronteiras do Milênio. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFGRS, 2001.

CERTEAU, Michel De. A Operação Historiográfica. In.: A Escrita da História. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

CHARTIER, Roger. História e Literatura. In.: À beira da falésia: a história entre certezas e inquietudes. Porto Alegre: Ed. UFGRS, 2002, p. 255-271.

CORDEIRO, Domingos Sávio de Almeida. Um beato Líder: narrativas memoráveis do Caldeirão- Fortaleza/ Universidade Federal do Ceará. 2002.

FRENTRESS, James. Recordar. In: FRENTRESS, James & WICKHAM, Chris. Memória social: novas perspectivas sobre o passado. Lisboa: Teorema, 1994.

GAGNEBIN, Jean Marie. Lembrar, Esquecer, Escrever. São Paulo: Editora 34, 2006.

\_\_\_\_\_. Sete aulas sobre linguagem, memória e história. 2ª ed. Rio de Janeiro: Imago, 2005.

HALBWACHS, Maurice. A Memória coletiva. São Paulo: Centauro editora, 2006.

LE GOFF, Jacques. Memória. In: História e Memória. 5ª. Campinas, SP: UNICAMP, 20035.

LOPES. Francisco Régis. Caldeirão: um estudo histórico sobre o beato José Lourenço e sua comunidade. Fortaleza: EDUECE, 1991.

RIOUX, Jean-Pierre. A memória Coletiva. In: RIOUX, Jean-Pierre e SIRINELLI, Jean-François (direção). Para uma história cultural. Lisboa: Editorial Estampa, 1998.

SÁ, Antônio Fernando de Araújo. História, Memória e Identidade. IN: GOMES, Carlos Magno & ENNES, Marcelo Alário. Identidades: Teoria e prática. São Cristovão: Editora da UFS, 2008, p.46-55.

SANTOS, Samarkandra Pereira Dos. Caldeirão, de Cláudio Aguiar: O Narrador se Faz Memória de um Povo. Dissertação (mestrado em Letras). Centro de Humanidades. Universidade Federal do Ceará. Fortaleza, 2006.

SELLIGMAN-SILVA, Márcio. Anistia e (In)justiça no Brasil: o dever de justiça e a impunidade. In: Literatura e Autoritarismo, Memórias da Repressão. Revista nº 9, 2006. Endereço eletrônico: [http://coralx.ufsm. br/ grpesqla/revista/num09/art\\_02.php](http://coralx.ufsm.br/grpesqla/revista/num09/art_02.php)

\_\_\_\_\_. O testemunho: entre a ficção e o “real”. In.: História, Memória e Ficção: o testemunho na era das catástrofes. Campinas: Ed. UNICAMP, 2003, p. 371-386.

WHITE, Hayden. Trópicos do discurso. São Paulo: Ed. USP, 1994.





# Contos

**Dominuscídio**  
**(ou a morte de meu pai)**

**Antonio Trindade<sup>1</sup>**

Aquele homem se barbeava com uma compenetração que eu jamais consegui ver em ninguém. Eram lentos seus movimentos. Calculados. A cada laminada parecia que ele tirava um pedaço de si. Ele observava-se cada vez mais penetrantemente. Parecia querer descobrir um outro a espreitá-lo do outro lado do espelho. Mais não havia ninguém senão ele mesmo. Ele sabia disso. Em cada camada de pelos que ele retirava, parecia haver um pedaço de alguma coisa autônoma. Uma como que máscara. Não. Não era ele o que ele tirava de si. Parecia que era o que ele pensava. Caprichosamente, ele ia transformando-se. Qual uma metamorfose, seu rosto ia ganhando um novo aspecto. Uma nova expressão. Parecia que ele arrancara de si alguma coisa forte. Importante para ele. Mas tremendamente à espera de ser banida. Algo que tem seu tempo de uso bom. Depois do quê, passa a confundir. A causar transtornos perigosos para o que há dentro. No íntimo dele. Era o que ele pensava. Era o que parecia que ele pensava. Devagarzinho, o novo ser ia surgindo. Ele ia vendo com gosto o nascimento desse outro nele. Em si. Os últimos pelos pareciam anunciar a morte de algo. Isso o regozijava. Sim. Ele regozijava-se. Era o que parecia. Aos poucos, sua boca ganhava contornos de algo que ia se definindo como um sorriso. Era um riso. Não podia ser outra coisa. Sim. Ele ria do que via. Matara algo que esperava morrer. Cumprira, finalmente, o ritual. Sua missão de domingo estava finda. Deo gratias, ele concluía.

Admirado. Era como eu ficava sempre que via aquela cena de agonia dominical. Aquele homem me prendia a si de uma forma tirânica. E eu não conseguia desgostar disso. Gostava com a mesma intensidade com que parecia odiar. Mas me era confuso o que sentia. Em todo caso, me entregava. E ele, como que entressorrindo, parecia me dizer que já sabia: que eu o amaria sempre. Servo fiel. É o que eu lhe era, e ele me dizia, sem falar palavra.

E eu? Eu o seguia. Seus gestos eram em mim como eu não imaginaria nunca. Como eu nunca conseguiria prever. Me anulavam. Me sufocavam mesmo. Mas eu, eu o seguia sempre. E mais um domingo era esperado com a mesma reverência e amor. Asfíxio amor. Era o que eu intuía. Mas só conseguia intuir.

De novo, era ele lá a contemplar-se, como se estivesse diante de um estranho. Em si. Os movimentos, calculava-os serenamente, como um padre em dia de domingo. O creme, preparava-o requintadamente, como um suicida que fabrica seu próprio veneno e sabe que ele precisa ser quimicamente trabalhado, vivenciado. Suas mãos, acostumadas ao rito, me fascinavam. A maneira de passar o creme então era magistral, perfeição de mestre acostumado ao ofício. Depois do rosto preparado, era chegada a hora. A lâmina afiada era sempre virgem. Ele não admitia repetição. O sacrifício assim exige. Ele pensara. Era o que parecia. Começava então o ritual. Sempre devagarzinho, os pelos iam saindo de seu rosto como que banidos. Dava até para imaginá-los desesperados, por serem expulsos de lar tão aconchegante. Mas ele, ele era frio. Vibrava a cada laminada, sem sorrir. O riso era troféu final. Só depois de concluída a luta, ele se permitia. Prestes a acabar, seu rosto

---

<sup>1</sup> Professor de Educação Básica da Secretaria de Estado da Educação de Sergipe - SEED-SE. Doutorando em Estudos Literários pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Sergipe. E-mail: [antonio.marcostrindade@gmail.com](mailto:antonio.marcostrindade@gmail.com).

já brilhava. E ele dava a impressão de vislumbrar um outro a brotar-lhe de dentro. Arrancara de si uma parte não sua. Mas sua. Era o que ele se dizia. Era o que parecia. Não. Definitivamente aquilo não lhe era fundo. Era o que ele pensava. Era o que parecia. Faltando o último reduto capilar, ele se preparava. Lavava a lâmina mais uma vez para limpá-la dos pelos presos e, religiosamente como numa missa dominical, ia descendo-a por sobre o que restava de não seu tão seu. Pronto. Nascia-lhe o que resistia em sobreviver e logo se esconderia novamente para dar lugar ao que morreu e breve ressuscitaria, para depois morrer de novo. Ele sabia. Era o que parecia. Com um riso tímido, finalmente ele concluía, Deo gratias.

Emocionado, eu via aquilo como quem aprende. Mas eu não aprendia. Ele me olhava e parecia que lia em meus olhos minha agonia. Parecia que ele sabia que eu não chegaria nunca lá, que eu não conseguiria. Então, terrivelmente carinhoso, ele me aflagava. Dizia-me, sem falar palavra, coisas fundas que eu não decodificava, mas entendia. Ele era tão outro quando se matava. Era o que me dizia. Era o que era para eu aprender. E eu não entendia. Mas o seguia mesmo assim, como um cordeiro. E ele, sempre muito discreto, entressorria enigmático, como a me falar de coisas que eu conheceria, se aprendesse realmente um dia. E mais um domingo se anunciava. E meu amor por esse homem continuava me sufocando. Continuava a me demandar algo que eu não podia. Algo que eu precisava dar para me completar.

Desta vez, eu teria que conseguir. Aquele homem já estava velho e eu não teria muito tempo pela frente. Seu olhar já estava cansado. Seus gestos já não eram mais da mesma presteza de antes. Seu rosto já não se renovava com a mesma frequência. Suas palavras, antes raras, agora é que não existiam mesmo. E ele continuava cada vez mais me falando tanto. Desta vez, quase que gritava que o momento era este. Que não haveria outra chance. Que eu precisaria. Ele, ele envelhecera. Era o que me dizia. Era o que parecia me dizer. E eu me tornara um homem.

Como que para me presentear, dirigiu-se vagarosamente ao banheiro. Colocou em cima da espaçosa pia suas ferramentas da alquimia. Armou seu laboratório. A mutação ia começar. Pela última vez. Era o que me dizia. Era o que parecia me dizer. Os movimentos não perderam a elegância. A postura não mudou em nada. Ele continuava o mesmo. O mesmo garbo. A mesma compenetração. Preparou o creme como sempre fazia. Calmamente. Com a tranquilidade de quem conhece o tempo em toda sua extensão e não se prende a passado, presente ou futuro. Tudo uma linha. Tudo uma só respiração. Era o que me ensinava. Era o que parecia me ensinar. Pegou a virgem lâmina suavemente e começou a deslizá-la pelo rosto encarquilhado, como velho esconderijo há muito encoberto por ervas daninhas. Aos poucos, ele ia se renovando. O matagal ia sendo cortado com a doçura de um padre em dia de domingo. Iam surgindo luzes novas. Estranhas luzes. Íntimas luzes. Era o que lhe parecia. Era o que queria que a mim parecesse. Sua boca, como de praxe, conservava-se imóvel, guardando o discreto riso para o momento final. Momento que nunca termina. Era o que me dizia. Era o que parecia me dizer. Finalmente, ele já se via um outro. E, ainda que acostumado a tal transformação, admirava-se. Parecia-lhe mágica. Era-lhe mágica. Era o que me dizia. Era o que parecia me dizer. De súbito, terminada a festa. Terminado o parto. Chegou-se, enfim, ao fim da morte procurada. Ele sorria. Timidamente, como sempre, ele sorria. De sua boca, faltavam apenas as finais palavras. E então, respirando fundo e sossegadamente, com a tranquilidade de quem não foge de si, ele olhou-se ao espelho, viu-se recém-nascido e concluiu, Deo gratias.

Depois de findo o ritual, o rosto iluminado, ele se voltou para mim e me sorriu. Havia muita coisa dita naquele riso velho, novo. Parecia todo um discurso. Todo um sermão. Eu retribuí o riso. Também discretamente eu retribuí o riso. Eu o ouvira.

Naquela noite, sabia que não iria conseguir dormir se não botasse em prática o que ele me ensinara em toda a sua vida. Toda sua vida ele me dissera, sem falar palavra. Eu demorei a entender. Demorei a aceitar. Talvez mesmo eu já tivesse entendido há algum tempo. Talvez eu não conseguisse mesmo era aceitar. Aceitara enfim. Naquela noite, eu iria fazê-lo orgulhar-se de mim.

Entre em seu quarto devagarinho, como ele sempre dava suas lições. Cheguei perto da cama, ele dormia ao lado de minha mãe. Sono leve. Sono dos justos. Dos que nunca fugiram à sua missão. Encostei nele. Não fiz barulho. Fui cuidadoso como deveria, como ele me ensinara. Cheguei bem perto dele e, antes de concluir o rito, olhei-lhe os olhos fechados durante uns dez minutos. Foram dez minutos em que conversamos muito. Seus olhos fechados olhavam-me profundamente. Penetravam-me pela última vez.

Depois, como deveria ser, bruscamente me atirei em cima dele e agarrei-lhe o pescoço. Ele levantara-se e tentara reagir, mas agarrei-o com tanta força que não havia como. Apertei as mãos com furor. Uma força, vinda não sei de onde, tomara conta de mim e eu o esganara firmemente. Ele esbugalhava os olhos e balbuciava palavras natimortas. Eu não parava. Cada vez mais apertava firmemente. Sem nada perceber, minha mãe continuava dormindo ao seu lado, enquanto eu o ia silenciando definitivamente. Aos poucos, ele foi morrendo. Foi-lhe faltando ar e ele foi fechando os olhos vagarosamente. Eu continuava apertando-lhe mais firmemente ainda o pescoço nesses últimos instantes de sopro vital. Acabou o sopro. O sopro agora sopra onde quer. Ele dormia, enfim. Serenamente ele dormia para sempre. E eu me ria. Em paz, eu finalmente me sentia. Deo gratias.

## ENTRE O ASFALTO E O INFINITO

E naquele dia, ele enfim se revisitou...

Foi numa quarta-feira. Despertou sem sono com estalidos no telhado. Os olhos firmes aos primeiros instantes da manhã e um apetite incomum por coisas doces... Abriu a janela lateral do quarto e deparou-se com um dia cinzento ainda e uma chuva branda que ia compondo sinfonias por onde caía.

Antes da possível contemplação àquela música da paisagem, virou-se para o relógio amarelo desbotado e então já não mais deliberou em olhar coisa alguma. Correu para o banho, vestiu-se como de costume com seu uniforme azul marinho, disciplinou os cabelos com uma camada espessa de gel, apertou contra o pulso esquerdo o relógio e parou na cozinha para fazer um café rápido, com mais açúcar que o normal. Os tios ainda dormiam... Só o Bartolomeu levantou-se do seu colchãozinho atrás da geladeira, colocado estrategicamente ali por ser aquecido, e pôs-se a fazer festa balançando o rabo. Espreguiçava-se como se fizesse uma reverência à primeira pessoa que acordava na casa.

Sentado ao pé da mesa, Bartolomeu ouvia o mastigar concentrado, o barulhinho que ele fazia ao sorver o café quente com cuidado, o tilintar do prato com o pão com queijo derretido, o cheiro meio verde que o dono tinha toda manhã. Esperava a partilha...

Com a motocicleta quebrada, haveria de ir trabalhar a pé. Não era tão longe assim e, ademais, a chuva já tinha se retirado e a claridade do dia ia ligeira ao seu encalço.

Saindo do Beco 7, assim chamada a rua estreita onde morava, virando-se para esquina esquerda que dava para a avenida, chegou ao ponto do caminho mais movimentado naquela hora. Com frequência esbarrava em estudantes fardados cheirando a leite e celulose, homens e mulheres trancados em suas próprias vidas. O sangue já esquentando sob a pele em movimento acelerado. As calçadas subiam e desciam levando-o direto até o prédio de 10 andares no qual e pelo qual trabalhava.

Àquela hora os colegas ainda não haviam chegado. Ele era sempre o primeiro na construção: morava perto, não pegava ônibus e nem tinha filhos para criar.

Aos pés do esqueleto gigante de concreto, que aos poucos ia ganhando carne, muita areia espalhada, tijolos, ferros, cerâmicas e o cinza.... Naquele instante da manhã, ali era tudo silêncio, entrecortado por gotinhas sobradas da chuva que havia passado.

Andando em volta da construção, enfiou as mãos nos bolsos do uniforme azul à procura do cigarro. Em passos lentos foi cruzando os arredores do prédio até chegar ao lado oposto de onde estava.

Acompanhado do cigarro, caminhando e olhando para os grandes sapatos pretos emborrachados, parou diante de uma poça média. Não parecia muito rasa e estranhamente a água estava límpida, tão transparente que lembrava um espelho. Podia enxergar o prédio lá dentro. Via o céu azul contornar a construção, um poste de luz e o próprio corpo. O reflexo da sua realidade a fazia tão distante e nítida ao mesmo tempo.

Na água parada enxergava-se por outro ângulo. A barba estava mais crescida que ontem e os olhos estavam tão fundos e arrodeados pela escuridão das olheiras que lhe davam a impressão de um cansaço vindo de outras vidas.

Soltou a fumaça pela boca, levantou o rosto. Ninguém havia chegado ainda. Olhou novamente a poça. Lá no fundo, foi decifrando aquele rosto crescido que lhe deslumbrava de repente. Era um rosto de trabalhador, de homem forte, que deixava-se entrever nas camisas que ficavam justas. O homem caminhava apressado com uma mochila nas costas, segurando pela mão um menino de cabelos cacheados que dava duas passadas ligeiras para acompanhar os pernões do adulto. Às vezes saltava entre as linhas das calçadas como se fossem fugas de abismos. O moleque carregava uma lancheira azul e um tênis branco que piscava a cada pulo. Seguiam juntos, homem e menino apressados. O relógio amarelo faiscava.... De mãos dadas chegavam até um portãozinho vermelho de uma pequena escola. Os cabelos cacheados do menino, revoltos e fora de ordem, caíam para trás quando se lançava na ponta dos pés para o abraço naquele ser grande e truncado. Era um abraço enorme e ligeiro. Ao transpor o portão, via o homem sumir na esquina, entre os andares ocios de concreto....

Sentiu o cigarro queimar-lhe os dedos, retornou à superfície. Os colegas já haviam chegado.

Durante o dia trabalhou mais pesado que o normal, ajeitava a massa de concreto automaticamente e naquele redemoinho da betoneira ouvia lá de suas profundezas os ruídos estridentes de amendoadores sendo triturados no liquidificador que o acordavam aos pulos. Com os pés descalços e pijama de moletom, chegava até a cozinha antes do sol nascer e olhava de soslaio os doces que eram preparados. Um cheiro forte invadia o nariz do menino que tentava furtivamente assaltar a mesa redonda. Pegava um dos quadradinhos ainda quentes e voltava correndo para comer escondido na cama e ainda dormir. Sabia sempre que ela fingia não o ver para alegrá-lo em suas aventuras.... Ia caindo novamente num sono tranquilo e doce até ser novamente despertado pelo ruído do concreto e pela voz rouca do engenheiro encarregado:

- Essa massa já está no ponto. Leva até o quinto andar!

Entre as imagens de outras eras que se infiltravam na sua paisagem cotidiana, ele ia compondo um painel quase esquecido de aromas e rostos que já não mais tinha acesso...

O relógio batia a hora de voltar para casa. Passara o tempo do dia mais calado que o normal, guardando reminiscências bem lá dentro, escondidas atrás do uniforme azul marinho.

Na noite sem estrelas que começava a despontar, a chuvinha fina que o recebeu naquela manhã reaparecia, tonalizando o asfalto negro do caminho com os reflexos das luzes dos postes. Caminhava e sentia no rosto aquele frescor inesperado. O gel dissolvido fazia ressurgir os contornos revoltos dos cabelos de menino, olhava para o chão.... Parecia tão feliz com tantas luzes infinitas refletidas.... Fê-lo sentir uma estranha vontade de tirar os sapatos, de tocá-lo com a própria pele...

Com os pés descalços, percebeu um calor brando e maternal vindo do asfalto. Um cheiro de alecrim entrou-lhe pelas narinas, aqueceu-lhe o peito e o levou ao gosto quente do último abraço dos pais, fincado nas beiradas do tempo...

Dobrou a esquina, entrou no Beco 7. Bartolomeu o esperava...

**Maíra Estela Santos**





# Cordel

# BRANCA DE NEVE E OS SETE ANÕES

(em quadras)

Há muitos anos viveu  
Num reinado uma menina  
Que a mãezinha perdeu  
Ainda mui pequenina.

Seu pai casou novamente  
Com uma bruxa malvada  
Que o matou e, à inocente,  
Trazia escravizada.

E um dia percebendo  
Ser a jovem muito bela,  
Fica logo remoendo  
Como desfazer-se dela.

A bruxa, maldade só,  
Sua morte encomendou  
A um caçador que, com dó,  
O crime não praticou.

Poupou-lhe a vida. E, chorando,  
Mato a dentro, ela correu.  
Uma casinha encontrando,  
Nela entrou e adormeceu.

A casa dos sete anões  
Que trabalhavam na mina  
E que à noite, cansadões,  
Dão de cara com a menina.

Soneca, abrindo a boca,  
Não consegue entender.  
Atchim, que está de touca,  
Espirra... E sai a correr.

Zangado fica irritado  
Com sua cama ocupada.  
Mas Feliz, por outro lado,  
Achou a cena engraçada.

Dengoso vai se escorando  
Na menina, com carinho.  
Porém Dunga, ciumando,  
Belisca o outro anãozinho.

Mestre, que é a quem cabe  
O comando, a atenção  
De todos, chama. Pois sabe:  
Tem nas mãos um problemão.

Vai ficando a princesinha  
Ali, mas, uma manhã,  
Uma fingida velhinha  
Lhe oferece uma maçã.

É a bruxa. E ao comer,  
A princesa em profundo  
Sono cai. Deixa de ser  
Sua rival neste mundo.

Pelos anões, comovidos,  
É guardada em um caixão  
De vidro. E transcorridos  
Anos, a ressurreição:

Um príncipe que se perdera  
Em meio ao mato a caçar,  
Quando o caixão percebera  
Ali parara pra olhar.

E pousando o seu olhar  
Naquela linda princesa,  
Ele logo a quis beijar.  
E qual não foi a surpresa!

Ela acordou! E, então,  
O príncipe, apaixonado,  
Lhe ofertou seu coração  
E a levou pro seu reinado.

**Rosa Regis**



# Conto Infantil



## O robôzinho medroso

Rosângela Trajano

Era uma vez um robôzinho feito de lata de doce de goiaba que tinha por função varrer a casa onde morava. Tudo o que ele sabia fazer era varrer, varria com cuidado, varria com esmero, varria e deixava tudo limpinho, nunca jogava o lixo embaixo do tapete, mas na lixeira.

Certo dia, varrendo a casa o robôzinho deu de cara com uma barata e, de repente, tomou um susto! Deu um salto! Gritou! Nunca tinha visto uma barata antes! Aquilo era coisa estranha para ele!

O menino ouviu o grito do robôzinho e veio socorrer-lhe.

- Você está com medo de uma barata?
- Zip, zap, zip, zap, zip, zap... falou o robôzinho dando saltos.
- Não se preocupe! Ela vai embora agora mesmo!

O menino abriu a janela e a barata voou indo embora da casa. A partir daquele dia, o menino começou a observar o seu robôzinho e percebeu que ele tinha medo de muitas outras coisas.

Quando desligava a luz do quarto para dormir o robôzinho começava a gritar. E o menino logo voltava a acender a luz e o robôzinho parava seus gritos.

- Que estranho! Você sente medo de verdade!
- Zip, zap, zip, zap....

O menino ficou a pensar nas reações do seu robôzinho querendo descobrir onde moravam os medos dentro dele.

- Como pode um robô ter medos?

Perguntava o menino em voz alta a si mesmo. Mas achou melhor não contar para ninguém sobre aquilo. Seria um segredo só seu e do robôzinho.

O menino foi à escola e deixou o robôzinho varrendo o seu quarto. Fechou a porta e se despediu, como sempre dando-lhe um beijo no rosto de aço.

Bem o menino não saiu de casa e o robôzinho deu de cara com um dragão no meio do quarto soltando fogo pela boca. Começou a gritar.

- Zip, zap, zip, zap, zip, zap...

O menino voltou correndo, abriu a porta apressado e viu o seu robôzinho girando no meio do quarto todo assustado, mas não havia nada ali que pudesse causar-lhe medo. Mesmo assim o menino achou melhor acalantar o medo do robôzinho e o colocou no colo.

Naquele instante, o robôzinho deixou que uma lágrima caísse dos seus olhos feitos de bolinhas de gude e o menino pôde vê-lo chorar pela primeira vez.

- Você chora? Por que chora?

- Zip, zap, zip, zap, zip, zap...

- Não tenha medo. Estou aqui. Protegerei você.

E o robôzinho demonstrou felicidade abrindo a boca com um sorriso grande.

O menino estava espantado com o seu robôzinho, mas não cabia a si ficar fazendo perguntas e sim cuidar dele.



# Crônicas

As classes dominantes tentam jogar com todas as cartas do baralho para aprofundar a regressão política e social desencadeada pelo golpe de 2016. Por um lado, tentam anular o voto de milhões de brasileiras e brasileiros que fazem de Lula o candidato com maior apoio popular. Por outro ainda, incidem sobre partidos e candidaturas que se opuseram ao golpe para que estes legitimem a fraude de uma eleição sem Lula e o programa derrotado nas últimas quatro eleições presidenciais. Na última semana, por exemplo, o coordenador econômico da campanha de Ciro Gomes, Mauro Benevides Filho, defendeu em entrevista medidas de ajuste fiscal, teto de gastos, privatizações e reforma da previdência via capitalização.

Ao mesmo tempo, também vão se delineando as alianças com que o candidato pedetista projeta sua participação nas eleições deste ano. Além de possíveis apoios na centro-esquerda, partidos de direita como o DEM, o PP e o PR estariam cogitando apoiar Ciro Gomes para se descolarem do peso de uma aliança com o grupo de Temer/Meireles ou com o PSDB de Alckmin. Confirmando o movimento, Benjamin Steinbruch, controlador da Companhia Siderúrgica Nacional (CSN), filiou-se semanas atrás ao PP. Um dos maiores beneficiados pela Privatária Tucana, Steinbruch é cotado para ser o candidato a vice na chapa de Ciro Gomes.

Por essas e tantas outras, para derrotar o golpe, revogar as medidas do governo golpista e eleger Lula presidente devemos seguir o caminho da luta e da resistência. Portanto, é imprescindível aumentarmos a mobilização pela liberdade de Lula e pela defesa de sua candidatura. Como ele mesmo disse em carta de apoio à presidenta do PT Gleisi Hoffman, os que não o querem candidato o fazem porque são concorrentes ou porque julgam que ele é culpado. Preso político que é, Lula reafirma que “a maioria do povo sabe que eu sou inocente. Se eu aceitar a ideia de não ser candidato, estarei assumindo que cometi um crime”.

**Sigamos este caminho. Eleição sem Lula é fraude!**

# Tarde de Sol

Lutar. Por muito tempo ouvi vozes a me dizer para lutar, e eu me pergunto: “lutar pelo que?”. Por monstros internos que tentam me destruir? Por um inimigo maior que posso chamar de mim mesmo? Talvez Sim.

Minha luta diária é no desejo de um reencontro. Busco reencontrar um jovem rapaz chamado Douglas Almeida. Eu vou explicar o por quê.

Eu me lembro daquele dia, do seu lindo sorriso de tanta felicidade. Era uma tarde no parque e Douglas comprava sorvete, sua namorada estava o esperando encostada em sua moto, ela mexia em seu celular enquanto o esperava com o seu sorvete preferido, chocolate.

Enquanto isso, ao longe vinha um rapaz correndo, e em suas mãos, algo que parecia ser uma bolsa e uma arma em outra mão. Ele corria muito e antes que alguém o notasse, ele virou para trás e deu alguns tiros em direção a dois policiais que vinham logo ao fundo, estes se esconderam atrás de uma mureta que ficava próxima a sorveteria, quando Douglas virou pra ver o que era aquilo, o rapaz passou por ele correndo, ele olhou para o rapaz correndo e pôde vê-lo sendo perfurado em suas costas nuas por algumas balas vindas das armas do policial. O rapaz no intuito de revidar virou rapidamente e deu alguns tiros, mas caiu depois e ali mesmo ficou.

Douglas tremendo, deixou cair os sorvetes quando olhou sua moto e a viu sem ninguém.

Cadê a Raquel?!

Tentou correr em direção a moto, mas logo caiu no chão, quis ainda levantar, e não conseguiu. Havia algo errado, olhou para seu corpo e notou que suas pernas estavam lavadas de sangue, sangue que ele nem sentiu. Sentiu medo, e olhou pros lados, viu em pé próximo a ele um dos policiais, o outro estava logo atrás. Douglas tentou falar mas, sua voz não saiu. Ouviu então o policial informando no telefone que havia uma pessoa ferida e duas mortas.

Mortas?!

O coração de Douglas gelou e ele apagou.

\*\*\*\*\*

Querem saber o que aconteceu?

Bom, Raquel estava caída atrás da moto. Ela havia recebido um tiro que atingiu o seu pescoço, perfurando a Aorta, fazendo-a sangrar agonizando até a morte. Douglas também tomou um tiro, acertando sua coluna, também o matando.

Eu vi tudo isso, e sabe o que eu fiz?

Nada! Não pude fazer nada.

Talvez você me pergunte, “porque você não fez nada?”, ou melhor, talvez você pergunte, “e afinal, quem é você?” ou até ainda, “porque você busca reencontrar o jovem Douglas, ele não morreu?”.

Bom, Douglas morreu naquele dia, infelizmente.

E eu? Eu sou um velho triste e covarde, que talvez pudesse ter feito algo, mas não fiz. A verdade é que eu perdi tudo, perdi meu grande amor e perdi o movimento de minhas pernas.

“Ah então você é o Douglas?”. Não. Douglas morreu, eu sou apenas o que restou daquele jovem sorridente naquela tarde de sol.

Gilberlan Santos



# Esquina do tempo

---



**Manuel Brito-Semedo**

---

## *SPORT D’CINÉMA*

### **HERÓI DE CINEMA**

O grupo dos mais velhos, como o Tchéta de Nhô Germano, Funhû de Nhô ‘Nton Bertôle, Lalela de Nha Liza, Lixe de Nhô Fonse, Júlio de Nha Maia e outros, criou-nos o gosto pelo cinema, com as suas histórias de *cowboys*, de *caras-pálidas* e *peles-vermelhas*, de *sports*<sup>1</sup> e *bandidos*, em que aqueles eram sempre os mais espertos e os mais duros, e das *meninas de sport*<sup>2</sup>, lindas, que eram raptadas e acabavam sempre por ser salvas pelos seus heróis.

Imitávamos o andar balanceado dos *cowboys* e cuspiamos para o chão de lado, como nos diziam que faziam John Wayne, Burt Lancaster, Charlton Heston, Yul Brinner e Marlon Brando nos filmes de faroeste: *Phuh!* Do que não gostávamos nada era dos filmes onde o *sport* morria. Quando assim acontecia, ficávamos comovidos e chorávamos. Os mais velhos, especialmente o meu Tio, davam-nos carolos para pararmos de chorar.

Para nos aceitarem no grupo e ouvir essas histórias, pagávamos com algum favor ou tarefa menor (o Lalela, um dos principais contadores dessas histórias, por ser meu tio e vivermos na mesma casa, abusava desse privilégio em relação a mim), uma moeda ou qualquer “coisa *sabe*”<sup>3</sup> que levássemos do nosso jantar, como um pedaço de toucinho ou de peixe frito, uma *racha*<sup>4</sup> de mandioca ou de inhame ou, mesmo, uma batatinha doce cozida.

1 Protagonista.

2 Personagem feminina, normalmente a amada do protagonista.

3 Saborosa.

4 Fatia.

Quando perguntávamos aos “*mais grandes*”<sup>5</sup> quais eram os filmes anunciados nos cartazes para a semana (normalmente eram afixados na Rua de Lisboa, numa das esquinas do Pelourinho de Verdura, e na Praça Estrela, na esquina com a Rua de São João), eles respondiam, perante os nossos olhos *grilidos*<sup>6</sup> e cara de *jokopin*<sup>7</sup>: “Quando a Terra Galgou o Mar” ou “Tarzan Cagou no Deserto” e os *sports* são *Cherry Blossom* e *Black Polish*. E riam!

Só muito mais tarde viríamos a perceber que esses malandrecos tinham andado a gozar connosco com o trocadilho dos títulos e que os supostos nomes dos actores eram os dizeres que vinham nas latas de graxa de uma marca de então, que usávamos como roda nos carrinhos de lata que construíamos.

O primeiro filme que o nosso grupo de idade terá visto, nesses idos anos da década de mil novecentos e sessenta, ou pelo menos aquele que mais o terá marcado, foi *Tarzan, o Magnífico*, com Gordon Scott como *sport* ou actor principal.

Apanhado o gosto pelos filmes, viríamos posteriormente a montar um esquema para saltar a parede do cinema Éden-Park e entrar ou, então, “fazíamos uma vaquinha”<sup>8</sup> : com a contribuição de todos, comprávamos o bilhete para um de nós assistir ao filme, para depois contar aos outros. Normalmente era escolhido aquele que tivesse dado alguns tostões a mais ou que soubesse melhor contar histórias (recorrendo a gestos e ao sonoro), ficando os outros ansiosamente na rua à espera.

Por essa ocasião, era ver-nos a tentar imitar o nosso herói de fantasia, Tarzan, o homem-macaco, saltando dos ramos das árvores do Campo Novo<sup>9</sup>, acácias e, sobretudo, tarrafes, para o qual pulávamos pelo nosso lado do Pelourinho de Palha ou pelas traseiras da Estação de Telegrafia dos CTT.

Eu era sempre o mais *lofa*<sup>10</sup>, apesar de muito *trofel*<sup>11</sup>, e o mais desajeitado – os mais destemidos e os mais arrojados eram o André de Nhô Guste e o Calutchá de Nha Maia (colegas de brincadeira, de quem viria a perder o rasto por quase quarenta anos!) – mas fazia tudo para ser aprovado pelo grupo e, por isso, concordava sempre em estar à frente das maiores traquinices.

---

5 Mais velhos.

6 Arregalados.

7 Corruptela de Jonköpin, localidade sueca e nome de uma fábrica de fósforos, muito utilizados na altura e que vinham em caixas com uma criança de perfil com uma madeixa de cabelo em pé no alto da cabeça e uma expressão que achávamos tonta.

8 Um sistema de todos contribuírem com as moedas que tivessem para comprar algo que beneficiasse o grupo.

9 Campo de Futebol, Estádio da Fontinha ou Estádio Municipal Adérito Sena, mais posteriormente.

10 Cobardola.

11 Traquinas.

Decididos a semelhar Tarzan, arrastámos, uma vez, um grande pedregulho para nos dar altura e, dele, tomávamos balanço e saltávamos para os ramos dos tarrafes. Lá vamos nós! Depois de umas duas experiências, alguém – ninguém me tira da cabeça que não foi o André de Nhô Guste, o mais ousado de todos nós – terá tido a brilhante ideia de chegar a pedra um pouco mais para trás, tornando, assim, o salto mais difícil, mas também mais perigoso.

Lá me convenceram a ir à frente, mas, quando fiz o salto, não consegui agarrar-me ao ramo da árvore. Os braços revelaram-se curtos, as mãos escorregaram e estatelei-me de costas no chão. *Krup!*

Para além do susto e de um martelar surdo que começava a subir pela minha nuca, parecia que não tinha sofrido nada de mais. O meu medo maior era ter “*apagado o candeirinho*”, que é como quem diz, ter partido o cóxis e, por consequência, dizia-se, perdido a visão. Mas eu distinguia a cara de todos, de olhos grilidos a olhar para mim! Admiro-me hoje como, para além das muitas cicatrizes que marcam o meu corpo, nunca ter partido um braço ou uma perna!

Foi então que um dos colegas da brincadeira – o Zé Lino – olhou para a *singlete*<sup>12</sup> que eu trazia vestido e viu a marca de um vermelho forte que escorria desde o ponto do impacto. Assustado, gritou, dizendo que eu estava cheio de sangue! Instintivamente procurei a fonte das batidas de tambor e trouxe de volta a mão húmida. Ao ver sangue, desatei numa berraria infernal e parti a correr para casa enquanto gritava pela minha avó: – Ó Ma Liza!...

Coincidia que era essa a hora do fim da tarde, em que as vendedeiras do Pelourinho de Verdura, o Mercado Municipal, voltavam para casa, em direcção ao Monte Sossego, ficando, portanto, a minha casa no seu caminho. Uma delas sugeriu que me rapassem a cabeça no local do ferimento, outra mandou que me pressionassem uma faca molhada em água no hematoma (um grande “galo”) para o fazer baixar, e ainda uma outra ordenou que me pusessem sal moído com açúcar no ferimento para estancar o sangue (opinião essa que prevaleceu), tudo isso numa roda-viva, numa grande barulheira e muita confusão.

Admiro-me hoje como ninguém se lembrou de me levar ao hospital, já que o corte era extenso e profundo e precisaria de alguns pontos para sua suturação! E o que eu chorei!

---

12 Camisola interior sem mangas.

Deve ter sido depois disso que, de castigo em casa e com a cabeça enrolada em tiras de pano, sem nada para fazer, optei pelas aventuras imaginárias das revistas de quadrinhos – *Colecção Falcões, Mundo de Aventuras e Tio Patinhas* – que pedia emprestado aos colegas e amigos e passei a devorar, não me importando que me chamassem de *lofa* quando recusava participar das brincadeiras mais brutas. Daqui me terá ficado o gosto pelo cinema, pela leitura e pelo estudo, que nunca mais perdi.



# Ensaaios



# As Cantigas de Santa Maria – Séc. XIII

João Damata

*“Rosas das rosas e flor das flores  
dona das donas , senhor dos senhores” Cantiga 10*

As cantigas da Santa Maria formam um magno cancioneiro de 427 composições dedicadas à Virgem Maria e são conservadas com a respectiva música e algumas iluminuras no Mosteiro do Escorial e na Biblioteca de Florença.

Um dos temas tratados na literatura do medievo é o da virgem santíssima. O culto da virgem pertencia à literatura litúrgica e data do séc. IV. Como tema literário aparece já no séc. seguinte em poemas líricos latinos, e na literatura profana aparece tardiamente no séc. XII (Spina S. A cultura literária medieval 1997).

Santa Maria – mãe de Deus, dama celestial, consoladora dos aflitos e refugio dos pecadores. Seu culto foi popularizado à partir do séc. V da nossa era e transcendeu todas as fronteiras e classes. Sua iconografia é uma das mais ricas e seu nome está presente em todas as literaturas. A imago de Maria está presente na Legenda Dourada, um dos mais belos livros do medievo e fonte inesgotável da iconografia medieval. Um dos mais ricos e belos cancioneiros dedicados a Maria também é do medievo e foi organizado por um grande erudito, o rei leão de Castela: Afonso X- O sábio, gênio enciclopédico, astrônomo, historiador e devoto de Santa Maria, no século XIII.

Iluminura Medieval das Cantigas de Santa Maria



Essas cantigas foram escritas no idioma galáico- português em meados do século XIII. A primeira edição dessas cantigas foi organizada pelo Marques de Valmor, Leopoldo de Ceuta, e publicada em 1899, por iniciativa da Academia Espanhola.

Uma seleção de 22 dessas cantigas, com comentários, foi publicada pelo padre e filólogo Augusto Magne, em 1926. Uma seleção de 34 cantigas, com correções das edições anteriores, foi publicada por Rodrigues da Lapa, em 1933.



Outra publicação preciosa em 3v dessas cantigas foi publicada à partir de 1959, por Walter Mettman.

O medievo segue a tradição latina das composições denominadas numéricas. A tripartição dos versos da Divina Comédia segue esse critério como uma manifestação do símbolo trinitário. No cancionero alfonsino são muitos comuns as canções com o estribilho seguido por um número variável de estrofes compostas de três versos monorrimos mais um verso igual ao do estribilho (Spina S. A cultura literária medieval 1997).

Para Afonso X (1221- 1284) os números 10, 100 e seus múltiplos são símbolos da perfeição. As canções selecionadas por Afonso com esses números são súplicas de caráter pessoal. Maria é responsável por muitos milagres e essas canções são um rico reportório desses milagres.

“ Quem entender quiser, entendedor/ seja da madre de nosso senhor”.

A cantiga de número 100 (<https://www.youtube.com/watch?v=opEXfcs12YQ> ) é uma das mais belas do cancionero Alfonsino: “Santa Maria, Stella do dia”. Diz o refrão;

***Santa Maria, estrela do dia***

***Mostrai-nos o caminho de Deus***

***E sejai nosso guia***

Os antigos costumavam se guiar pela estrela e santo do dia (base da astrologia e da fortuna ). No dia que foi composta a cantiga 100 o santo do dia era Maria

Na cantiga 200, Alfonso canta os homens honrados nascidos nesse dia e mostrados pela Virgem Maria ( <https://www.youtube.com/watch?v=-T9THxlAB0A>).

**Santa Maria loei**

**E loo loarei**

São muitas as gravações com esse belo cancionero. Ouço-as com o excelente conjunto “ The Martim Best Ensemble”

Virgem Santa Maria mãe de Deus protegei a todos nós nesses dias santos. Consola nossos ais. E nos dê muita ventura e paz.

***“Ave Maria***

Mãe abençoada, virgem imaculada

***és santa semente do amor***

***Maria mãe de Deus***

***és cheia de graça***

***Santo é o fruto do teu ventre Jesus***

***Ave Maria***

***Ave Maria***

*Maria*

*Que concebeu amor*

*Em Cristo nosso Senhor*

*Madre generosa*

*Rogai por nós*

*os pecadores Mãe querida*

*amém”*

# Leituras Cascudianas

João da Mata Costa  
Prof. Titular da UFRN

## **Luís da Câmara Cascudo - Toujours Louis Toujours**

Canta o homem o povo  
O povo canta o homem  
Luis da Câmara Cascudo  
Colecionador de crepúsculos  
De cristas do galo da igreja  
Reza em noites - lobisomem  
Há um homem no sobrado  
Que balança a rede e sai a pescar na rua das virgens  
Assombrados ficamos nós “vem cá homem” - não vou  
Um provinciano incurável  
Trinta anos é muito tempo  
Tempo de encantamento  
E como se avoluma e agiganta  
esse homem que foge das linhas  
e dos rótulos dos sábios.  
Dom Luis do Sobradinho  
gesticula  
balança  
e encanta a cidade Natal  
Do canto de muro ensina  
Plural e universalmente.  
A religião do povo  
Chama pela viúva Porcina

Pede socorro à Donzela Teodora

Conta mais uma Bibi

Salve Dom Luis Cascudo

Toujours Louis Toujours

## **I - Cascudo Integralista**

Inegavelmente Cascudo vestiu a camisa verde assim com outros grandes intelectuais brasileiros. Em minha opinião essa ação de muitos intelectuais – equivocada - era mais cultural que ideológica. Entendo, também, que essa posição momentânea não nega a sua obra. Um viés conservador assim como outros o tiveram. Como negar a obra de um Borges ou Heidegger, defensores de ideais com os quais não comungamos.

*Cascudo e os Cadernos da Hora Presente*

“aqui está, meus irmãos, a argila viva,

acumulada em jazidas inesgotáveis.

Vamos por mãos ao trabalho prodigioso

Os ritmos profundos

Acordam de novo neste instante,

Nas mais secretas profundidades, de nosso espírito...”

(Exortação, Cadernos da Hora Presente Vol. 1 - 1939)

Não podemos negar o passado, mas o passado não pode nos negar. Luis da Câmara Cascudo assim como outros grandes intelectuais brasileiros foram simpatizantes e vestiram a camisa-verde. A ação integralista pretendia ser uma via alternativa entre o liberalismo e comunismo. Ação, liderada pelo intelectual e escritor Plínio Salgado, chegou a ter mais de um milhão de inscritos nos seus ideais.

A Ação Integralista Brasileira foi o primeiro partido de massa do Brasil. Para muitos esse partido tinha inspiração no fascismo de Mussolini. Alguns integralistas negam essa relação. Não se pode negar o entusiasmo de muitos intelectuais brasileiros e estrangeiros pelo líder italiano. O grande escritor D. H. Lawrence declara seu entusiasmo com o fascismo. Um dos maiores poetas da literatura universal, Rainer Maria Rilke – que viveu parte de sua vida na Itália – escreveu em uma carta da “grandeza de Mussolini”. Muitos outros grandes intelectuais foram fascinados por regimes de exceção.

A ação integralista foi extinta pelo Estado Novo. Grandes intelectuais simpatizantes do integralismo brasileiro criaram uma revista literária para preservar os ideais do movimento. Nesse famoso periódico que circulou no biênio 1939-40, Cascudo publicou na sua edição de

janeiro de 1940 (número 6), a tradução do capítulo XXXI Les Cannibales (“ Dos Canibais” ) dos Ensaios de Montaigne. O capítulo publicado por Cascudo com o título “Montaigne e o índio Brasileiro” é uma bela tradução comentada de um clássico da literatura e ensaística universal.

Os nove números dessa importante publicação literária dirigida por Tasso da Silveira trazem matérias que podem ser lidas ainda hoje com interesse e proveito depois de sete décadas. Tenho em mãos os nove números dos Cadernos da Hora Presente com colaborações e anúncios sobre dos livros de Plínio Salgado, o fundador da Ação Integralista Brasileira (AIB) , com seu rituais de marchas e uniformes de camisa-verde e a saudação anauê ( que significa: você é meu amigo).

Nos Cadernos foram publicadas muitas resenhas de clássicos da literatura brasileira e universal. No primeiro numero, Tasso da Silveira escreve sobre Gil Vicente. Almeida Magalhães escreve sobre o filósofo cearense Farias Brito, e Fernando M. de Almeida escreve um ensaio sobre a poesia de Mário de Andrade em “Viagem em redor de uma calva”.

Cumprindo a função política / educacional da revista, Rômulo de Almeida escreve o artigo “ Educação para a Democracia Brasileira”, onde enfatiza o papel da educação na formação do caráter; As elites de hoje não se preparam ( mesmo quando são elites legítimas) para cumprir um dever, uma missão, mas para auferir vantagens e privilégios ( Vol. 1; p. 38). No numero 1 dos Cadernos, assim como em outros números, a poesia comparece com destaque em muitos artigos e antologias. Ainda nesse número, o escritor Andrade Murici, reivindica para o poeta João da Cruz e Souza, o posto que lhe cabe no chamado Movimento Simbolista Brasileiro.

No segundo número dos Cadernos, Otávio de Faria escreve dois ensaios. O primeiro sobre Léon Bloy, e o segundo sobre Pascal.

No terceiro número, Lauro Escorel escreve sobre a Cultura da Personalidade, proclamando o primado da pessoa humana que encontra sua liberdade no cristianismo.

Escreveram nos cadernos escritores com ou sem afinidades com a cartilha do integralismo. Tristão de Athayde (Alceu de Amoroso Lima), Adonias Filho, Almeida Salles, Guerreiro Ramos, Lauro Escorel, Vinicius de Moraes e Câmara Cascudo. Muitos bons poetas participam desse importante periódico: Abgard Renault, Alphonsus de Guimarães Filho, Guilherme de Almeida, Mario de Andrade, Augusto Frederico Schmidt e Lúcio Cardoso, que comparece com uma antologia de poemas e um artigo sobre Baudelaire.

Outros grandes intelectuais e pensadores brasileiros participaram dos Cadernos; Gerardo Mello Mourão, Miguel Reale, Roland Corbisier e outros, sem que necessariamente fossem partidários de um ideal que não fosse a cultura. As palavras assim como os homens devem ser tratadas com parcimônia e respeito. Ao rotular ou classificar podemos cometer injustiças. A participação de Cascudo assim como a de outros grandes intelectuais e educadores brasileiros no integralismo tinha um sentido mais cultural que propriamente ideológico. O conteúdo dos Cadernos de Hora Presente é um prova de como esses homens valorizavam a cultura, a família e a pátria.

Gustavo Barroso foi integralista e autor de grandes livros da cultura brasileira. A tradução de Cascudo do capítulo “Des Cannibales” de Michel de Montaigne e a relação que ele faz com o índio brasileiro é uma marco na ensaística e cultura brasileira. O ensaio foi publicado num Caderno que defendia os ideais do integralismo, mas Cascudo assim como Montaigne estão acima dos rótulos e das ideologias. Ninguém pode julgá-los. Nem muito menos esquecer o

espaço e tempo onde se deu a ação. O passado serve para iluminar o presente e não para aprisioná-lo.

## **II - Cascudo perdeu a audição e não ouviu muitos clamores populares**

Anistia, teu nome é perdão. Mas como perdoar a quem não cometeu falta ou delito, e, não os cometendo, foi castigado? Se teu nome é perdão, deve este ser pedido às vítimas da injustiça e o arbítrio? Em vez de compaixão, neste caso, a anistia precisava ser um ato de arrependimento seguido de reconhecimento público e proclamação da injustiça. O perdão cabe ao ofendido. E há muitos ofendidos e humilhados que, sem culpa, tiveram de pagar pelo crime que não perpetraram.

Anistia teu outro nome é esquecimento. É fácil esquecer. Quase não fazemos outra coisa todos os dias. Esquecemos a hora, o compromisso, o encontro trivial, a pequena obrigação, o pequeno prazer e a pequena dor. Nossa vida é um tecido de esquecimentos, sabiamente preparado pela memória, que não teria capacidade de expor e ruminar os milhões de atos e tentativas de atos, pensamentos, sentimentos e sensações que compõem um dia na Terra.

Carlos Drummond de Andrade - Anistia, publicado no JB em 28 / 07/ 1979

No final da década de 70 do século passado o Brasil recebia seus filhos ilustres injustamente exilados por um redige de exceção e arbítrio. Muito foram torturados e mortos. Outros exilados. Alguns mortos de tristeza no exílio, como foi o caso do nosso grande EX-PREFEITO DJALMA MARANHÃO, morto em Montevideu. Outro grande brasileiro morto no exílio foi o autor da Geografia da Fome. Morto em Paris no dia 24 de Setembro de 1973, Josué de Castro foi um dos maiores cientistas políticos do Brasil e um homem que conhecia profundamente o Brasil e sua fome. Cascudo escreveu sobre a Alimentação e não interagiu com a temática e o autor do clássico “Homens e Caranguejos”.

Final da década de 70 eu me exilava em São Paulo para fazer estudos de pós-graduação. O Brasil recebia seus filhos ilustres exilados durante um longo período de ditadura militar. Eram políticos, escritores, intelectuais e professores do maior gabarito. Eu os recebia no aeroporto junto com milhares de brasileiros. Os jornais publicavam matérias de paginas inteira. Eu lia tudo e comecei a entender melhor o que havia acontecido. Só que passou sabe a dor do exílio. A solidão de sua terra, amigos e trabalho. Alguns morreram, outros sobreviveram e eu que ainda vivo vou contar o que disse o maior historiador da terra onde nasci.

Luís da Câmara Cascudo foi tremendamente injusto na sua avaliação e leitura de alguns movimentos sociais. O herói do movimento messiânico denominado “Os fanáticos de João do Valle” era para Cascudo um Caolho Sinistro. No livro “Histórias que o tempo leva”, Cascudo compara Joaquim Ramalho com Antônio Conselheiro, para ele o imperante bárbaro da odisseia titânica de Canudos.

Numa história que o tempo não pode levar, lembro – porque história é memória- de uma entrevista dada por escrito por Cascudo ao jornalista Emanuel Barreto, publicada na Tribuna do Norte de 1º de Julho de 1979. Plena anistia, o Brasil recebia os exilados e eu estava em São Paulo.

Ele diz na entrevista que perdeu a audição para não ouvir discurso político. “Tenho oitenta anos e não sei o que é democracia”. E continua Cascudo na sua enviesada leitura, bem ao seu “His Way”: o Romano foi o primeiro a exilar, isso há 20 séculos”. “ A pena do exílio já



significava um respeito á dignidade física do opositor ... aí cascudo pede um chá a Dália e eu finalizo esse breve artigo lembrando que Cascudo entrou no Integralismo há 80 anos, apoiou 64 e foi um conservador em matéria de política ( em artigo posterior continuo esse artigo).

Diz ainda Cascudo, se questionando e filosofando sobre o exílio dos nossos patres e irmãos:

“Foi demasiado ou insignificante o período no exílio? Regressam mais compreensivos e humanos, ou mais rancorosos e vingativos? “

De qualquer maneira todos os meus amigos sabem que eu sou a favor da anistia. E depois de uma baforada no charuto: “Acredito que o comportamento dos exilados reintegrados à comunidade nacional será diverso de 1964”.

### **III – Uma Leitura do “Dicionário do Folclore Brasileiro – Uma Edição Desfigurada. Edição Sebo Vermelho 2010.” Por Moacy Cirne**

*“Já consultou o Cascudo? Cascudo é quem sabe. Me traga aqui o Cascudo”. Carlos Drummond de Andrade*

Fico feliz que a nova edição do Dicionário do Folclore Brasileiro de Câmara Cascudo (12ª) tenha sido refeita conforme a última edição revista pelo autor. Edição conforme a 5ª e melhor edição do Dicionário, pelas Edições Melhoramento. Valeu demais o nosso grito de repúdio ao que havia sido feito desde a nona edição do “Dicionário do Folclore Brasileiro”, obra de uma vida inteira escrita por Luís da Câmara Cascudo. Edição da editora Global – Revista, atualizada e ilustrada (sic). E desfigurada. Verbetes e referências bibliográficas foram suprimidos e outros acrescentados. Moacy Cirne escreveu um livro comentado as atrocidades cometidas ao Dicionário do Folclore Brasileiro – Uma Edição Desfigurada. Edição Sebo Vermelho 2010.

Cirne comparou, contou e criticou a diminuição de verbetes, supressão e acréscimos sem justificativas. O dicionário é um livro que pode ser lido como outro qualquer. É realmente um crime o que foi feito com o dicionário do maior folclorista do Brasil. Referência internacional. Edição finalmente refeita e restabelecida conforme escreveu o grande polígrafo. Da 9ª a 11ª edições, versões capitaneadas pela editora Global – além de todas as desfigurações semióticas, textuais, conceituais, históricas, regionalistas, etc, etc. -, impuseram uma autocensura, impuseram censura onde não pode existir. Não podiam ter expurgado, num index pessoal, palavras como fumar, ipandu, mascar fumo, etc.

Só para ficar no verbete mascar fumo, dicionarizado por Cascudo e suprimido na versão da Global desfigurada de Della Mônica et al. Mascar fumo era uma verdadeira instituição no nordeste brasileiro. Um hábito arraigado e praticado por muitos que tinham no fumo de Arapiraca. Uma verdadeira panacéia. Meu querido tio João Caicó (irmão de papai) tinha os dentes todos amarelos de mascar fumo. Não passava sem um rolo de fumo, comprado nas feiras da cidade do Natal. O fumo servia para tudo, além de diversão e mascagem muito melhor que o chicles. Qualquer ferida, qualquer machucado meu tio colocava fumo mascado. Li muitos folhetos de cordel para o meu tio João que adorava-os. Em julho de 2010, antes do livro de Moacy, eu escrevi um pequeno artigo “Era uma vez um dicionário...”, denunciando o crime que havia sido feito com o Dicionário de Cascudo. Como querer mudar uma cultura. Como desfigurar a obra do nosso maior escritor do Rio Grande do Norte. Numa coisa não concordo com Moacy. Cascudo era, sim, um grande estilista. Escrevia gostosamente como um denço. Como uma estória contada em noite de chuva pelas veias xerazades do nordeste.

O Dicionário de Cascudo é obra de uma vida. Uma obra coletiva onde jamais podia ter sido omitidas as referências bibliográficas e colaborações que Cascudo obteve a duras penas com suas cartas perguntadeiras. Moacy observou que escreveram um outro livro mantendo o mesmo título e autor. Não pode!

Finalmente temos de volta o grande Dicionário do Dicionário Brasileiro. A nova edição da editora Global repõe o que Cascudo escreveu e mantém os indispensáveis prefácios às várias edições. Ao final a Bibliografia de Luís da Câmara Cascudo, por décadas.

Tenho todas as edições do Dicionário do Folclore de Câmara Cascudo. Atesto e dou fé sobre tudo que foi feito. Foram suprimidos verbetes com esse. – “Galinha, Homero não a cita”. Uma referência digna de Cascudo, que unia o universal com o regional. Que trouxe a grande literatura para o nosso folclore.

A 1ª edição do Dicionário foi publicada em 1954. A 2ª ed. 1959. A 3ª ed., 1972. No prefácio da 4ª ed., escreve Cascudo, em 1979. “Para essa 4ª ed., aliás 5ª por ter havido da 2ª uma reimpressão nas Edições de Ouro, trago correções, melhoria bibliográfica, alguns verbetes lembrados e reclamados pelos leitores e originais de Carlos Krebs e Moarci Sempé, gaúchos, e a homenagem aos companheiros falecidos depois de 1972”. No prefácio da 5ª ed. em 1983, Cascudo anuncia não haver alteração no texto do Dicionário devido ao seu estado de saúde.

#### **IV - Cascudo e a Xipofagia**

Apaixão gilbertiana pelo mestre da cultura popular Câmara Cascudo é comovente porquê, com conhecimento de causa e leituras criteriosas do vasto e profundo universo cascudiano. Na revista “Caros Amigos” a primeira coisa que leio é o Pequeno Folhetim do Folclore do Gilberto Vasconcellos que acaba de lançar um belo livro “A questão do Folclore do Brasil do sincretismo à xipofagia” pela EDUFRN no selo da coleção Estudos Norte-Rio-grandenses.

“Tudo que é importante no Brasil vem de Machado de Assis e Euclides da Cunha”, concordo. Gilberto visitou Cascudo mouco e veio morar no nordeste para escrever sobre o seu xará de Apipucos. Escreveu um livro comovente sobre o autor de uma das bíblias da cultura brasileira Casa Grande & Senzala. O ensaio Xará de Apipucos foi editado pela Casa Amarela e é um hino de amor ao escritor e homem Gilberto Freyre.

Na Revista Caros Amigos a maioria dos artigos de Gilberto falam de Cascudo com uma certa devoção: “Nunca tive em minha vida respeito religioso por ninguém a não ser quando fui visitar Luís da Câmara Cascudo”.

Pra falar do seu xará de Apipucos, Gilberto não consegue deixar de falar de Euclides da Cunha e Câmara Cascudo com num tríbico amor intelectual por esses três grandes fazedores da cultura que se complementam numa xifopagia. Gilberto lê Cascudo e destaca o importante conceito da xifopagia encontrado principalmente no livro Sociologia do Açúcar, de 1971.

O negro brasileiro, o santo guerreiro na Bahia, São Jorge esse siegfried católico, converteu-se em Ogum. Citando o pesquisador Roger Bastide Cascudo constata que não há contradição entre a cruz e a figa, entre a missa e o terreiro, entre o Padre Eterno e Olorum. O homem do candomblé no Brasil vive nos dois mundos sem nenhum problema (G. Vasconcellos p. 35 obra citada).

Mas o que é xipofagia? Consulto o dicionário do folclore de Cascudo e não encontro esse verbe. A xipofagia seria algo assim: uma miscigenação mantendo as individualidades.

As etnias Europeias, Americana e Africana se misturaram mantendo sua identidade. Uma mistura sem mistura. Com a palavra meu querido Gilberto de Vasconcellos:

A trajetória do sincretismo à xifopagia detectada na disciplina do folclore com Luís da Câmara Cascudo mostra a influencia ibérica predominante na cultura popular, e a inexistência de fusão propriamente dita de santos e orixás nos cultos afro-católicos. Assim, o procedimento sincrético, em termos de crença ritual, é substituído pela urdidura xipofágica em que a mistura não se diferencia do resultado, permanecendo uma estrutura mental com elementos distintos e paralelos. (A Questão do Folclore no Brasil p. 93).

Ler Cascudo é uma delícia. Vasconcellos sabe disso e se apaixonou por seu objeto de estudo. Cascudo é uma enciclopédia que dialoga com os grandes estudiosos da cultura brasileira: Gustavo Barroso, Roger Bastide, Henry Koster, Dante Laytano, Arthur Ramos e Silvio Romero. Todos referenciados pelo grande escritor Gilberto Felisberto Vasconcellos em mais um belo livro. Belo livro. Os cascudianos agradecem.

## **V - Cascudo Musicólogo**

Cascudo vive no coração e mente de todos aqueles que conseguiram penetrar em seu Universo. De sonhos, crendices, superstições, gestos, arte, ciência e música. Cascudo vive em seus livros. Agora, em boa hora, reeditados por uma grande editora, a Global. Na estante, ao lado dos grandes clássicos da humanidade, a cascudiana tem lugar de destaque. Em cima uma jangada convida a navegar por este universo maravilhoso de nós mesmos, onde o passaporte não é necessário. Da cascudiana vou retirando algumas pérolas garimpadas ao longo de toda uma vida. Algumas precisam de restauro e nova encadernação. E o medo de me separar destas relíquias e desaparecer. Eu não resistiria. No mesmo final de semana, na estante da Gazeta Mercantil vejo o informe da reedição dos Contos tradicionais do Brasil. Uma bela edição que irá se juntar a outras cinco da coleção. Leio no Galo matéria muito boa do amigo Roberto Silva — relembrando uma amizade—, entre dois grandes estudiosos da cultura popular, e que ajudaram a gente a ser mais brasileiro. Sem querer comparar, Almirante — a maior patente do rádio —, construiu um acervo grandioso, vivendo na metrópole e com ajuda das ondas Hertzianas. Através de seus programas educativos e informativos ele, não só transmitia cultura como solicitava dados em todos os cantos do país. Cascudo, vivendo na província, só podia dispor dos livros, amizades e muitas “cartas perguntadeiras”. Construiu uma obra gigantesca e única. Agora vou dormir numa tipóia véia verde num canto de muro ouvindo No tempo de Noel Rosa, transmitido na voz possante do cantor e locutor Almirante. Parece que estou na década de 1950, quando houve um renascimento da obra de Noel. E que beleza: Cascudo lendo oito vezes o delicioso No tempo de Noel Rosa, escrito por Almirante. A cada dia é revelada mais uma nova faceta do musicólogo Cascudo. Toda obra de Cascudo, como toda grande arte e ciência aspira à Música. Antes de dormir olho para uma velha fotografia do Cascudo colocada junto à cascudiana. Sonho colorido com Cascudo . Ele está na sua casa de pijamas verdes e não escuta quase nada. A comunicação não é prejudicada porque ele também nos ensinou que os gestos falam mais que as palavras. A casa estava desarrumada mas transmitia uma grande alegria. Ele me mostra uma aquarela inacabada e me oferta. Eu quase desfaleci de felicidade e agora não sei o que fazer com esta preciosidade. Não sei como preservá-la nem como terminá-la, só sei que não vou deixar descolorir. É assim a obra de um grande escritor. Inacabada e vive para sempre em cada um dos seus leitores. Que belo final de semana. Ao som de uma melodia conhecida: vamos comer, vamos beber, vamos sonhar Cascudo.

## **VI- Cascudo e os clássicos**

A obra cascudiana é um arquipélago, pela multiplicidade e pela variedade dos territórios

que a integram, diz um de seus grandes leitores e biógrafos, Américo de Oliveira Costa, em “Viagem ao Universo de Câmara Cascudo”.

Cascudo é um adepto fervoroso da longa duração e a Divina Comédia pode chegar à igreja do Senhor Bom Jesus das Dores da Ribeira em Natal, na voz de uma fiel zeladora: “No céu manda Deus e na Igreja manda o Papa...”. Nas trinta “Estórias Brasileiras, Cascudo ouviu a velha Bibi como uma Scherazade. Como foi isso Bibi? Eu lhe conto... E a “estória” começava. Parece que estamos lendo as Mil e uma Noites, o Pantchatantra, o Hitopadexa, o Calila e Dimna, o Tuti Namé, Livro de Lucanor, etc. Ler Cascudo é dialogar com a grande literatura universal, que são matrizes da nossa cultura popular.

Miguel de Cervantes, autor do clássico Dom Quixote de la Mancha, é um autor chave na ligação que Cascudo faz entre a idade média e a cultura popular brasileira. Cascudo publicou “Don Quijote no folclore do Brasil” na “Revista de Dialectologia e Tradiciones Populares” (Madrid 1952). Esse texto depois foi incluído no prefácio da melhor edição brasileira do Dom Quixote de la Mancha, editada pela José Olympio, em várias edições na década de 1950. Miguel de Cervantes também aparece em várias outras obras do Cascudo, tais como Prelúdio e Fuga do Real e Literatura oral.

Outro grande autor renascentista com quem Cascudo dialoga é -Luís de Camões -, que escreveu três autos nos moldes da escola vicentina. São eles Anfitriões, El rei Seleuco e Filodemo. Cascudo publicou um pequeno opúsculo com o título “O folk-lore nos autos Camoneanos (Depto de Imprensa 1950)”. Camões utiliza nesses autos muitas expressões populares, rifões, brincadeiras infantis e costumes populares. Cascudo extraiu e analisou algumas dessas brincadeiras e ditos populares tão ao gosto do século camoniano e vicentino.

Auto chamado dos Anfitriões (1ª ed. 1587):

– *Quem poupa ao inimigo morre às suas mãos.*

– *Patrão vossa boa estrela*

Alusão astrológica à estrela da pessoa na hora do nascimento

– *No alho a mis males culpa*

O alho – escreve Cascudo, possui uma literatura universal e vasta. Seu olor afastava os feitiços e também as amorosas o detestavam. Evitava tempestades e seres sobrenaturais.

No D. Quixote de la mancha (1605 – 1615), Quixote aconselha Sancho Pança a não comer alho nem cebola para que “O hálito não denuncie a vilania dos teus hábitos” (D. Quixote 2ª parte).

Ainda no Auto dos Anfitriões: – Do perigo foge os pés / Do diabo o coração.

– *Jogais comigo a panela? De metal ou barro, a panela cheia de pólvora, era arremeçada ao inimigo.*

Auto Chamado Filodemo (1ª ed. 1587)

– *Que por muito madrugar/ nam amanhece mais azinha (ed. anotada pelo prof. Marques Braga 1928, utilizado por Cascudo)*

Por muito madrugar o sol não sai mais cedo. Azinha significa rápido (depressa), e é uma palavra muito utilizada por Camões e Bocage. Encontramos também essa palavra na poesia do



poeta potiguar Lourival Açucena (1827- 1907). Para Açucena, o amor é uma rolinha “leda” e tão “azinha” (Soneto à D. Maria de Melo Azevedo). Leda tem o significado de alegre.

O D. Quixote é um rico manancial de provérbios e rifões bem ao gosto do renascimento de Camões. Excelentíssimo Camões, como dizia Cervantes. O provérbio acima comentado aparece na II parte do Quixote; – Mas vale al que Dios ayuda que al que mucho madruga (mas vale a quem Deus ajuda do que a quem muito madruga ).

A paremiologia popular é o conjunto de provérbios, adágios, rifões, etc, e forma a síntese da cultura popular. Muitos desses ditos da sabedoria popular, utilizados por Camões e Cervantes, ainda são muito frequentes no nordeste brasileiro. – Mas vale bom nome que muita riqueza (D. Quixote). – Sempre ouvi dizer: Quem canta seus males espanta (D. Quixote)

Gil Vicente (1465-1536) considerado o primeiro grande dramaturgo português, escreve: – Quem chora ou canta, fada más espanta. “Parece-me, Sancho, que não há rifão que não seja verdadeiro, porque todos eles contêm sentenças consagradas pela experiência, mãe de todo saber” (Cervantes in D. Quixote).

## **VII - Cascudo Repórter – “Vá baixar noutro terreiro”**

Com essa expressão Câmara Cascudo termina o depoimento dado ao jornalista Jânio Vidal com belas fotos do Argemiro Lima. Artigo publicado em “Cadernos de Comunicação PROAL” de 1977.

No depoimento dado ao Janio, digno de Cascudo, ele fala do jornalismo cultural, do repórter e outros assuntos correlacionados. O jornalismo entre nós é recente e foi inspirado nos jornais franceses “Le Figaro” e “Le Matin”, criadores da fofoca no jornalismo. Nosso primeiro jornal foi “ O Natalense”, de 1832. O jornal era instrumento de disputas políticas. No nosso estado, cobria a disputa entre nortistas (liberais) e sulistas (conservadores).

Em 1954- 55, Cascudo realizou uma pesquisa de como se lia um jornal. É uma ilusão pensar que o leitor vai lendo coluna por coluna (sic). O leitor ler o que interessa.

Aí entra o grande Cascudo repórter:

Eu, por exemplo (desculpe falar assim), andei uma noite inteira a cavalo acompanhando uma ronda do esquadrão de cavalaria. E publiquei a reportagem com o título “ Ronda da Noite”, que é um quadro de Rembrandt.

Cascudo faz outras reportagens sobre tipos populares, costumes, música do povo, das anedotas. “Ninguém falou de prefeito, governador, roupa de mulher não”. Numa reportagem sobre o Paço da Pátria, Cascudo falou do povo, do samba, o que se comia. O que se dançava: tentando dar uma visão movimentar (sic).

Depois Cascudo comenta da sua famosa coluna Brique-a-Brique que durou vinte anos. Das tentativas de jornalismo cultural e das revistas de cultura: todas falidas no Brasil. Fique triste não, Tácito!

O belo artigo termina com uma declaração com todo o molho da verdadeira verve cascudiana. “Eu vi os jornais começarem, por aqui”. Não havia moleque em Natal com coragem para apregoar os jornais. Tiveram que trazer dois moleques de Recife para apregoarem “A República”.

Acabaram-se os grandes pregoeiros de Natal. Os jornais infelizmente estão em queda livre. As fofocas continuaram. O tempo passou na esquina “e só Carolina não Viu”!

## **VIII - Professor Panqueca (1848 – 1926), professor de História Popular de Luís da Câmara Cascudo**

*“O que fui essencialmente na vida? Um professor” Câmara Cascudo*

No dia do professor, nossa homenagem a um pioneiro no Rio Grande do Norte, o professor Joaquim Lourival Soares da Câmara (conhecido como Panqueca). Grande sabedor da cultura popular, dono de uma memória prodigiosa foi informante de Cascudo nas coisas e sabedoria popular. Não fosse Panqueca muita coisa teria se perdido na poeira do tempo, registrada que ficou por esse grande professor e guardião da história, Câmara Cascudo.

Professor Panqueca era filho do nosso primeiro bardo, Lourival Açucena, e foi também professor do poeta Ferreira Itajubá. No centenário de Lourival Açucena escrevi um artigo publicado na Revista Cronos da UFRN sobre o poeta do belo “Canto Potiguara” (Toré):

[http://www.periodicos.ufrn.br/index.php/cronos/article/viewFile/1858/pdf\\_72](http://www.periodicos.ufrn.br/index.php/cronos/article/viewFile/1858/pdf_72)

No século XIX, Natal era uma cidade bucólica, e o prof Panqueca vivenciou as festas religiosas descritas por Cascudo: Serração da Velha, Dia de São Bartolomeu, já não mais em uso. Entre as festas populares, a do “Outeiro”, era um das mais festejadas. Tinha ares literários de festa floral, de jogos de inteligência ( Cascudo in História da Cidade de Natal) .

No Livro de Memórias “O Tempo e EU”, Luís da Câmara Cascudo, assim refere-se às visitas que fazia todos os sábados ao velho professor: “Durante uns dois anos ia todos os sábados visitar o Professor Panqueca, levando-lhe um tubo de pó para asma e uma lata de marmelada Colombo. Residia ao final sul da Rua dos Tocos ( Princesa Isabel ), descalçada, com travessões de pedras esbarrando as enxurradas no inverno. Numa espreguiçadeira de lona , estirava-se, ressuscitando Natal e sua gente imortal ... Professor primário aposentara-se em 1917. Primeiro pastor Batista batizado nas águas do Baldo. Panqueca por ele e reminiscências paternas, conhecia como ninguém a vida provinciana da cidade, sem precisão de datas mas o ambiente humano, poeira que fora atmosfera respirável e o tempo arrastara para o esquecimento. Citando Capistrano de Abreu, referindo-se sobre Vieira Fazenda, diz: “ Não sabia escrever, era dicionário vivo, indispensável para consulta, impróprio para leitura”. Deixou meia dúzia de crônicas, Natal do Meu Tempo, com mais poesia que informação útil. A conversa era preciosa e com ela apagou-se a derradeira chama evocadora da Velha Natal dos Xarias e Canguleiros, candieiros de querosene, feirinha do Passo da Pátria nos sábados, poetas improvisadores nas Lapinhas irrenováveis. Falava com a boca cheia de língua, limpando-a com lenço de Alcobaça. Foi meu professor de História Popular, de tradicionalismo oral. Ninguém o recorda mais ...

No primeiro Livro das Velhas Figuras, Cascudo completa o retrato do grande professor Panqueca.



Fora estudante do Colégio de Educandos Artífices, fundado em Natal no ano de 1858. Esteve em 1874, na Escola Normal, criada pelo Presidente João Capistrano Bandeira de melo Filho, o Bandeirinha. Com um concurso para professor primário, ensinou em Taipu, Muriu, Touros, São Gonçalo e Natal onde foi mestre na Ribeira, de 1882 a 1908, quando ficou em disponibilidade. Com a vida cara para quem se habituara aos orçamentos de outrora, voltou ao serviço publico para não morrer de fome. Auxiliar de Inspetor dos alunos do Ateneu, amanuense da Secretária do Governo, em 1909, passou a 1º Oficial em Janeiro de 1913 e a 10 de Dezembro de 1917, O Governador Ferreira Chaves, atendendo pedido do velho Panqueca, concedia-lhe os favores do Monte-pio em vida. Estava doente, esgotado, inválido. Retirou-se para descansar.

Para sobreviver, Panqueca assumiu outros cargos, foi escrivão da mesa de Rendas de Muriu 1882-83, Maçon grau 30, etc. Era o mais sensível, emocional e enamorado dos tradicionalistas.

Faleceu a 10 de Setembro de 1926. Acreditava não passar dos setenta e sete anos. “Tenho muito medo dos dois martelinhos”, afirmava. Morreu nove dias antes (O Livro das Velhas Figuras No 1 – 1974).

Para iniciarmos a reflexão faz-se necessário entender afinal o que é um golpe. No contexto político contemporâneo, para uma definição mais clara podemos apontar que um golpe de estado se dá quando acontece uma mudança de governo realizada sem a participação popular. No dicionário Houaiss, encontramos uma definição de que golpe de estado é quando se dá “a tomada inesperada do poder governamental pela força e sem a participação do povo” ou ainda “o ato pelo qual um governo tenta se manter no poder além do tempo previsto.

Com tal definição supracitada analisar o golpe de 2016 é se debruçar em uma situação e oposição, para alguns realmente o impeachment da Presidente Dilma Rousseff se tornou motivo de um golpe de estado pseudolegal, institucional”, parlamentar e até “constitucional”, sendo realmente impresso como golpe de estado, sendo uma articulação bem elaborada para o afastamento da Presidente. Foi possível perceber que muitas críticas foram repensadas sobre o mandato e o governo de Dilma no que se diz respeito ao não cumprimento das promessas de campanha ( que se torna comum na maioria dos discursos de campanha), dando privilégios a banqueiros, industriais e latifundiários. Muitos da esquerda buscavam por mudanças nos ambitos : social , político e econômico.

Outros afirmam que o golpe de estado parlamentar de maio de 2016 é apenas uma farsa, um trágico acontecimento, onde os parlamentares em situação da corrupção conseguiu afastar uma presidente eleita democraticamente por 54 milhões de eleitores em nome de “irregularidades” contabilistas. Neste caso não seria interessante investigar e afastar os demais parlamentares?

Na realidade o principal interesse deste pacto melhor chamado de partidos de direita é o grupo parlamentar que dividiram-se em três grupos: os deputados ligados à policia Militar nos esquadrões da morte e às milícias privadas; Os grandes proprietários de terra, criadores de gado e os neopentecostais integristas, homofóbicos e misóginos. O deputado Jair Bolsonaro se destaca em dedicar seu voto aos oficiais da ditadura militar e ao coronel Ustra.Cabe aqui lembrar que Dilma Rousseff foi vitima de Ustra nos anos de 1970.

Depois de toda articulação, o vice presidente que assumiria o posto de Presidente Michel Temer, também envolvido em inúmeras suspeitas, porém ainda não investigado.Diante de pesquisas realizadas foi possível perceber a insatisfação da população em Temer ser Presidente com apenas 2% de aprovação.

Podemos dizer que este golpe pertence à classe dos donos de poder e de dinheiro, tornando um golpe com a ruptura democrática e violação da soberania popular. Infelizmente o motor de todo este processo é a forma em que a elite do dinheiro apropria coletiva sem dó nem piedade, com sócios como a mídia super conservadora, o complexo jurídico-policial do Estado e a contribuição do STF (Supremo Tribunal Federal).

Quando o processo do impeachment chegou ao senado, promoveu ai destruição do mandato da Presidente por crime de responsabilidade fiscal. Analisando por juristas e economistas renomados contando também com testemunhas nas oitavas e nos relatórios fiscais de variadas instituições, depois de toda analise negam a existência de irresponsabilidade. Notou-se que a maioria dos senadores nem deu ouvidos ao que as oitavas de especialistas constataram, pois já havia a decisão prévia de depor a presidenta. Este acontecimento fará

parte na história da política brasileira. Leonardo Boff diz: “Condenar sem crime é golpe. Golpe de classe parlamentar. Golpe significa violar a constituição e trair a soberania popular...” Contudo Dilma não enfrentou somente a indiferença de uma elite contrariada, mas também preconceitos existentes contra as mulheres, principalmente aquelas que relutam contra o poder patriarcal, para ela seria preciso ousar, acreditar e lutar por um país mais justo, atrever a sonhar. Diante disso podemos ou não afirmar que aconteceu um golpe?

A população brasileira sempre lutou por um país justo, democrático e republicano, agora com tamanha insatisfação a respeito de um dos mais audaciosos acontecimentos processo de destruição da soberania popular, que ficará registrado na história brasileira. Ir às ruas, escrever e lutar se tornaram manifestações inválidas em busca da democracia.

Por fim é importante vale aqui ressaltar que todos nós vivemos em um país onde a democracia deve ser de fato exercida, com isso devemos a todo o momento estarmos cientes dos nossos direitos e deveres enquanto cidadãos, para exercermos com liberdade e dignidade o que temos de muito valioso “o voto”.

### **Referências bibliográficas**

CARDOSO JR., J. C. et al. (orgs.). Resistência e Contestação: sociedade brasileira e comunidade internacional contra o golpe de 2016. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2016.

GENTILI, P. (ed.). Golpe en Brasil: genealogia de una farsa. Buenos Aires: CLACSO; Fundación Octubre; UMET (Universidad Metropolitana para la Educación y el Trabajo, 2016.

GUIMARÃES, J. et al. (orgs.). Risco e futuro da democracia brasileira: direito e política no Brasil contemporâneo. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2016.

JINKINGS, I. et al. (orgs.). Porque gritamos golpe? Para entender o impeachment e a crise política no Brasil. São Paulo: Boitempo Editorial, 2016.

MATTOS, H.; BESSONE, T; MAMIGONIAN, B. (orgs.). Historiadores pela Democracia: o golpe de 2016 e a força do passado. São Paulo: Alameda Ed., 2016.

NEPOMUCENO, E. et al. Brasil: Golpe de 2016. Madrid: Ambulantes, 2016.

PRONER, C. et al. (orgs.). A Resistência ao Golpe de 2016. Bauru: Canal 6, 2016a.

RAMOS, G. T. et al. A Classe Trabalhadora e a Resistência ao Golpe de 2016. Bauru: Canal 6, 2016. SADER, E. (org.). O Brasil que Queremos. Rio de Janeiro: UERJ, LPP, 2016. SOUZA, J. A Radiografia do Golpe: entenda como e por que você foi enganado. São Paulo: Leya, 2016.

# Depoimento: do autismo ao altruísmo: uma história de amor.

“Pra seguir seus passos é preciso  
ter brincadeiras como um vício”

Mundo distante – Isis Bergmann

Sou de uma geração cuja realidade virtual era coisa de filme futurista, logo o acesso a informação dependeria da transmissão oral ou da disponibilidade do livro na biblioteca da cidade. O contato com filmes também era escasso, não existia TV a cabo, e nem locadora, apenas a tv aberta que só passava filmes clássicos, que repetiam muitas e muitas vezes. Eu cursava o magistério e já me interessava pelos aspectos mentais envolvidos na aprendizagem. Lembro quando li “Dib, a procura de si mesmo”, em 1983, ali conheci a ludoterapia, e concluí ser a Psicologia a minha área de atuação profissional. Todas as questões envolvendo a mente eram cercadas de tabus, mitos, crenças, fantasias, e esta alegoria de desinformação se estendia aos portadores de transtornos, aos familiares, e aos profissionais envolvidos.

Trinta e cinco anos se passaram e a Psiquiatria, a Psicologia, a Fonoaudiologia, a Neurologia, a Química, a Farmácia, entre tantas outras ciências evoluíram, se inter-relacionam e investigam juntas as patologias. Hoje já não se pensa apenas no transtorno, mas na saúde mental, sua prevenção e tratamento considerando o indivíduo em sua totalidade. Assim é pensada a doença e entre tantas, o Autismo, ou DEA, Distúrbio de Espectro do Autismo, assunto do presente artigo.

O DEA é uma síndrome comportamental que compromete o processo de desenvolvimento ao longo da vida. Atualmente, cada quadro de autismo é avaliado de maneira personalizada, uma das características do autismo é a grande variabilidade de intensidade e forma de expressão em cada pessoa. Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), cerca de 70 milhões de pessoas no mundo são autistas. De acordo com o Hospital Israelita Albert Einstein, 150 mil novos casos de autismo são diagnosticados por ano no Brasil. Estima-se que o Brasil tenha hoje cerca de 2 milhões de autistas. Aproximadamente 407 mil pessoas somente no estado de São Paulo.

Há uma vasta e acessível literatura sobre o assunto, então com a intenção de tornar o texto mais dinâmico e humanístico, o que se segue é o relato de um pai que juntamente com a mãe

identificaram precocemente (chave para remissão de sintomas) os sinais de DEA na filha. Os nomes não são fictícios, e essa foi uma condição imposta pelo casal para colaborar, pois para eles, não há o que esconder. Um texto lindo, uma história cujo amor é a base, do alimento ao remédio.

### **Por Caicó Oliveira,**

“Julia nasceu super saudável e até hoje tem uma saúde ferro. Seu desenvolvimento comportamental e motor foi normal até os 18 meses. Andou aos 10 meses e começou a falar palavras soltas como mamãe, papai, bola com 1 ano. A partir dos 18 meses percebemos um atraso na linguagem como um todo, não só na fala, mas também na linguagem corporal, (Júlia não apontava, não dava tchauzinho e nem jogava beijinho como outras crianças na idade dela) além de sinais de comportamento invasivo, tais como falta de interação, *flapping* com as mãos, não brincava com outras crianças e nem interagia com as outras pessoas. Brincava com objetos inusitados e repetidos, tipo batendo dois controles remoto, talheres e etc. Não apontava, quando queria alguma coisa usava a nossa mão como “ferramenta”. Deixou de falar e no lugar da fala fazia sons sem nexos, principalmente quando estava sozinha. Estranhávamos o fato dela sempre andar nas pontas dos pés. Uns achavam bonitinho, mas eu e minha esposa percebemos que havia algo de errado. Mesmo com nossos familiares dizendo que era só uma fase e que não tinha nada de anormal, nós, os pais, nunca fechamos os olhos para esses acontecimentos, fomos pra luta. A primeira pessoa a identificar um atraso no desenvolvimento da Julia foi a pediatra dela, que nos recomendou fazer uns testes no Instituto Nacional dos Surdos pois Julia não atendia quando chamada pelo nome. Lá foi constatado uma perfeita audição, porém nos foi sinalizado que havia sim um atraso na linguagem associada a outra área do desenvolvimento, segundo a fonoaudióloga, Julia apresentava características do espectro autista e nos recomendou procurar uma psicopedagoga especialista nessa área. E fomos nós novamente. Nessa consulta percebemos uma presença mais marcante do autismo. A psicopedagoga nos fez um questionário e das 15 questões Julia apresentava ao menos 10 daqueles comportamentos. Ela parecia conhecer mais a minha filha do que eu. E foi aí que o chão se abriu e eu e minha esposa, um casal jovem, ficamos por alguns minutos perplexos com a notícia. Nessa fase nossa filha estava com 1 ano e 10 meses. Chegamos em casa nesse dia e o choro era inevitável. Muita dor pela incerteza e falta de informação. Como minha filha vai crescer? Será que vai ser discriminada? Será que conseguirá aprender na escola? Muitas dúvidas e muito medo das respostas. Recorremos à internet em busca de conhecimento. GRANDE ERRO!!! Já experimentou digitar no *google* imagens as palavras “cravos e espinha”? Parece simples né? Mas só aparece coisas bisonhas! Umhas coisas cheias de pus e gigantes!!! Pois bem... foi isso que encontramos quando

pesquisamos sobre o autismo. A maioria eram de casos absurdos e de insucesso. Não ajudou muito. Pelo contrário, nos deixou ainda mais aflitos. Eu fiquei dois dias de “luto”, minha esposa duas semanas. Chorava muito. Tinha medo. Mas chega um momento que temos que deixar o luto de lado e ir pra LUTA! Começamos então a busca por psiquiatras que nos dessem o diagnóstico preciso. O primeiro médico deu o diagnóstico de autismo sem nem sequer olhar pra nossa filha. Se baseou apenas em nossos breves relatos e num simples teste de reflexo, aquele do joelho dos desenhos animados. E antes de encerrar a consulta, recomendou um remédio tarja preta se caso a criança atrapalhasse a nossa vida social. Mentalmente xinguei aquele homem com palavrões que teria vergonha de escrever aqui. Rasguei a maldita receita e o diagnóstico, e buscamos uma segunda opinião. Foi aí que conhecemos a doutora Gabriela Dias, um anjo em nossas vidas. Pacientemente a examinou e nos explicou o que poderíamos fazer para ajudar a pequena Julia. Seguimos todos os passos, e fomos além. Estudamos muito. Compramos livros tanto de autismo quanto de comportamento infantil. Visitamos ao todo 14 profissionais relacionados ao autismo, dentre eles fonoaudiólogos, psicopedagogos, psiquiatras e psicólogos. Além da ajuda médica, percebemos que nossa atuação em casa seria 50% do trabalho visando a melhoria da Julia. Primeira atitude: Como trazer a criança para o “nosso mundo”? Depois de muito tentar descobrimos que a música chamava muito a sua atenção. Esse foi o ponto de partida. O grande início de uma trajetória longa e cansativa, mas que tínhamos a confiança que o que queríamos era fazer de tudo para que ela fosse feliz. Com muito trabalho a passos de formiga, vieram as primeiras vitórias. Em uma das consultas com a neuro, já se percebia alguma melhora na interação, mas nada muito aparente. Sabíamos que ela poderia nunca falar. E a nossa maior dor era ter uma filha e jamais ouvir um “eu te amo”. Chegamos a comentar isso com a médica, aproveitando que a menina não estava perto. Ao chegar em casa um tanto deprimidos, sentamos no sofá e com a pequena no colo a abraçamos e choramos. Como que por um milagre ela levantou a cabeça e mesmo sem olhar diretamente nos olhos ela disse: “Mamãe, eu te amo tá!” Aí a cachoeira desceu!!! Nunca chorei tanto de felicidade na minha vida. Foi nesse dia que decidimos nos dedicar integralmente a essa criaturinha incrível. Foram muitos momentos incríveis que passamos. Muitas conquistas, mesmo demoradas, mas no fim valiam a pena. São tantas coisas pra contar que esse espaço aqui não seria o suficiente. Usamos Jogos interativos, inúmeras sessões de terapias, intervenção em cada estereotipia nova que aparecia, estimulamos nossa filha de todas as formas que os terapeutas nos recomendavam em casa. Mas para concluir esse início da história da Julia e da nossa luta contra o autismo, ao completar 4 anos a psiquiatra fechou o diagnóstico de autismo grau leve mas com 6 ela se desenvolveu tanto perdeu a maior parte das características do autismo e hoje a tratamos como TDAH pois Julia não tem mais estereotípias, se comunica muito bem, interage socialmente, o que tratamos hoje é um déficit de atenção e a contextualização dela que ainda é um pouco confusa. Sabemos que ainda tem uma “poeirinha” de autismo nela, como a própria psiquiatra se



refere, mas só em ver essa criança fazendo amizades, liderando brincadeiras, sendo simpática com todo mundo e falando pelos cotovelos, nos faz olhar pra trás e dizer: Valeu a pena. Faria tudo de novo. Sabemos também que o acompanhamento médico será para toda vida dela. Pois com os anos podem aparecer novos obstáculos relacionados a isso. Mas temos o pé no chão de que com autismo vivemos um dia de cada vez e agradecemos sempre por cada conquista ainda que pareça pequena. O que posso dizer sobre o autismo?... bem, esse não sei muito, mas sobre crianças autistas é que elas não vivem num mundo particular, apenas tem um jeito particular de ver o mundo. Aos pais que estão passando pelo o que passamos eu peço, não escondam seus filhos. Interajam, sejam os heróis que eles se orgulhem. Não limitem a capacidade deles em absolutamente nada! Eles nos surpreendem. Eles vieram a esse mundo muito mais pra ensinar do que para aprender. Confiem em Deus e na ciência e se quiserem se comuniquem conosco. Teremos o prazer em compartilhar nossas “aventuras”. Grande Abraço”.

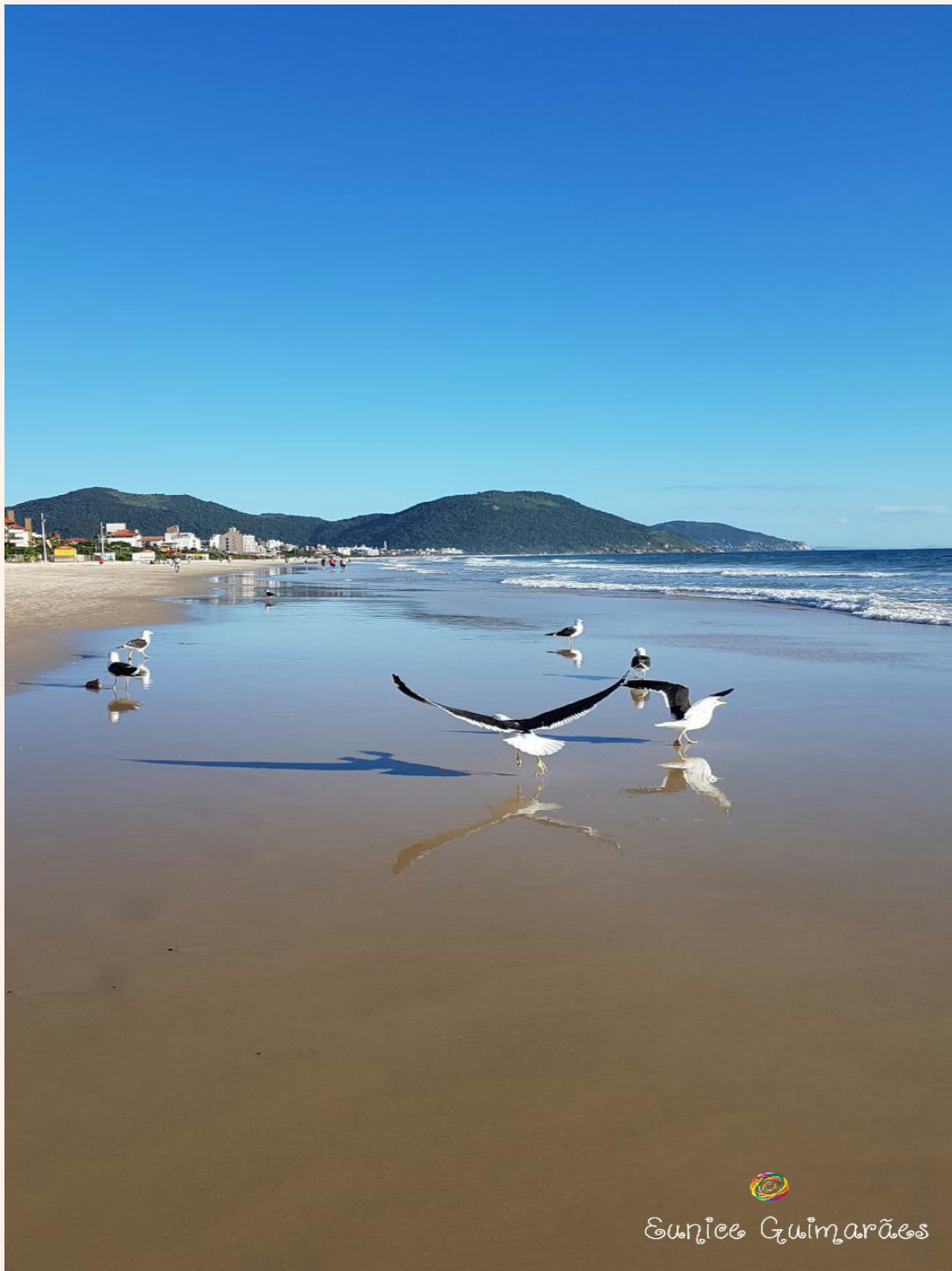
Anderson Oliveira

[andersongq@yahoo.com.br](mailto:andersongq@yahoo.com.br)

Rio de Janeiro, 06 de maio de 2018

**Mirtes Veiga**

Psicóloga Clínica e Hospitalar



# Poesia

## Os barcos

Ulker Ucqar

Não acredite

em rumores de barcos partindo

É um poema doméstico

Como roupas que se vestem em casa

Como chinelos que se usam em casa

Você vê,

neste poema eu não uso o véu

E caminho sobre a água

Para trazer ofertas

aos marinheiros bêbados

Também neste poema

Tricoto uma echarpe

para nosso caçula

E você,

como todos os homens,

Assiste à TV

As velas se abrem

Os barcos vão partir

Nós estamos em casa

E isto é apenas um poema

Versão em azeri:

**Ev şeiri**

Ulker Ucqar

Dadar-dadar gə milərin yollanmasına baxma

bu şeir ev şeiridir

ev başmağı kimi

ev paltarı kimi

mən bu şeirdə

başı açıq dolanıram , görürsən

və suyun üzündə yeriyib

sərxoş gəmiçilərə

meyvə tuturam.

mən bu şeirdə

sonbeşiyimizə

şal toxuyuram

sən bütün kişilər kimi

ekrana dikilirsən

yelkənlər yellənir

biz evimizdəyik

gəmilər yollanır

biz evimizdəyik

bu isə

bir şeirdir!

## **Minha cama**

Ulker Ucqar

O sol

Se levanta todas as manhãs

na minha cama

para se esticar mais longe sobre a terra

A terra

No instante mais intenso da criação

Começa a rolar na minha cama

É na minha cama

Que os trens partem para os campos

E os ônibus param bem na sua metade

É na minha cama

Que a torre de Pisa se inclina

Que Paris se faz suja

É na minha cama

Quando não chove o suficiente

Que os camponeses colhem

danos e arrependimentos

E além disso

É também na minha cama

Que você bate na porta

Que eu tanto gosto

de ver você abrir

Versão em azeri:

**Yerim**

Ulker Ucqar

gün

başını səhər mənim yastığıma qoyub sərilir yerə

yer,

yaradılışın qızmar çağında

mənim yatağımdan yuvarlanmağa başlayır

mənim yatağımdan baş götürür

çöllərə qatarlar

və avtobuslar düz ortasında durur...

Piza

mənim yatağımda əyilir

Paris

mənim yatağımda tüstülənir



yağış

mənim yatağında az yağanda

əkinçilər zərəərə düşür

və

mənim yatağında

sən

ev kirəsi üstündə

xanəsəhabınla sözləşib

dalınca çırpırsan

döyülməsinə həsrət qaldığım qapını!

# Oásis

Antonio Trindade <sup>1</sup>

Olhai, olhai – grito-me – olhai, pobre infante de intransferível reino.

Eis-me aqui, vede a mim, ao meu oneroso eu neste horizonte incômodo.

É mais um dia a que chamam de hoje - penso, como quem aponta bem no meio do terceiro olho

e vejo-me a arrostar o Sol, esse Sol que me incandesce as vértebras mais íntimas de meu oceano fundo, seco.

É mais um Sol em minha vida - digo-me – e é estranho tê-lo assim, como um cavalo grande a me levar pra longe de minha arribação, mira.

Ofego então a vê-lo tão desnudo, mudo, ensimesmando-se refulgurante, neutro feito um riso escroto.

Esse Sol, ah! Esse Sol é tão distante...

E minha janela é tão aqui a sustentar meus fragmentos todos, fragmentos de olhares turvos, que nunca alcançam enxergar toda a visão

sob essa luz malvinda que me invade,

estuprando-me feito um juízo herdado

de minha condição de ser oficioso,

encadernado em educada jaula, bem arrumada e cômoda,

como convém à cama de um fraco faquir, cético.

Recomponho-me.

Recomponde-vos, ó esponja de percepções – digo-me, como quem

busca o rosto e não lembra mais como ele fosse.

Vou lá fora – sugiro-me.

Qual nada! A vida cá é algo feito um furacão domável.

Ainda que errante, é um sentir xerografado pela espelhidade do ato em plena ausência de total imersão.

Tal qual construtor de tortos, espiralo-me até o mais íntimo de minha outorgação, também posta fora de mim,

---

<sup>1</sup> Professor de Educação Básica da Secretaria de Estado da Educação de Sergipe - SEED-SE. Doutorando em Estudos Literários pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Sergipe. E-mail: [antonio.marcostrindade@gmail.com](mailto:antonio.marcostrindade@gmail.com).

e penso: desse modo, vou arquitetar um mundo só de ilusões, cujo fim único é ter a verdadeira dimensão do mundo:

suas águas seus veios suas cores todas e suas flores também sua fauna aquele girino que me escapou de novo e aquela melancia e aquele ribeirão e aquela indagação que alguém lançou ao ar e que o vento veio e louco levou tanto pra longe, proutras consternações,

distantes...

O que se pode dizer a si mesmo

ante as constatações já feitas por terceiros outros,

que se esqueceram só de se porem à prova, em sua ciência doura,

de se porem à prova nas horas daquele perquerimento auto,

aquele feito sob a sombra atroz, recolhadora,

como uma mãe endófaga,

em sua mansidão de loba, faminta geratriz?

Então, então penso na luz de novo...

Sim, penso na luz desse Sol incontornável, que me sufoca aqui neste existir, pequeno.

Eu o vejo.

Não posso duvidar que o vejo.

Disso tenho exata prova em minhas retinas roucas,

nessas retinas quase vulvas, de tanto senti-lo em si desse jeito

rascante, real, fundo feito falo, e fecundante feito novelo.

Vê-lo assim: sino desdouro, sim, é assim que o vejo.

Saí de mim, ó luz arremetida sobre minha frágil compleição de ser atônito!

Deixai-me envolto em minha escuridão domada,

Tirai de mim essa pavorosa visão que me alumia a altura em que assisto, nesta montanha íngreme a que me vejo preso sem ter sequer sabido como entrei.

Retirai-me de tal porta, ó pesada solução!

Defenestrei-me de vossa fenda fina, que me leva a  
ciclópicas estadas de janeiro.

Eu busquei a solidão da sombra, sentei-me em um cômodo divã,  
senti-me perdoado de ter estado tanto a vê-lo, a ele, a esse Sol distante,  
e não me libertei.

Ainda sou daqui, dessa janela imóvel, o melhor morador, o que nunca se deu cebola solta, e só viveu do açúcar  
inútil da indagação, insípida.

.....

Penso dizer alguma coisa – que filtre.

Boca desconhece palavra – tal.

Ante imperativo silêncio, a mim mesmo me digo, pois:

calai, calai, minhas superfícies girantes!

Parai, roda de fogo sem governo!

Parai que a luz desse Sol já basta a me queimar entranhas, espinha, a alma e tudo que em mim há, de vero.

E evém súbito a noite, alfim...

Respiro.

Eis que me vejo perto a descansar pela noite.

Ansiava vê-la vindo a me salvar daquele Sol tirano...

Mas qual!

Ele ainda emana aqui, de através!

De minha janela, vejo sua luz sorrindo como se me gritando:

Vede, pobre buscador, Sol – eu existo -, só,

e é assim e assim será... e sai a gargalhar ululante.

Eu, exausto, inerte em minha constrição, entrego as armas e,  
encolhendo-me em minha altura rente, peço-lhe, agora sim remoço:  
vinde, mefistofélico irmão feroz, mijai em mim, cálice oco,  
tenho sede.

## **PLANÍCIAS DO AMOR**

Apascentar estrelas  
na noite calma,  
embalar os sonhos,  
acalantar a alma.

E deixar o coração voar  
nas planícies do amor,  
no distante mundo sem fim.

(José de Castro)



## **NINHO DE BORBOLETA**

Terei mãos de carinho  
para te fazer borboleta  
efêmera, abrigada de  
ternura em meu ninho.  
Tuas asas frágeis suaves  
me enternecem de azul.

(José de Castro)

## **SORRISO DE ESTRELA**

Eu vi uma estrela no céu,  
delicada a me espiar.

Brilhava como o teu sorriso,  
piscava como os teus olhos  
quando namoram os meus.

(José de Castro)

# Golpe

*Christina Ramalho*

não há ser ou não ser

há a negação

de todas as coisas

que caberiam

na face líquida

da palavra justiça

na face aérea

da palavra sonho

na face ígnea

da palavra luta

na face telúrica

da palavra democracia

mas o golpe galopa

na garganta da noite

é faca na carne da verdade

é ferida desmedida

no corpo da pátria

que estrangulada

entre o nada e o nada

deixa de ser

água, ar, fogo e terra

para ser midiática matéria

na boca do esgoto  
que engole o voto  
com o controle remoto  
colocado nas mãos do povo  
como um ovo  
de serpente  
e a mulher  
exilada do chão  
de sua própria casa  
portando o olhar  
de quem bebeu  
da fonte-fênix  
que tudo vê e sabe  
soletra as letras do golpe  
e se recolhe  
nas trincheiras  
para pintar com tinta guerreira  
os dias que sempre vêm  
atrás dos que se vão

o golpe não se engole  
o golpe se cospe  
o golpe é esse escarro  
rolando nos panos da bandeira  
ácido corroendo  
pássaros e pessoas  
restos desconexos  
de gente que se conecta

em nome de uma abjeta fome

de ter

não há ser ou não ser

de uma Dilma

multiplicada

nascerá

a contragolpe

o desenho da palavra

que recria os elementos

e sopra ar

na boca de novos sonhos

e esparge água

no rosto da nova justiça

e atíça o fogo

de todas as lutas renhidas

e planta na terra

a história dos novos dias

reinventado em gestos

a palavra DEMOCRACIA.

## DE PONTA CABEÇA

Traço em mim esboços

Subtraindo-me medos...

Atravesso meus segredos.

## RASCUNHO

Em nossos punhos tocados

Beiramos um amor

Nem real, nem sonhos.

## SILENCIAR

Acalme-se

Lembre-se

Silencie-se.

## ONDAS

Põem e retiram

Vem e vão

Saudades vãs.

Clécia Santos



## AFINAL, PELO QUE VALE REALMENTE A PENA LUTAR NESTA VIDA?

**Edson Bastos**

[arjunaself@gmail.com](mailto:arjunaself@gmail.com)

Décadas, anos, meses, semanas  
Dias, horas, minutos, segundos,  
Pertencem à catraca, ao metro do tempo  
Mas não dizem muito ou nada  
Da pouca ou da muita vida que há.  
Quanta vida em um único segundo!  
E quão vazios tantos anos sem fim!  
Paradoxo  
Na dança do ser-estar no mundo  
Por tantas vezes bamba a corda canta  
Se esmoreço ou enlouqueço  
Ante Cronos e seu preço  
Afinal, há final?  
Ou apenas recomeço?

E quanto à pena?  
Olho o horizonte,  
Em busca do que me conte.  
E eis que o Fernando em Pessoa  
Vem lembrar de um outro metro:  
O metro da alma, que é o metro da vida.  
Então olho pra minh'alma e grito: cresça!  
E veja que sim, vale à pena lutar mais.  
Pelo bem que não vende na TV, nos jornais  
A revolução silenciosa de uma nova consciência  
Antídoto para toda vida que seca e se esvai  
Na ilusão da desilusão com o mundo

Sim. Vale à pena lutar.  
Por essa luz maré que sobe devagar  
Sem pompa nem circunstância

Sem tsunami, sem violência

Sem hipocrisia, sem incoerência.

Sim. Vale à pena lutar.

Pela tocha reversada da esperança em minhas mãos

Que em chamas me chama a vivê-la

E quantos e quantas nela comigo!

Sim, valerá sempre à pena lutar

Pelo tanto de vida

Que na vida ainda pode caber.

## CHEIRO ESCRITO

Nos tempos  
de afetos líquidos  
o cheiro, o beijo, ...  
é por escrito...

Se a escrita  
é teoria...  
há muito beijo  
e cheiro teórico...

Se a teoria  
ainda é superior  
a prática...  
o cheiro, o beijo, ...  
estão em alta!

Nos tempos  
de afetos líquidos  
o cheiro, o beijo, ...  
não são consumidos!

Fátima Gonçalves

**Atenção!**

**Corrida contra o tempo**

Quem por acaso vir a alegria  
Correr nas noites frias  
Ou em meio a casas vazias  
Curtindo a melancolia  
Junto às multidões  
Festas, boates, porões  
Favor trazer à rua da simpatia  
Pra preencher minha vida vazia  
Será bem gratificado  
E, por favor, seja rápido  
Que o tempo está passando  
E minha existência se esgotando.

**Instante**

Em meio aos verdes montes e às mais profundas reflexões  
Em meio às decepções e ao ressentimento  
No desespero, na agonia  
Aconteceu você!  
  
Chegou de mansinho trouxe luz ao meu caminho  
Me fez crescer, sorrir, viver.  
Me fez encontrar a paz e a esperança.  
Foi você!

A razão do meu sorriso

O motivo do meu choro

O momento mais feliz, que acompanha o desgosto.

É você!

A minha reflexão,

Minha fuga, minha razão

Meu instante criança, minha maturação.

Sempre você!

O repentino, agora inesquecível.

### **Soneto dos Sentimentos**

A solidão se descobre em um só momento

O amor se revela na última chama

A alegria que sentimos sempre se proclama

A indiferença dos seres se acaba com o tempo.

A amargura é fruto de um ato sombrio

A paixão se resume em um simples desejo

O coração acelera através de um beijo

Um abraço surge de um calafrio.

A vida é feita desses sentimentos

As pessoas existem para senti-los

E em cada um deles há sofrimentos.

Através de um beijo, coração a palpitar  
Da indiferença, vários lamentos  
E de um simples olhar, a arte de amar.

### **Soneto do Meu Eu**

Minha vida tem ideias divididas  
Meu coração se processa em tormentos  
Me encontro cheia de lamentos  
Me descubro em ações vividas.

Muitas vezes sou recriminada  
Procuro me manter com os pés no chão  
Outras vezes sou exemplo de paixão  
E passo a me sentir iluminada.

Queria agora estar no meio do deserto  
Ou quem sabe estar dentro de um navio  
Queria ter o meu grande amor por perto.

Me sinto sozinha nesse mundo sombrio  
Meu coração se encontra incompleto  
Por que estou sentindo esse vazio?

Livia Santos Ferreira, 23 anos, graduada Letras Português e Inglês pela Universidade Federal de Sergipe e Mestranda em Estudos literários pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da mesma instituição. Atuo na área da docência desde a educação infantil, no ensino de inglês, até o ensino fundamental maior no ensino de Língua Portuguesa.

## **As crianças do vilarejo**

O vilarejo tem doze casas e duas escolas.

Um lago, um teatro e um cemitério.

Tem um parque.

E indústrias de parafusos e molas.

Os homens (indústriais) uniformizados e prontos.

As mulheres (teatrais) risonhas e sonolentas.

Algumas meninas no parque,

Junto aos meninos (aqueles tontos)!

É um lugar pequenino como um feijão.

Em um prato inteirinho, inteirinho...

É daqueles lugares que todos se conhecem,

Mario e Maria, Rafaela e Carlão!

As crianças fazem isto:

“Casa-parque-escola-teatro

Teatro-lago-casa”.

(Os adultos não aprovam isso,

Realmente não gostam disto)!

Brincam alegres e se divertem,

Estudam contrariadas ou contentes,

E às vezes os adultos esquecem,

E viram crianças em suas mentes!

Maria Gabriella



## Candidum

Renata de Castro

Via seios de Hera

Láctea, do leite dela

nasce no Universo

o espaço da Terra.

Copos-de-leite

transbordam a dor do parto

É de Hera o alimento farto

ou são as lágrimas

da exilada Eva?

As gotas de leite

vêm com a Primavera

Porque certo é o florescer

do lírio-dos-poetas.

## A pedreira e a poeira

Ao mesmo tempo  
a montanha e sua sombra de lembranças.  
Tão grande que não tenho medo.  
Agora, tão grande que já não vejo.  
Como se fôssemos felizes  
sendo separadas...  
Às vezes as duas ainda a se reconhecer.  
Como a pedreira e a poeira  
a tomar tudo  
ora pelo barulho,  
ora pelo silêncio  
que ecoa de dentro.

Jean Sartief

## **Amor**

Eu amo a vida

Eu amo amar.

Amar o amanhecer

E o canto dos pássaros.

Eu amo conhecer

Tudo o que eu puder.

Amo um cuscutz quentinho

Com uma manteiga de fazenda.

Eu amo de verdade

Viver e sentir.

Eu luto pelo amor.

Amor que me faz lutar.

Gilberlan Santos

## CANÇÃO DE NINAR

Dorme, menina, dorme  
que a noite já vem  
lá fora os passarinhos  
bem quietos em seus ninhos  
estão a dormir também.

Fecha os teus olhos  
Luzes plenas de amor  
e nos meus braços repousa  
tua alma de menina  
que tem um cheiro de flor.

Dorme, menina, dorme  
os anjos de ti vão cuidar  
eu aqui ao teu lado  
a noite inteira vou ficar.

Dorme, menina, dorme  
a manhã logo vai despontar  
dorme que eu canto pra ti  
essa canção de ninar.

Dorme, meu bem, dorme  
Até o dia clarear  
Os pássaros da manhã  
Bem cedo virão te acordar  
E teus olhos vão se abrir  
Feito estrelas a brilhar...

Paula Belmino

# Encontro

A ansiosa Dona Joanhinha  
queria logo encontrar  
um bichinho parecido com ela  
para ser o seu par.

Cheio de pintinhas  
usando chapéu e paletó  
um besouro colorido  
para ser seu amor.

Buscou por todo jardim  
de lá pra cá, de flor em flor  
cigarras, grilos, formigas, pulgões.  
Nenhum inseto lhe agradou.

Dona Joanhinha era exigente  
só um inseto colorido ia servir  
para se casar com ela  
e a família construir.

E de repente encontrou  
preto e branco um soldadinho  
foi amor à primeira vista  
ela se apaixonou pelo viuvinho!

E agora quem passa no jardim  
vê entre as flores  
uma joanhinha colorida  
e um soldadinho de paletó.

Insetos pretos, brancos, vermelhos ou verde  
um jardim de toda cor.

A natureza em sua diversidade  
é um cenário de respeito e amor.

Paula Belmino

A luz do sol  
colore o olhar  
da menina a voar.  
Leve feito pluma,  
feito folha ao vento,  
eu seu pensamento  
é ave ao céu a bailar.

No arrebol  
A menina ao sol  
vem e vai,  
gira em seu balé  
dentro do girassol  
Onde gosta de estar.

A vida passa  
sob o sol de abril,  
principia a paz  
perfume delicado,  
pueril.

É preciso cuidado,  
qualquer passo em falso  
o girassol pode não abrir  
e a menina a brincar  
de roda cair.

A menina e o girassol:  
um casamento perfeito  
brincam, enfeitam  
da natureza espreitam  
ares de céu.

Sempre ao sol  
a menina e o girassol.  
como ave a menina canta,  
e a música da vida  
o girassol ciranda.

Vão os dois:  
menina e girassol  
brincam de girar  
aceitam toda luz  
do sol neles a brilhar.

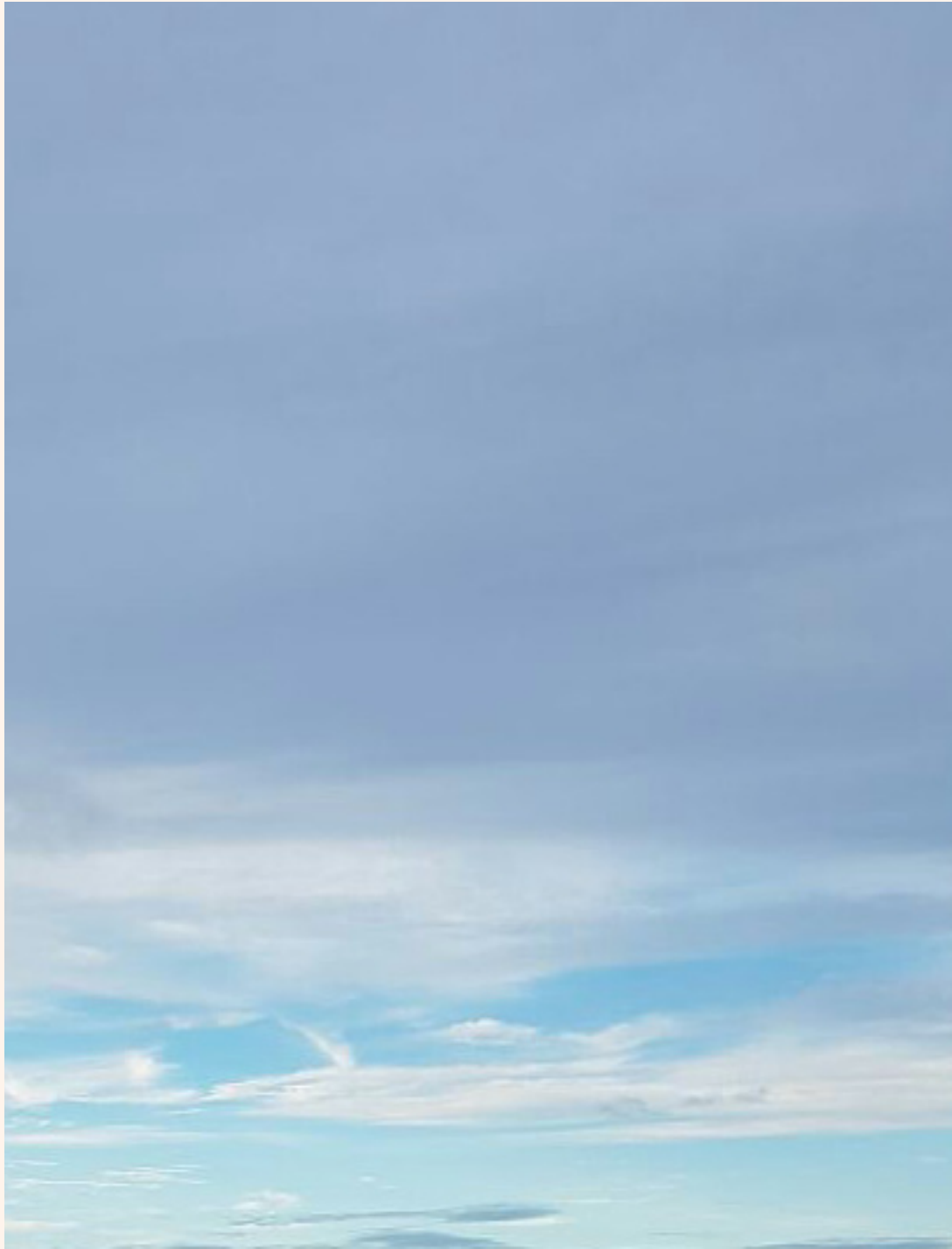
A menina é ave,  
o canto da paz  
é vida a girar  
dentro do girassol.  
O girassol é



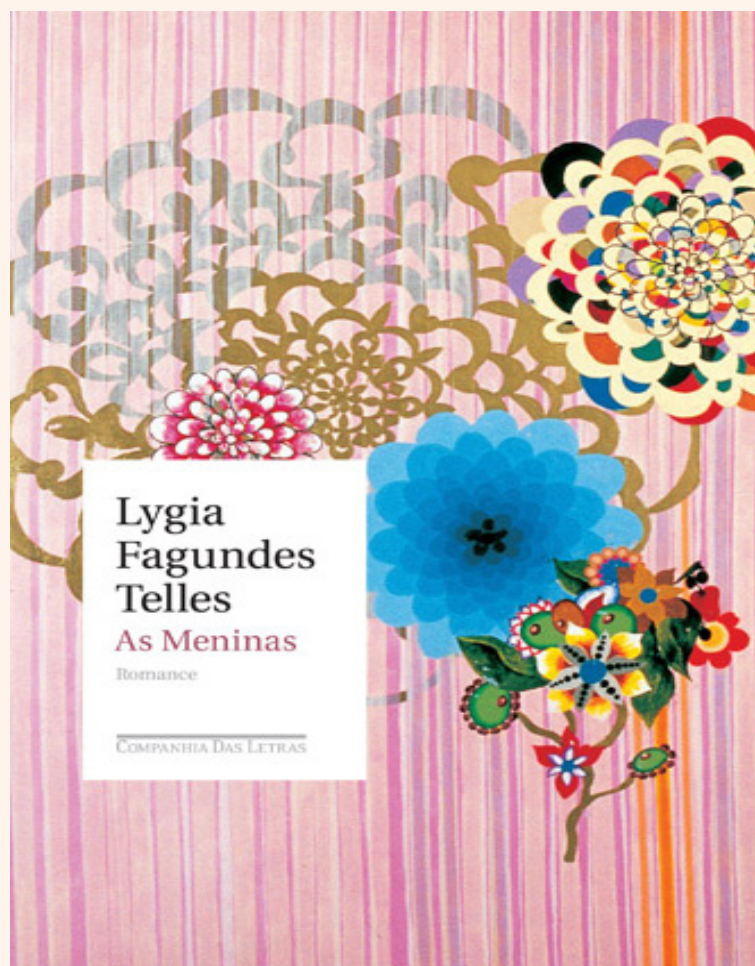
flor delicada,  
é todo energia,  
é luz do sol.

Menina e girassol  
Finas flores de abril  
amando toda luz  
a cirandar  
antes que a noite chegue  
e esconda o girassol,  
o sol,  
a menina,  
sob o luar.

Paula Belmino



# Resenha



As meninas  
Lygia Fagundes Telles  
Editora: Companhia das Letras  
Cidade: São Paulo  
Páginas: 301  
Ano: 2009  
ISBN: 978-85-359-1430-6

### **Rosângela Trajano**

O romance de ficção *As meninas* de Lygia Fagundes Telles foi publicado em 1973 em plena ditadura militar e narra a história de três jovens que fazem faculdade e moram no pensionato católico Nossa Senhora de Fátima em São Paulo. São elas: Lorena Vaz Leme, Lia de Melo Schultz e Ana Clara Conceição. Três jovens cheias de sonhos e também problemas a serem superados que vão surgindo ao longo da narrativa. Lorena namora com Fabrizio, um amigo da faculdade, e mantém um amor platônico por um homem casado, mas continua virgem. Um homem que tem cinco filhos e tem medo de deixar a esposa sozinha, vive a escrever-lhe cartas e assina com as iniciais M.N. de Marcus Nemesius, médico ginecologista. Lorena passou a sua infância na fazenda com os seus irmãos Rômulo e Remo, segundo ela o seu irmão Rômulo morreu num trágico acidente com um tiro numa brincadeira com Remo. Lorena estuda Direito. Lia é filha de baiana com alemão, milita na luta contra a ditadura. Quando menina teve um caso homossexual. Estuda Ciências Sociais. Lia é carinhosamente chamada de Lião, esse

apelido surgiu pela sua força revolucionária esquerdista. Quando inicia-se a ditadura militar o seu namorado Miguel é preso. Ana Clara viveu uma infância de muito abandono e solidão, criada em um cortiço viu a mãe apanhar de muitos homens, sua mãe Judite era prostituta. Quando criança foi abusada sexualmente pelo seu dentista chamado doutor Algodãozinho. Ana torna-se modelo e vai estudar psicologia. Ana namora Max que carinhosamente a chama de Coelha, diz que está grávida e pretende abortar. A narrativa do romance começa com ela e Max conversando na cama drogados e bêbados. O romance fala sobre questões sociais importantes nos anos 70 que vão desde o preconceito com os negros, a homossexualidade e a ditadura militar. Lia pretende fugir para a Argélia onde encontrar-se-á com Miguel, mas uma noite antes da sua viagem encontra Ana Clara drogada e a leva para o seu apartamento onde faz-lhe tomar um bom banho. Depois de reclamar de uma dor no peito Ana Clara morre de overdose no apartamento da amiga. Lia e Lorena tiram o corpo de Ana Clara do pensionato e o abandonam em uma praça. As três meninas vivem os dramas que todos os jovens viviam naquela época: namoros, revoluções, estudos, conflitos com a realidade, etc. Ana Clara é a que menos sabe o que quer da vida e a todo tempo sente uma pequena inveja das amigas que vêm de famílias mais favorecidas. A autora levou três anos para escrever a obra que torna-se linda, árdua e cheia de vontade de liberdade. Difícil encontrar uma obra tão bem escrita em plena ditadura militar. Lygia consegue colocar na sua obra os sentimentos dos jovens daquela época.



 Eunice Guimarães

# Expediente

# Expediente

Revista Barbante  
Ano VI - Nº 22 - 27 de maio de 2018  
ISSN 2238-1414

Editoras  
Rosângela Trajano  
Christina Ramalho

Revisão  
Dos autores

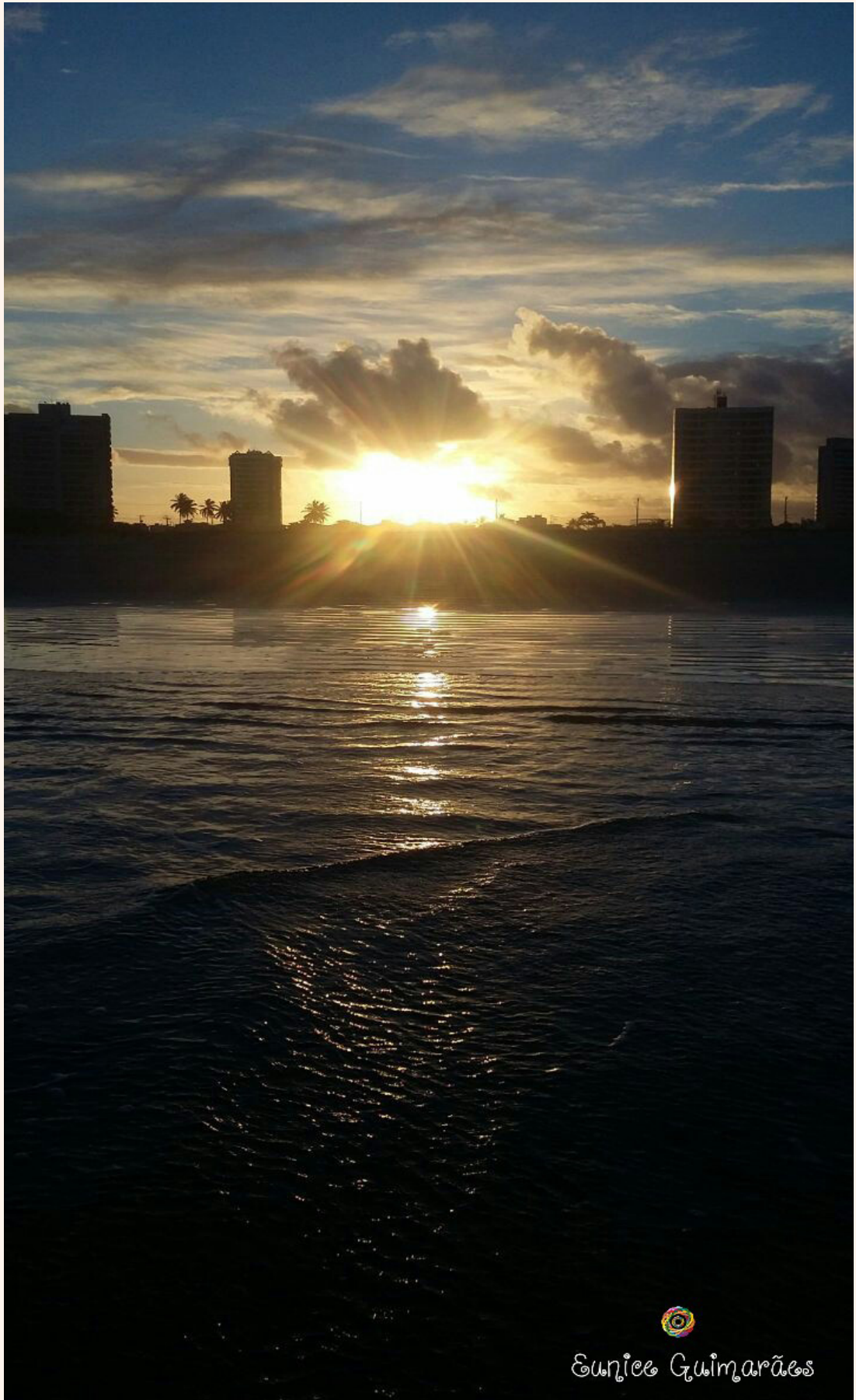
Conselho editorial  
Maria Reilta Dantas Cirino  
Shirlene Mafra  
Éverton Santos  
Filipe Couto  
Sylvia Cyntrão

## Ilustrações desta edição

**Maria Eunice Guimarães Santos Garcia**, nome literário Eunice Guimarães. Nascida em Japoatã/SE. Residente em Aracaju. Escritora e poetisas com diversas participações em antologias poéticas no Brasil e Portugal, e com publicações nas Revistas EisFluências, Criticartes, Poemas do Brasil e Barbante. Acadêmica da ALV- Academia Literária de Vida, Acadêmica Correspondente da ALMAS- Academia de Letras, música e Artes de Salvador e ACECALB – Academia Evangélica de Letras do Brasil, Comendadora da Embaixadora da Poesia, Membro do Café Poético Sergipano, do Sarau de Mulheres e Poemas do Brasil, Participante do Recanto das Letras. Apaixonada por fotografia.

Os textos assinados são de inteira responsabilidade  
dos autores.





Sunice Guimarães

